

# elixir

HILARY DUFF



elixir

---



eli



xir

---

HILARY DUFF

& ELISE ALLEN



COM SEUS DEZESSETE ANOS, CLEA RAYMOND VEM SENTINDO O CALOR dos holofotes desde que nasceu. Filha de um renomado cirurgião e uma importante política, ela se tornou uma talentosa foto jornalista, refugiando-se em um mundo que a permite viajar para diversos lugares exóticos. No entanto, após seu pai ter desaparecido em uma missão humanitária, Clea começa a perceber imagens sinistras e obscuras em suas fotos revelando um belo jovem, um homem que ela nunca viu antes. Quando o destino faz Clea se encontrar com esse homem, ela fica espantada pela conexão forte e instantânea que sente.

NOS SONHOS

---

é

NO AMOR

---

não há

IMPOSSIBILIDADE

---

# Shadow Hunters





}

---

EU ESTAVA SUFOCANDO.

Espremida em meio a um oceano de pessoas, eu tentava respirar, mas o ar não vinha, O calor de um milhão de corpos em movimento ardia sobre mim, deixando a atmosfera densa de tanto suor. Eu estava desesperada para sair dali, mas luzes ofuscantes piscavam sem parar, confundindo meu senso de direção.

Estava perdendo o chão. Quase desmaiando.

Respirei fundo com muito esforço e tentei me acalmar. Estava tudo bem. Não era como se eu estivesse em algum lugar perigoso. Eu estava em uma pista de dança na boate mais exclusiva de Paris. Várias pessoas passavam a noite toda congelando na fila só para ter a chance de estar ali.

Não adiantou. Uma batida eletrônica entrava retumbante no meu cérebro, cinco notas que se repetiam várias, e várias, e várias vezes até eu não aguentar mais. A multidão estava me espremendo cada vez mais. Eu não conseguia mexer meus braços nem virar a cabeça, e, de repente, tive a sensação de que aquilo nunca mais teria fim e de que eu iria passar a eternidade toda presa naquele minúsculo espaço claustrofóbico feito um caixão.

Como o caixão do meu pai. Ele teve um caixão? Foi enterrado? Alguém soube quando ele morreu? Estava sozinho, perdido na selva? Foi atacado por animais? Foi

encontrado por alguém que o torturou? Ele rezou para ser salvo por nós antes que fosse tarde demais?

Essa foi a gota d'água. Agora eu já não conseguia mais respirar. Fechei os olhos e forcei meus braços para cima e para os lados, nadando em desespero em meio aos montes de corpos que se debatiam e se esfregavam. Quase chorei quando senti uma lufada de ar frio do inverno no meu rosto. Eu tinha conseguido chegar à sacada. Cambaleei até um sofá e me apoiei no encosto, enquanto deixava o ar fresco encher meus pulmões.

Eu estava salva; eu estava bem. Respirei fundo mais uma vez, agora já calma e recomposta, e olhei para o horizonte de Paris à noite, vendo a Torre Eiffel banhada por luzes amarelas. Era lindo. Num impulso, tentei pegar a câmera na bolsa pendurada na minha cintura, mas é claro que não a tinha trazido para a balada. Suspirei, erguendo a mão até o pingente em forma de flor de íris que sempre uso no pescoço. Passei meus dedos pelas três pétalas voltadas para cima e pelas três sépalas voltadas para baixo. “Elas representam a fé, a coragem e a sabedoria”, disse meu pai, enquanto punha o colar em volta do meu pescoço no meu aniversário de cinco anos. “Você já tem tudo isso de sobra, minha garotinha”, continuou ele, ajoelhando-se para me olhar direto nos olhos. “Mas quando as coisas ficarem difíceis, e você se esquecer disso, este colar vai ajudar você a se lembrar.”

— Clea você está bem?

Abri um sorriso e virei para ver a minha melhor amiga desde sempre vindo até mim na sacada, com suas sandálias de tira e salto alto.

Junto de seu vestido dourado, das pernas enormes e dos lindos cabelos ruivos cacheados, elas deixavam Rayna parecendo uma deusa grega

— Estou, sim — respondi, mas as rugas que se formaram de repente em sua testa deixaram claro que ela não estava acreditando muito em mim.

— Você estava pensando nele?

Nem precisei responder. Ela olhou para a minha mão, ainda sobre o pingente de íris, e entendeu tudo

— Isso piora quando você fica sem dormir — disse ela — Talvez seja melhor a gente voltar pro hotel e...

Recusei, balançando a cabeça antes que ela terminasse de falar. Eu já ia estava muito melhor. E mesmo que não estivesse, dormir não me ajudaria em nada. Ao

longo do último ano, o sono geralmente era só um convite para pesadelos que eu não queria ter.

Alem disso, mesmo sabendo que Rayna me deixaria sozinha num piscar de olhos se eu pedisse, eu também sabia que essa era a última coisa no mundo que ela queria fazer. Só faltavam mais três dias para o fim das férias de inverno e depois ela teria que voltar à Academia Vallera, em Connecticut, para terminar o último ano do colégio. Eu sabia bem como era isso, nessa época, no ano passado, eu estava na escola com ela.

Só depois de muito insistir, minha mãe concordou em deixar que eu estudasse em casa. As férias de inverno estavam sendo ótimas: Rayna e eu passamos três semanas inteiras viajando e curtindo todo aquele luxo, e ela com certeza não queria perder nem um segundo do tempo que a gente ainda tinha mofando em um quarto de hotel.

— Estou ótima — garanti a ela. — Eu só precisava tomar um ar. E a *Le Feroce* fica aberta a noite toda. A gente está só começando.

— Isso! — vibrou Rayna, soltando um gritinho. Ela então chegou mais perto de mim e disse num tom muito sério: — Vou lá buscar os nossos rapazes.

Abri um sorriso enquanto ela voltava, batucando os saltos no chão até as portas de vidro. Os “nossos” rapazes. Eu achava tão fofo ela falar assim, mesmo sabendo que nós tínhamos acabado de conhecer aqueles rapazes no bar, há menos de uma hora.

Acomodei-me em um sofá e fiquei olhando para o horizonte, compondo fotos na minha cabeça e pensando nos trabalhos que eu poderia fazer quando voltasse para casa. Alguma coisa que valesse a pena, eu esperava. Talvez algo que pudesse ser usado pela GloboReach, a fundação de caridade do meu pai. No ano passado, meu pai praticamente só foi lembrado na mídia pelos frascos que tinha encontrado; era como se o mundo todo tivesse esquecido de que ele sempre se dedicou a coisas mais importantes, como salvar vidas.

— Aqui estão... os rapazes! — proclamou Rayna, fazendo um floreio com a mão enquanto chegava com os “nossos rapazes” a reboque. — Pierre... e Joseph.

— Oi — disse eu, sorrindo, enquanto pegava uma bebida que Joseph ia e tinha me trazido — Valeu

— *Pas de problème*<sup>1</sup> — respondeu Pierre por Joseph, enquanto se a jogava em uma poltrona ao lado do meu sofá. — É um prazer cuidar de *deux belles filles* como vocês — ele colocou dois copos de bebida em uma mesinha e então chamou Rayna — *Viens, ma chérie! Viens!*

Ele soltou um rosnado de brincadeira, pegou Rayna pela cintura e a puxou para o seu colo. Aquilo era sério? Rayna pareceu achar que sim. Soltou um gritinho alegre e então se acomodou, sentada de lado, virada para ele, fingindo um olhar sério

— Você é muito danado, viu — esbravejou ela

— *Mais non!* — protestou ele entregando uma bebida para ela como oferta de paz — *Pour toi* — completou, com carinho

— *Merci* — agradeceu Rayna, olhando nos olhos de Pierre e arqueando as costas só para parecer que seus peitos eram maiores enquanto tomava um gole, e então pôs o copo na mesa — *Et pour toi* — ronronou ela, aproximando-se dele para um longo beijo ardente.

Fascinante Graças aos meus pais, pude ver alguns dos maiores atores da nossa época no palco. Mas o desempenho de Rayna na arte da sedução superava todos eles, sem dúvida alguma. Eu só não estava muito contente com o parceiro que ela tinha escolhido desta vez. Pierre era lindo, e seria praticamente um crime contra a humanidade se ele não fosse modelo, mas era tão magro e ossudo que ficar sentada em seu colo para trocar uns beijos me parecia tão confortável quanto deitar em uma cama de porcos-espinhos. Mas Rayna não estava ligando. Ela parou para respirar com um sorriso que prometia muito mais, então se inclinou na minha direção e sussurrou para que todo mundo ouvisse:

— Eu e o Pierre somos *almas gêmeas*.

Tentei não rir. Eu teria rido se fosse só uma brincadeira, se ela só quisesse mostrar a Pierre que ele não estava gastando seu dinheiro com bebidas à toa. Mas eu sabia que, pelo menos naquele momento, ela realmente acreditava naquilo, como tinha acreditado quando disse o mesmo sobre Alexei, Julien, Rick, Janko, Steve, Avi... todos os meninos pelos quais havia se apaixonado perdidamente nas últimas três semanas.

Eu mesma não acredito em almas gêmeas, mas Rayna adora o conceito. Adora

---

<sup>1</sup> Em francês, sem problemas". (N.E.)

o romance frenético de uma nova paixão. É como uma droga, nada a faz se sentir mais viva que isso. E sempre que era arrebatada por esse turbilhão de êxtase, Rayna realmente acreditava que desta vez seria de verdade; desta vez seria para sempre. Apesar de todas as suas decepções e desilusões, Rayna continuava acreditando cegamente na existência do amor verdadeiro. Essa é uma postura com a qual não me identifico nem um pouco, mas que admiro muito nela.

— Fico feliz por vocês — disse eu, sorrindo. E fui sincera. Se o que ela queria era um romance com um homem ossudo, ótimo.

Ela retribuiu meu sorriso e então voltou a se concentrar totalmente em seus beijos com Pierre, evitando com muita habilidade ser cutucada pelas pontas duras de seu queixo e de suas bochechas.

—Aham...

Joseph havia se acomodado no sofá ao lado do meu. Ele estava com a sobrancelha franzida. O pobre coitado provavelmente estava esperando a minha atenção desde que chegou ali.

— Desculpa — disse eu, virando meu corpo para ele.

— Tudo bem? — perguntou ele com um forte sotaque britânico. — Você parecia estar em pânico quando saiu lá da pista.

— Sério? — disse eu, perturbada, imaginando uma manchete sensacionalista de algum jornal dizendo: “FILHA DA SENADORA VICTORIA WESTON PERDE A LINHA EM BOATE PARISIENSE”. — Alguém percebeu?

— No meio daquela bagunça? — riu ele. — Só nós três, mesmo. Ou melhor, nós dois. Acho que o Pierre não conseguiu tirar os olhos da sua amiga... — Ele tentou apontar com o rosto para demonstrar a obsessão de Pierre pelos peitos de Rayna, mas fazer algo assim seria impossível para alguém de modos tão refinados como ele.

Foi muito fofo, na verdade.

— Tudo bem — disse eu. — Eu sei do que você está falando.

— Ainda bem! — suspirou ele. Enquanto nós ríamos juntos, fiquei pensando se não deveria dar uma segunda chance a Joseph. A princípio, eu o tinha visto como um mero acompanhante de Pierre, mas talvez não estivesse sendo justa. Fisicamente, eu não tinha do que reclamar: ele era um pouco mais alto do que meus 1,63 m, de pele clara e cabelos escuros, com um topete que parecia estar

sempre prestes a cair em cima da minha cara. Era magro, mas claramente forte e musculoso, como...

— Você joga bola? — perguntei. — Você parece um jogador de futebol. — Que ótimo. Agora eu estava falando igual ao amigo dele, Pierre. — Digo...

— Não, tudo bem. Eu jogo futebol, sim. Não profissionalmente, nem nada, mas...

Joseph começou a me falar sobre ele, e eu ouvi, claro, mas sem tirar meus olhos dos dele.

“Os olhos são as janelas da alma, Clea”, era o que meu pai sempre me dizia, desde muito cedo. Quando fiquei velha o bastante para saber que era só mais um clichê, eu já encarava isso como uma verdade absoluta.

Os olhos de Joseph eram azul-acinzentados, vivos e claros. Claros um pouco até demais, para ser sincera. Fiquei esperando que eles se incendiassem enquanto ele falava de alguma coisa, mas isso não aconteceu. Quando ele me disse que estava fazendo uma “pausa” de dois anos para “viajar pelo mundo e encontrar suas paixões”, decidi que já tinha ouvido o bastante. O que eu quero é alguém que viva suas paixões, não um cara em uma caça ao tesouro para encontrá-las. Rayna diria que isso não fazia diferença; Joseph não precisava ser o homem dos meus sonhos para me render uma ótima noite de diversão. Talvez ela tenha razão, mas fiquei exausta só de pensar em toda a energia que precisaria gastar para fingir um interesse que eu claramente não tinha.

Joseph se inclinou para a frente, fazendo seu topete cair sobre a testa.

— Bom, agora que já contei tudo sobre mim... me fale de você, Clea Raymond.

— Na verdade... eu queria é subir pra dançar — disse eu, com toda sinceridade.

— Legal, vamos lá — respondeu Joseph, mas balancei a cabeça quando ele tentou se levantar.

— Não, tudo bem — disse eu, abrindo um sorriso na esperança de parecer gentil o bastante. — Eu só queria ficar sozinha um pouco.

— Tem certeza?

Tenho, sim... não precisa me esperar, nem nada. Não quero estragar sua noite. Está cheio de outras meninas por aí.

— Ah... — soltou ele, levantando-se.

Fiz uma careta — será que eu o tinha magoado? Mas então Joseph sorriu. Ele não estava muito feliz, mas tinha entendido.

— Bom... então, foi um prazer te conhecer.

Ele estendeu a mão e eu a apertei. Joseph era um cara legal e eu esperava que ele encontrasse outra pessoa. Enquanto ele voltava para a boate, bati no ombro de Rayna para avisar que estava saindo e subi. A brisa soprou mais forte enquanto eu andava, então tremi. Meu vestido de seda com alças era leve demais para o inverno — até para o frio abrandado pelas fortes luzes de aquecimento da boate —, mas era perfeito para dançar. Não para aquela aglomeração claustrofóbica na pista principal, mas sim para dançar de verdade.

Abri as portas da sacada e logo me senti melhor. O pequeno *lounge* superior da *Le Feroce* era totalmente diferente da baderna do andar de baixo e muito mais estiloso. O lugar tinha um clima intimista, com luzes baixas, sofás macios, castiçais com velas, um enorme bar com balcão de mogno, uma pista de dança e um pequeno palco onde uma cantora fenomenal entoava Etta James. Sentia-me abraçada por toda aquela atmosfera e abri caminho entre as outras pessoas até chegar bem em frente ao palco, onde deixei a música me levar para longe.

Eu adoro dançar. Com a música certa, me perco no ritmo e esqueço de tudo no mundo por alguns instantes. Para mim, dançar é como o que eu imagino que a ioga ou a meditação é para Rayna. É parecido com o que sinto quando estou escalando uma montanha sozinha e apenas posso me concentrar no próximo apoio de mão, no próximo apoio de pé e na viciante dor nos meus músculos enquanto subo cada vez mais e mais.

Deixei minha mente viajar enquanto eu dançava e me peguei imaginando como a conversa com Joseph teria continuado. Ele já me deu uma boa pista quando me chamou pelo nome completo. Pela minha experiência, isso significava ser bem provável que sua próxima pergunta fosse: “E então.., como é ser a filha de Victoria Weston?”.

Era uma pergunta sem pé nem cabeça, ainda mais para alguém como Joseph, que tinha acabado de mencionar casualmente suas ligações com a realeza e as frequentes aparições de sua família nos tablóides britânicos. Ele sabia bem como era viver sob os holofotes. Mas não era como se ele realmente quisesse ouvir a resposta, era só para puxar assunto.

Rayna adorava essa pergunta. Ela ouvia isso o tempo todo também, mas, para ela, perguntavam como era conhecer a família Weston. Era a deixa perfeita. Ela respondia olhando nos olhos do rapaz que tinha feito a pergunta, falando com um ar todo sério, “A melhor parte são as pessoas., sempre acabo conhecendo pessoas incríveis...”

Eu nunca diria nada assim. Não sou lá muito sociável. Talvez por isso não tenha me importado nem um pouco em fazer meu último ano do colégio em casa. Rayna disse que nunca conseguiria fazer isso; que ficaria atormentada pelos milhões de dramas sociais que estaria perdendo todos os dias. Isso não me incomodava em nada. Mas também não é como se eu não gostasse de gente; sei que não conseguiria viver sem certas pessoas. Ou pelo menos é isso o que sinto. Na verdade, este ano, aprendi que consigo, sim, viver sem certas pessoas, só não consigo viver bem sem elas.

Rayna é uma dessas pessoas. Eu a conheço desde que ela nasceu — sua mãe era a “tratadora de equinos” da minha. Basicamente, Wanda era a babá dos vários cavalos da minha mãe. É um trabalho em tempo integral e Wanda nunca conseguiria cumprir suas tarefas se continuasse morando longe, então se mudou para uma casa de hóspedes em nossa propriedade, onde sempre viveu com George, o pai de Rayna.

Minha mãe e Wanda ficaram grávidas exatamente na mesma época, e meu pai me disse que ficou maluco com isso, porque nenhuma das duas o escutava quando ele pedia para se acalmarem. Mesmo grávida de nove meses e enorme feito uma baleia, Wanda não parou de trabalhar, sempre limpando estábulos, servindo ração e arrumando pessoalmente cada um dos cavalos e os levando para passear. Minha mãe trabalhava com política local na época, e ainda que a maioria nas viagens fosse para perto, o vaivém era constante. Para o meu pai, foi um milagre minha mãe estar em casa quando entrou em trabalho de parto... exatamente cinco minutos antes de Wanda. Como George estava trabalhando, meu pai acabou levando as duas para o hospital. Elas ficaram agarradas uma à outra, no banco de trás; duas mulheres barrigudas, arfando e grunhindo sem parar... e ensandecidas por terem deixado algum trabalho no meio.

Meu pai pisou fundo até chegar ao hospital, morrendo de medo de ser parado e preso por suspeita de poligamia com *workaholics*.

Rayna e eu nascemos com exatamente cinco horas de diferença — eu sou a mais velha —, e nos tornamos inseparáveis desde então. Nós dizemos que somos gêmeas com pais diferentes.

Os tabloides adoram apontar as diferenças sociais entre Rayna e eu, mas, para mim, ela é sangue do meu sangue. E para os meus pais também; eles sempre fizeram questão de que Rayna estudasse nos mesmos colégios particulares que eu, e ela sempre foi convidada para as nossas férias de família.

Ainda assim, para o resto do mundo, ela não era “uma Weston”. Na verdade, nem sei se isso é algo ruim. Eu sou “uma Weston” e a principal coisa que isso trouxe foi um bando de fotógrafos me perseguindo desde que nasci e jornalistas falando sobre como eu poderia afetar a carreira da minha mãe, ou se eu tentaria seguir os passos dos Westons algum dia para mudar o mundo. A fama dos meus pais fez que, no começo da sétima série, uma foto fosse publicada na revista *People* com a manchete:

“A ESTRANHA PRÉ-ADOLESCÊNCIA DE CLEA RAYMOND!”. A matéria era cheia de fotos grotescas minhas em um acampamento de verão — fotos que eu nem sabia que alguém tinha tirado. Fotos minhas de cabelo despenteado e óculos enormes, fotos minhas ajeitando a calcinha. Não há nada pior para a frágil autoestima de uma menina de doze anos do que ver fotos assim espalhadas por toda a escola. Isso me deu uma dor de estômago que durou até o colegial.

Rayna era especialista em contornar desastres desse tipo. Sempre sabia quando meu nome saía nas revistas. Ela adorava quando eu ia viajar pelo mundo com meus pais e soltava gritinhos de alegria sempre que eu contava que tinha ido a algum evento cheio de celebridades. Nunca teve inveja de nada disso. E mesmo tendo passado a vida inteira nesse meio, nunca se cansou desse tipo de coisa. Ela sempre se empolga quando vai comigo a uma festa, uma boate exclusiva ou algum lugar turístico mais exótico... ou algo como esta nossa viagem, em que fizemos essas três coisas de uma só vez.

Eu nem tinha percebido que estava dançando de olhos fechados até sentir a mão de alguém pegando no meu braço, e então os abri.

— Clea! — gritou Rayna por cima da música, com seus olhos brilhando por toda a bebida e pela empolgação com o novo amor da sua vida. — *Je vais allez chez*

*Pierre!*<sup>2</sup> Ele mora numa cobertura com vista pra Torre Eiffel! *C'est très bon, no?*

Rayna claramente estava achando isso *très, très bon*, então tive que concordar.

— *Oui!* — disse eu, sorrindo. — Só tome cuidado. Você sabe onde ele mora?

Rayna acenou com a cabeça e eu saquei meu celular para que ela digitasse o endereço.

— Está com seu spray de pimenta? — perguntei.

Rayna revirou os olhos e tirou a latinha da bolsa. Acenei com a cabeça.

— Qualquer coisa, é só me ligar. Seja pelo que for. E se você não me mandar uma mensagem daqui a doze horas, vou chamar uma equipe da SWAT.

— A gente está na França, não tem SWAT aqui — me lembrou Rayna. Aproximou-se de mim então, encostando a cabeça na minha testa e me olhando direto nos olhos. — Vou ficar bem, você nunca vai me perder.

Nesse último ano, ela vinha dizendo isso quase toda vez que a gente se separava. Por mais que eu apreciasse o gesto, sempre fazia uma careta quando ouvia esse “nunca”. Parecia ser uma provocação ao destino. Eu disse isso a Rayna, mas ela só deu risada das minhas “superstições malucas”. Pelo visto, não havia nenhum problema em acreditar que o destino poderia trazer uma alma gêmea diferente toda noite, mas era loucura acreditar que os céus poderiam se irritar se você os desafiasse. Acho que Rayna vê o destino com benevolência demais.

Fiquei na boate só mais um pouco para que Rayna não me visse indo embora. Ela ficaria mal se achasse que eu só tinha vindo por causa dela. Assim que voltei para o hotel, corri até o cofre do quarto e o destranquei para pegar minha câmera.

A fotografia sempre foi o meu refúgio. Meu pai me deu a minha primeira câmera quando eu tinha só quatro anos.

— Lembre-se, Clea — ele me disse —, tirar fotos é uma grande responsabilidade. Várias culturas acreditam que as fotografias capturam a alma das pessoas.

Como sempre, dei muita atenção a ele, me agarrando a cada palavra e acreditando em tudo sem titubeai mesmo quando minha mãe começou a rir e revirar os olhos.

— Ah, Grant, olhe só pra ela — disse ela, com uma voz cheia de amor por nós dois. — Ela está com os olhinhos arregalados! Diga que não é verdade.

---

<sup>2</sup> “ Eu vou para a casa de Pierre.” (N.E.)

— Não é verdade — concordou meu pai, abrindo um sorriso, mas de costas para a minha mãe, que não viu ele cruzando os dedos para mim. Sorri de volta, empolgada com aquele clima de conspiração.

Desde que ele me deu a câmera, nunca mais parei de tirar fotos. Ele adorava isso; também era fanático por fotografia e ficava orgulhoso de sempre poder contar com a minha companhia por horas e horas em seu estúdio no porão. Sempre disseram que eu era muito mais apegada à minha mãe antes de me interessar por fotografia. Não lembro disso; na minha cabeça, sempre passei mais tempo com meu pai, conversando, dando risada e compartilhando todo tipo de coisa enquanto trabalhávamos juntos para transformar nossas fotos em obras de arte.

Rayna sempre ri disso. Dada a minha antipatia pelos paparazzi, ela acha hilário que eu goste tanto de câmeras. Mas, para mim, o que faço não tem nada a ver com isso. Esses enxeridos querem capturar a superfície. Se a foto está em foco, saiu perfeita. Mas eu, eu quero é capturar o que a superfície esconde. Existe uma história por trás de cada rosto, cada paisagem, cada instante da vida. Tudo no mundo tem uma alma e, quando minha câmera e eu estamos entrosadas, funcionando em perfeita sintonia, é isso o que capturamos.

Deixei a câmera com cuidado na cama do hotel para vestir algumas roupas a mais e enfrentar o frio. Eu tinha trazido minha câmera favorita, uma DSLR que meu pai me deu de aniversário, pouco antes de partir em sua última viagem pela GloboReach. Modelos mais novos e supostamente melhores até já tinham sido lançados, mas esta parecia ter sido feita sob medida para mim. Tirei meu vestido e os sapatos de salto e vesti um collant de seda, meu jeans favorito, uma blusa de gola rolê, um suéter grosso, outro casaco com capuz e um gorro de crochê. Mas nada de luvas — luvas formam uma barreira entre eu e a câmera, atrapalham a nossa conexão.

Toda encapotada, abri a porta do quarto e fui para a sacada. A temperatura estava abaixo de zero e uma camada de gelo cobria os parapeitos de ferro e os móveis do lado de fora. Dei uma olhada geral no horizonte, sabendo que não veria nada de verdade até me colocar atrás das lentes. Respirei fundo, saboreando o momento, e então ergui a câmera até meu olho e imediatamente comecei a bater as fotos. Dava para ver tudo dali: pequenos cafés com seus clientes da madrugada tentando se proteger do vento; mercados e bibliotecas fechados, com seus detalhes

escondidos em meio à escuridão. E, despontando sobre tudo isso, a belíssima imponência de Notre Dame, iluminada por holofotes que davam vida à catedral.

Fiquei horas na sacada, admirando a paisagem, tirando fotos e fazendo companhia para o Quartier Latin<sup>3</sup> até o sol raiar sobre a cidade e aquecer tudo o bastante para que eu percebesse que meus dedos estavam completamente adormecidos.

Uma noite perfeita. E eu não tinha dormido nada.

Assim que voltei para o quarto, senti uma lufada de ar quente e agradei a mim mesma em silêncio por ter me lembrado de ligar o aquecedor antes de sair para a sacada.

Minhas mãos estavam adormecidas demais para discar no telefone, mas depois de duas tentativas fracassadas consegui falar com o serviço de quarto. Pedi um chocolate quente, o maior bule de chá quente que eles tivessem e um croissant de chocolate, e avisei para deixarem tudo em frente à porta, caso eu não atendesse. Meu plano era ficar debaixo do chuveiro até minha pele ficar vermelha feito uma lagosta e cada gotinha de frio fosse espremida para fora do meu corpo.

Quarenta e cinco minutos depois, eu já estava enrolada em um roupão quentinho, sentada na minha cama, tomando chocolate quente e comendo o croissant. O calor ainda irradiava do meu corpo após aquele maravilhoso banho escaldante, como de um delicioso prato recém-preparado. Já satisfeita, liguei a TV em um jornal, curiosa para saber se veria alguma coisa sobre a minha mãe. Onde ela estava esta semana, mesmo? Eu nem me lembrava. Seria Israel? Moscou? Ou será que era aqui, na Europa? Deitei em uma pilha de travesseiros para ficar assistindo e...

...de repente, me vi cercada de chamas.

Havia labaredas por toda parte. Fechei os olhos com força contra aquele violento clarão alaranjado, mas não adiantou. Eu ainda sabia que o fogo estava lá, mesmo com as pálpebras fechadas.

E o cheiro. Um fedor tóxico horrível dos plásticos, tapetes e aparelhos eletrônicos derretendo. O aroma nauseante de cabelo queimado. Cabelo humano. Do meu cabelo?

Não. Foi então que o vi. Um homem cambaleando em meio ao inferno que

---

<sup>3</sup> Famosa área de Paris na qual se encontra a Universidade de Sorbonne. (NE.)

antes era um quarto de hotel, com as labaredas dançando sobre seus braços, suas pernas, seu cabelo. Ele tentava bater nas chamas, mas isso só as incitava ainda mais, e, enquanto elas lambiam seu rosto, o homem se virou para mim e vi meu pai soltando um derradeiro grito agonizante de...

— NÃO! — berrei, levantando de supetão. Meu coração disparou e senti lágrimas de desespero escorrendo pelas minhas bochechas. Onde eu estava? Procurei o colar no meu pescoço, mas só encontrei as dobras grossas do roupão. Apavorada e em choque, olhei para os lados, completamente desorientada, com meu nariz tentando farejar algum cheiro de queimado.

Meus olhos focaram-se na bandeja do serviço de quarto que estava ao meu lado, na cama. Migalhas de croissant de chocolate. Específicas. Concretas. Minha respiração alucinada acalmou-se e olhei para a janela, onde encontrei o reconfortante brilho de Notre Dame. Concentrei-me na catedral, tomando fôlegos cada vez mais profundos e demorados.

A terapeuta disse que esses sonhos passariam com o tempo, mas já faz um ano desde que meu pai desapareceu e eles continuam muito constantes. A terapeuta agora diz que isso acontece por causa das dúvidas. Se eu soubesse o que aconteceu, se eu tivesse alguma resposta...

Mas eu não tinha. Então a minha mente preenchia as lacunas com todas as coisas terríveis que eu já tinha lido, visto ou ouvido. E tendo a espetacular chance de trabalhar com fotojornalismo, eu já tinha visto todo tipo de coisa.

Em outras palavras, meu cérebro tinha um enorme estoque para pesadelos.

Eu me censurei por ter pensado nisso. Afinal, era ridículo. Se havia uma coisa que eu sabia era que meu pai não tinha morrido em um incêndio assim. Ele não estava em nenhum hotel, e sim em um posto da GloboReach. Então por que eu sonharia com isso?

Meus olhos pairaram sobre a televisão, e tudo fez sentido. Havia um incêndio sendo mostrado na tela. Devo ter ouvido alguma coisa enquanto dormia e incorporado ao meu sonho. Fiz uma nota mental para sempre me lembrar de desligar a TV antes de dormir. A última coisa que eu precisava era de mais lenha para os meus pesadelos.

Fiz uma careta, vendo as labaredas na tela. Era um incêndio imenso, devorando um enorme e lindo prédio residencial que devia ser do século XIX.

Fiquei triste em pensar que alguma coisa pudesse ter resistido bravamente por mais de duzentos anos para ser destruída em apenas alguns instantes.

Aumentei o volume, querendo saber mais sobre o prédio e as pessoas que estavam lá dentro. Meu francês não é lá grande coisa, mas parecia que o fogo tinha começado em algum dos últimos andares de um prédio muito cobiçado por sua vista para a Torre Eiffel.

Meu sangue congelou.

Eu tinha ouvido alguma coisa sobre a vista para a Torre Eiffel naquela noite.

Não... eu estava só pensando besteira... não teria como...

Ouvi a voz de Rayna ecoando na minha cabeça:

— *Je vais aller chez Pierre!* Ele mora numa cobertura com vista pra Torre Eiffel! *C'est très bon, no?*

Ainda assim, existiam vários apartamentos em Paris com vista para a Torre Eiffel. As chances de ser o mesmo prédio eram...

Peguei meu celular para procurar o endereço de Pierre que Rayna tinha anotado e então olhei para os jornalistas na TV.

— Vamos, vamos... — pedi. — Digam logo onde é isso! Qual é o endereço?

— *Le feu est a vingi-quatre Rue des Soeurs...* — por fim disse uma jornalista.

O mundo parou.

Era o mesmo endereço.

— Não! — gritei, apelando para a ideia que Rayna tinha do destino, que era muito mais complacente do que o meu. — Por favor, não! Não, não, não...

Martelei o número de Rayna no meu celular e esperei uma eternidade enquanto o telefone tocava.

— Atenda, Rayna, por favor, atenda — murmurei.

Nada. Ela não atendia.

— Droga! — desliguei, vesti minhas roupas e saí correndo do quarto, voltando só para pegar minha câmera. Foi por puro instinto; por mais que eu estivesse em pânico pela vida de Rayna, o incêndio era uma notícia, e eu tiro fotos para notícias.

— *J'ai besoin de taxi maintenant!*<sup>4</sup> — berrei para o porteiro enquanto saía do hotel correndo, e então soltei um mecânico: — *S'il vous plait.*

---

4

<sup>4</sup>'Eu preciso de um táxi, agora.' (N.E.)

Mas ele já tinha sentido o desespero na minha voz e correu para chamar um táxi.

Estava demorando demais. Eram só três quilômetros. Não seria mais rápido se eu fosse correndo? Não, era melhor esperar. Mas ficar parada ali estava me deixando louca. Eu precisava fazer alguma coisa. Olhei para o relógio: eram nove da manhã. Três da manhã em New London, Connecticut. Mas não importava, então liguei para ele.

Atendeu no terceiro toque, com uma voz totalmente acordada e alerta, mas eu sabia que ele devia estar dormindo há horas.

— Clea?! Está tudo bem?!

Abençoado identificador de chamadas. Ben sabia que eu nunca ligaria no meio da noite se não fosse absolutamente vital.

— Ben! Ben, é a Rayna... teve um incêndio aqui... um incêndio enorme! — Minha voz se esvaiu e comecei a chorar. Eu não conseguiria aguentar se alguma coisa tivesse acontecido com Rayna. Simplesmente não conseguiria.

— Respire fundo e me conte. Conte tudo — a voz de Ben estava calma e firme agora. Eu adorava isso nele; quanto mais difícil e dramática fosse a situação, mais ele era capaz de se afastar e resolver tudo de um jeito lógico e metódico. Sua voz já tinha sido meu porto seguro várias vezes nesse último ano.

— Não sei — respondi. O porteiro finalmente encontrou um táxi e eu corri até o carro, berrando o endereço de Pierre para o motorista. — *Vitte, s'il vous plait... Vitte!*<sup>5</sup>

Eu me aninhei no banco de trás, enquanto contava a Ben o que tinha visto.

— Tudo bem — a voz de Ben me acalmou mesmo ele estando a mais de seis mil quilômetros de distância. — Não entre em pânico. Você ainda não sabe de nada. Você está indo pra lá agora, não está?

— O mais rápido que posso — disse eu, enfiando a mão na minha bolsa e sacando um punhado de euros, que mostrei ao motorista. — *Plus rapidement, s'il vous plait!* — implorei.

— Ótimo — disse Ben. — Só continue falando comigo até você chegar lá.

Não sei o que faria sem ele. Meu círculo de amigos verdadeiros se resume a exatamente duas pessoas: Ben e Rayna. Isso nem dá um círculo na verdade — é só

---

<sup>5</sup> Rápido, por favor... Rápido' (N.E.)

um segmento de reta de amigos verdadeiros.

Passei cada segundo dos dez minutos do caminho falando com Ben. Eu precisava disso; o som da minha própria voz chegando até ele era a única coisa capaz de impedir que meu corpo desabasse e se diluísse em moléculas de pânico.

— *Arret!Arret!!!* — gritei para o taxista. Não que fosse necessário; os cavaletes de sinalização nos impediam de seguir em frente. — Cheguei! — disse a Ben. — Estou descendo. Ligo de volta assim que souber de alguma coisa.

— Vou estar aqui esperando — disse Ben, e eu sabia que estaria. Entreguei o punhado de euros para o taxista e saí correndo do carro, mas imediatamente tive que fechar os olhos para me proteger daquele ar tóxico. Ergui a gola da minha blusa por cima da boca e do nariz para filtrar a fumaça e as cinzas enquanto corria pelo último quarteirão até o prédio em chamas, abrindo caminho entre os curiosos. Caminhões de bombeiros já estavam no local, mas os jatos de suas mangueiras pareciam um mero borrião insignificante, como crianças tentando apagar um inferno com pistolas d'água.

— RAYNA! — gritei contra a muralha de chamas. — RAYNA!!!!

— Clea!

Virei-me de um lado para o outro, precisando ver o rosto da minha amiga assim como precisava respirar, a fim de garantir que ela estava bem, que ela não estava me chamando de alguma maca, soltando seu último.

— Clea... Clea! Está tudo bem.., estou bem... estou bem aqui.

E lá estava ela, enrolada em moletons e com um longo casaco de lã cinco números maior do que o dela, e seus cachos escondidos sob um enorme chapéu cinzento e protetores de orelha que só poderiam ter vindo do armário de um siberiano dos anos trinta.., ou de um modelo extremamente ossudo.

— Meu Deus, Rayna! — gritei, puxando-a para mim e abraçando-a com toda força. Não tive como evitar; eu precisava de uma prova de que ela realmente estava ali.

— Estou bem. Eu tinha saído com o Pierre pra tomar um café.

—A gente nem estava aqui quando o incêndio começou — ela se afastou um pouco só para encostar a testa na minha e me olhar nos olhos.

— Já disse que você nunca vai me perder, lembra?

— Não fale assim! — avisei, mas já calma o suficiente para abrir um sorriso.

Abracei-a de novo e, mesmo quando nos afastamos, nenhuma das duas tirou os braços uma da outra.

— Você já viu alguma coisa assim? — perguntou ela, com um ar sério, então segui seus olhos até o prédio, que estava com sua parte central tomada pelas chamas.

Eu já tinha *sim* visto coisas assim, mas isso não diminuía o impacto. O fogo tem um magnetismo — uma mistura quase selvagem de uma força destruidora e uma incrível beleza. Com muito esforço, dei as costas para as labaredas em fúria e me virei para a rua. Vi a obstinada determinação dos bombeiros, com seus rostos estoicos. Olhei então para os observadores, divididos entre curiosos e os que tinham sido pessoalmente afetados; com os primeiros olhando boquiabertos para o alto em um estado de êxtase e espanto, enquanto os outros se amontoavam em grupos assustados ou fumavam sem parar enquanto andavam de um lado para o outro, como Pierre. Vi uma miríade de arco-íris no céu enquanto o sol reluzia sobre a água das mangueiras dos bombeiros.

— Está com o dedo coçando? — perguntou Rayna, sorrindo. Segui seus olhos até a minha mão direita, que já tinha tirado minha câmera da bolsa. — Vá em frente — disse ela. — Vou ver como o Pierre está. E me empreste o seu celular, vou ligar pro Ben pra dizer que está tudo bem. Imagino que você tenha ligado pra ele — completou ela, abrindo um sorriso.

Rayna me conhecia bem até demais. Dei um último abraço nela, entreguei meu celular e então desapareci atrás da minha câmera, mergulhando de cabeça naquela cena. Era o meu lugar; era a minha vocação.

Eu não tinha a mínima ideia de que estava tirando fotos que iriam mudar a minha vida para sempre.



## 2

---

DE VOLTA À MINHA CASA, EM CONNECTICUT, ME PEGUEI EM FRENTE AO computador, analisando uma imagem na tela. Meus olhos ardiam pelo sono e pelas quatro horas na frente do monitor de LED. Depois de uma longa viagem de avião, uma interminável espera na esteira de bagagem e muito esforço para cruzar as ruas entupidas de carros, Rayna e eu finalmente chegamos em Niantic lá pelo final da tarde daqui, mas no que já seria quase madrugada em Paris. Exaustas, trocamos um abraço de despedida e cada uma foi para sua respectiva casa, só pensando em descansar.

Mas não consegui. Eu estava com um cartão de memória de 16GB cheio de fotos gritando pela minha atenção.

Descarreguei os arquivos no meu HD e comecei a organizar tudo. Levaria séculos para tratar com o devido carinho todas as fotos que eu tinha tirado nessas três semanas de viagem, então deixei meus instintos fazerem uma triagem. Fui passando de foto em foto sem parar, salvando as que me chamavam mais a atenção em uma pasta separada. Repeti esse processo por várias e várias vezes, levando cada vez mais tempo a cada nova rodada, separando as que atraíam meus olhos, as que mexiam diretamente com os meus instintos e emoções.

Levei horas, mas finalmente consegui chegar a vinte fotos que mostravam todos os momentos da nossa viagem: Trafalgar Square à noite; uma gárgula sinistra

saltando de uma coluna na Catedral de São Vito, em Praga; Rayna de costas para a Fontana di Trevi, seguindo a tradição de jogar uma moeda com a mão direita sobre seu ombro esquerdo.

Mas eu não parava de voltar para a foto do incêndio no prédio de Pierre. Cliquei nela para ver em tela cheia. A imagem mostrava dois bombeiros. A fumaça já era bem grossa, e ambos estavam com tanques de oxigênio nas costas e máscaras em forma de cone tampando seus rostos inteiros. Mesmo encapotados por baixo das roupas pretas e luvas e capacetes amarelos, a emoção naqueles homens era muito clara. Estavam inclinados para trás, em perfeita sincronia, segurando a grossa mangueira verde entre os braços, lançando a água para o alto contra as chamas, com o ângulo de seus corpos e rostos exalando bravura, determinação e esperança.

A imagem era impactante e dramática, mas, quando eu olhava para ela, não era a cena principal que me atraía, e sim o caminhão de bombeiros bem ao fundo, atrás deles.

Aumentei a imagem, dando um zoom no caminhão. Havia uma abertura no painel lateral, o lugar de onde as mangueiras saíam e as válvulas de água eram ativadas. A imagem parecia encoberta por alguma coisa, mas ainda estava pequena demais, então eu não conseguia ver direito pelo quê.

Ampliei o *zoom*, concentrando-me naquele ponto no painel lateral. Finalmente entendi; era a sombra de um homem. Parecia ser um jovem, com seus vinte e poucos anos talvez, mas era difícil ver seu rosto, que não estava virado para a câmera. Estava de lado, apoiado com uma das mãos em uma escada acoplada na lateral do caminhão. Sua cabeça estava abaixada e todos os músculos de seu corpo pareciam rígidos, cheios de tensão.

Seria um bombeiro? Tinha físico para isso, mas não estava de uniforme. Estava de calça jeans e jaqueta de couro preta por cima de uma camiseta cinza. Apesar da cara exausta, ele não estava nem um pouco envolvido com o incêndio. Parecia perdido em seus próprios pensamentos. Era lindo, com seu cabelo escuro e bagunçado, rosto másculo e sobrancelhas grossas, mas havia um quê de angústia em seus olhos e em sua boca que contrastava com toda aquela beleza, apontando para algo mais complexo e profundo.

Eu não conseguia tirar os olhos dele.

Fiquei pensando no que estaria passando pela cabeça dele. E se o incêndio

tivesse começado em seu apartamento? Eu o imaginei desesperado na rua quando os caminhões chegaram, gritando contra as chamas como se isso pudesse apagá-las. Ou talvez ainda estivesse dentro do prédio quando os bombeiros chegaram, lutando contra aquele inferno cada vez maior, tossindo por causa da fumaça enquanto tentava abafar bravamente as labaredas com cobertores molhados. Eu podia praticamente vê-lo relutando enquanto os bombeiros o tiravam de seu apartamento. Eu podia imaginar...

O som da campainha me trouxe de volta à realidade.

— Piri?! — gritei, mas então me lembrei de que a nossa faxineira não tinha vindo hoje; eu havia dado o dia de folga a ela para poder ficar um pouco sozinha. Relutante, levantei do computador e desci até a porta da frente. Não encontrei ninguém, mas um enorme buquê de íris, com botões de várias cores, havia sido deixado na varanda. As flores eram lindas. Eu as trouxe para dentro e as deixei sobre a mesa da cozinha, e então abri o cartão.

*Seja bem-vinda de volta!*

*Queria poder estar aí. Te amo muito.*

*Nos vemos na semana que vem, quando eu voltar de Israel.*

*Beijos, mamãe.*

Então era isso; apesar das flores escolhidas, ela não disse nada sobre o meu pai. Vinha sendo assim desde que ele foi enterrado: em um caixão vazio, sob uma lápide que nunca indicaria sua derradeira morada. Ela já tinha me confessado abertamente que não conseguia falar sobre ele, então nós simplesmente não tocávamos no assunto. Ponto final. Foi difícil no começo, mas, desde que ela foi eleita senadora e se tornou um membro tão proeminente do Comitê de Relações Exteriores, viajando pelo mundo sem parar, nós passávamos tão pouco tempo juntas que eu não queria estragar esses momentos com nada que pudesse incomodá-la. Então eu me controlava e só falava amenidades. Isso abriu um abismo entre nós, mas como seria impossível contornar essa distância sem magoá-la, preferi deixar isso de lado.

Ainda assim, ela tinha me mandado um buquê de íris, as flores favoritas do meu pai. Passei a mão sobre o pingente no meu pescoço e senti ‘uma mistura de

felicidade e melancolia. Fiquei com vontade de ligar para a minha mãe e dizer que entendia tudo o que ela não podia dizer; de abrir meu coração e falar sobre os meus pesadelos e quanto eu ainda sofria, mas eu sabia que ela acabaria encontrando alguma desculpa para desligar assim que eu começasse a falar.

Minha mãe não podia me trazer conforto... mas talvez meu pai pudesse. Não era o ideal, mas isso sempre parecia me ajudar um pouco. Tirei uma das íris do vaso e subi até o escritório do meu pai.

Por ter sido o cirurgião cardíaco mais renomado do mundo, a maioria das pessoas imaginava que Grant Raymond devia viver em um ambiente organizado. Limpo. Talvez até estéril. Mas elas estavam erradas. Chamar meu pai de bagunceiro seria um insulto não porque ele fiaria chateado, mas porque não seria justo com o nível de caos que ele era capaz de criar em meros instantes assim que entrava em algum lugar. Não era porco nem desleixado, mas gostava que o ambiente à sua volta refletisse seu estilo de pensar: multifacetado, criativo e divergente. Na sala de cirurgia, ele precisava de tudo em perfeita ordem; mas em todos os outros lugares, ele vivia em meio ao mais puro caos.

Outra coisa interessante sobre o meu pai era que, mesmo conseguindo memorizar inúmeras técnicas cirúrgicas complexas e curiosidades aleatórias para competir com uma enciclopédia, ele achava praticamente impossível se lembrar de coisas básicas, como números de telefone, compromissos ou para que diabos ele tinha acabado de entrar em uma sala. Para resolver isso, ele anotava tudo, geralmente naquilo que estivesse mais perto. O resultado disso era que seu escritório vivia inundado com folhas e mais folhas de papel. Em meio a esse oceano de anotações, despontavam modelos de corações humanos, livros de referência e cadernos cheios de rabiscos muito inspirados.

Hospitais renomados e periódicos médicos do mundo todo imploraram para que especialistas pudessem vasculhar tudo em seu escritório, na esperança de que ele tivesse deixado alguma anotação capaz de trazer grandes avanços à cardiologia. Minha mãe não deu atenção a esses pedidos; infelizmente, a decisão sobrou para mim. Eu entendia o argumento dos especialistas e até sabia que eles no fundo tinham razão — o mundo merecia ser beneficiado pelo conhecimento do meu pai. Se alguma coisa neste escritório pudesse salvar ou melhorar a vida de pelo menos uma pessoa, ele com certeza iria querer que essa informação fosse encontrada. Mas

a ideia de um estranho entrando nesta sala me parecia invasiva e degradante. Como uma autópsia. Eu sabia que isso não fazia sentido, mas era como eu me sentia. Talvez daqui alguns anos. Ou talvez nunca.

Fui até a mesa do meu pai e me sentei em sua cadeira. Imitando sua pose favorita, me inclinei bem para trás, olhando para todo aquele caos esplendoroso, e esperei até que aquela sensação da presença dele ao meu lado tomasse conta de mim, como sempre.

Mas isso não aconteceu.

Alguma coisa estava errada.

Alguma coisa ali estava diferente.

Eu não sabia exatamente o que era, mas podia sentir. Era como se de alguma maneira alguém tivesse tirado as coisas de ordem ou de lugar. E talvez as colocado de volta depois, para que isso não ficasse muito óbvio. Mas a sala havia passado claramente por alguma inexplicável mudança. Senti uma pontada de pânico — aquele escritório era a coisa mais próxima que eu ainda tinha do meu pai. Qualquer mudança seria uma mudança nele, ou no que havia sobrado dele para mim.

Seria coisa da Piri? Ela tinha tentado limpar a sala? Impossível. Piri venerava meu pai. Por mais que fosse absolutamente obcecada por limpeza, ela defenderia até a morte qualquer decisão que ele tomasse... por mais que isso partisse seu próprio coração. Nas poucas vezes em que meu pai deixava a porta aberta e Piri via o escritório por dentro, ela prendia a respiração e se benzia, mas passava reto sem pestanejar.

Mas se não foi ela, quem teria sido? Quem mais teve acesso à minha casa enquanto eu estava fora? Minha mãe? Ela nunca entraria aqui. Ben tinha as chaves. Ele adorava o meu pai; ele poderia ter entrado aqui para se lembrar dele, como eu faço, mas nunca mexeria em nada. Ele não faria isso comigo. Muito menos a família de Rayna.

Poderia ter sido alguém que não tenha as chaves? Alguém que invadiu a casa enquanto eu estava viajando? Alguém que ficou esperando Piri sair no final do dia e depois entrou para revirar as coisas do meu pai, abrindo gavetas, tirando e mudando tudo de lugar...

— Pare! — disse eu em voz alta. Eu estava sendo ridícula e pensando besteiras. Fiz muito isso no ano passado. Era o que minha psicóloga chamava de

“pensamento radical”, algo comum entre pessoas que haviam passado por um trauma repentino. Quando isso acontecia, eu tinha que me acalmar e tentar ver as coisas do jeito mais racional possível.

Então, racionalmente... o que estava diferente ali? Eu não sabia. Talvez nada... a não ser por essa minha estranha sensação de que alguma coisa estava muito errada.

Eu me levantei, balançando a cabeça. Isso era loucura, eu precisava desencanar. Mas, mesmo depois de sair do escritório, não consegui parar de pensar no que poderia ter mudado...

Foi então que ouvi uma voz murmurando no meu ouvido:

— Clea.

Soltei um grito e disparei um soco para o lado.

— Oou! — gritou Ben, pulando para se esquivar do meu golpe. Ele tropeçou no tapete e caiu para trás, derramando uma caneca de café quente sobre seu casaco de gola larga. — Aah! — berrou ele.

— Que quente! Está quente demais! Droga.

— Ben! Meu Deus, espere aí... — corri para o banheiro, peguei uma toalha de rosto, voltei às pressas e então me ajoelhei sobre ele para enxugar o café derramado em seu peito. — Desculpa. Eu não sabia que você estava aqui! Você não me disse nada!

— Eu gritei lá de baixo... achei que você tivesse me ouvido.

Um cheiro estranho chamou a atenção do meu nariz, e me abaixei mais para perto de Ben até ficar a poucos centímetros de seu rosto.

— Que cheiro é esse? — perguntei.

— Café com essência de cravo e cardamomo — respondeu ele, apontando para a caneca agora vazia ao nosso lado. — Achei que você ia gostar.

— Gostei do cheiro — admiti. — Você deveria usar como perfume.

— Não é má ideia — concordou ele. — Já vi que esse cheiro pode deixar uma mulher maluca.

— Maluca não... esperta. Dez anos de Krav Magá deixam você rápido como um raio. Se você fosse um invasor... — esse pensamento reacendeu minhas dúvidas e logo me levantei, estendendo a mão para ajudar Ben, e então o puxei até o escritório do meu pai. — Você está vendo alguma coisa de diferente aqui?

Ben olhou para os lados e balançou a cabeça.

— Pra mim, está tudo igual. Você mudou alguma coisa?

— Não! Nunca faria isso — rebati. — Mas acho que alguém mexeu aqui. Tem alguma coisa diferente. Estranha.

Ben acenou a cabeça, com as mãos nos bolsos, assumindo sua postura pensativa.

— Bom... — disse ele. — O que parece estar diferente? Algo fora do lugar? Tem alguma coisa faltando?

— Não sei dizer — admiti. — Não é nada específico. E só uma sensação.

— Certo — disse Ben. — Eu entendo. Talvez seja só porque você ficou muito tempo fora. Três semanas, foi a sua viagem mais longa desde que...

Ben não terminou a frase, mas eu sabia o que ele queria dizer. Tinha sido a minha viagem mais longa desde o enterro. Era verdade. E era verdade também que eu estava acordada desde as seis da manhã no horário de Paris, e agora já eram seis da tarde em Connecticut — meia-noite em Paris. Além, é claro, da minha propensão ao pensamento radical.

— Você tem razão — concordei. — E estou exausta. Talvez seja melhor tirar um cochilo — enquanto dizia isso, lembrei das fotos que estavam me esperando na tela do meu computador, sabendo que isso provavelmente atrairia muito mais a minha atenção do que a cama.

— E qual é a probabilidade disso...? — como Rayna, Ben também sabia ler meus pensamentos. Abri um sorriso para ele.

— Estava com saudades — disse eu.

— Eu também. Seja bem-vinda de volta.

Começamos a nos aproximar para um abraço, mas eu me afastei, segundos antes de me apertar contra o corpo ainda ensopado dele.

— Ben!

— Aaah, sim, desculpa — disse ele, tirando a blusa molhada.

Ele estava usando uma camiseta branca fina por baixo. O café tinha deixado a camiseta meio úmida e agarrada ao seu peito de um jeito que me fez ficar olhando, e com as palavras presas na garganta. O que era ridículo, claro. Ben e eu tínhamos o tipo de amizade no qual era comum conversar sobre coisas assim. Mesmo se eu fizesse qualquer provocação sobre seu corpo estar todo malhado de repente, ele

responderia com alguma tirada reticente e rebateria falando de alguma coisa absurda que tinha lido sobre mim em alguma revista...

Mas não disse nada. E não parei de olhar. Eu estava claramente bêbada de sono.

— Ainda dá pra você experimentar o café — sugeriu ele. — Tem um monte na minha blusa. Posso espremer de volta na caneca.

Achei melhor cortar as asas da minha imaginação.

— É tentador, mas não, obrigada. Você precisa desistir de tentar me converter ao café. Nunca vou abandonar o chá.

— Isso nós vamos ver — disse ele. Ben deixou a blusa molhada sobre a toalha de rosto e então se virou para mim com a mão estendida.

— Melhorou? — perguntou.

— Muito — respondi, aproximando-me para que ele pudesse me abraçar.

— Oie! Nossa, por favor, digam que estou atrapalhando! — era Rayna; e assim que ouvimos sua voz, Ben e eu nos afastamos timidamente, O que também foi ridículo. Um abraço não era nada de mais para a gente. Embora ele, é claro, na maioria das vezes, não estivesse usando só uma camiseta fina, mas...

— Como é que eu não ouço mais ninguém entrando aqui? — perguntei.

— Sua casa é muito grande — disse Rayna. — Vamos... minha mãe vai dar uma festinha de boas-vindas pra gente lá em casa.

— Hoje? — perguntei.

— Agora — declarou Rayna. — Mas posso falar pra minha mãe que vocês., não estão em condições.

Ela disse essas últimas palavras com um olhar malicioso que se demorou no peito de Ben, que por sua vez ficou todo vermelho. A família inteira de Rayna passou os dois últimos anos torcendo para que Ben e eu ficássemos juntos. Pareciam achar que meus pais o tinham contratado não para ser meu consultor internacional, mas sim meu namorado.

Parece até loucura pensar que só conheço Ben há dois anos, e pior. que eu não queria nem falar com ele no começo. Minha mãe e meu pai contrataram Ben sem me dizer nada, logo depois que comecei a pegar trabalhos de fotojornalismo mundo afora, inclusive em alguns lugares não muito agradáveis. Fiquei furiosa, imaginando um guarda-costas brutamente descerebrado que fosse ficar andando atrás de mim

feito um albatroz empoleirado no meu pescoço.

Eu deveria ter dado mais crédito a meus pais. A maior preocupação deles não era que eu me machucasse. Conversamos muito e eles sabiam que eu era capaz de evitar todos os perigos mais óbvios. Eles também exigiram o direito de vetar qualquer trabalho que julgassem inadequado até eu completar dezoito anos. Então ficou claro que eles não tinham contratado Ben pelos seus músculos, mas sim pela sua cabeça. Aos vinte anos, ele já fez doutorado, fala mais línguas do que seria humanamente imaginável e sabe um pouco sobre quase tudo, embora suas especialidades sejam história e mitologia. Sua inteligência me deixa mais segura nas minhas viagens do que qualquer fortão por aí.

Mas, para Rayna e Wanda — e talvez para George também, já que ele concorda em tudo com as mulheres da sua vida —, Ben é a minha *alma gêmea*.

— É claro que estamos em condições — disse Ben. — Foi só um incidente com a minha blusa. Vamos pra festa.

Quinze minutos depois, todos nós já estávamos na casa de Rayna, onde Wanda tinha preparado um banquete ao melhor estilo americano para nos receber de volta em casa. A mesa de jantar estava totalmente coberta de pratinhos vermelhos, brancos e azuis com cachorros-quentes e rolinhos de salsicha, hambúrgueres, frango frito, purê de batata, biscoitos, Coca-Cola normal e diet, e, é claro, torta de maçã de sobremesa. Era uma quantidade absurda de comida só para nós cinco, e todos comeram até explodir, e depois Ben ainda se consagrou como grande campeão em uma maratona de charadas. Só voltei para casa à meia-noite — seis da manhã no horário de Paris. Eu estava há vinte e quatro horas sem dormir. Meus olhos ardiam de cansaço, e cada músculo do meu corpo implorava por descanso.

E foi quase o que fiz. Depois do banho, já estava prestes a cair na cama... quando cometi o erro de olhar para o computador. Meu protetor de tela estava mostrando um slideshow com as minhas fotos favoritas, e não conseguia parar de pensar no homem angustiado em frente ao incêndio e nas outras dezenove imagens que eu tinha separado horas antes.

Sentei na cadeira e apertei uma tecla para sair do protetor de tela. Fiquei olhando mais uma vez para aquele homem ao lado do caminhão de bombeiros, fascinada com seu tormento. Eu queria imprimir essa foto para pôr no meu portfólio, mas já tinha aumentado a imagem demais, então nunca conseguiria nada

além de uma impressão toda granulada.

Minimizei essa foto e dei uma olhada nas outras imagens, esperando para ver qual chamaria a minha atenção primeiro. Cliquei em uma foto de Rayna em frente ao Partenon, em Atenas. Ela estava com um vestido branco esvoaçante e os braços erguidos em uma pose de deusa. enquanto seus longos cachos ruivos tremulavam ao vento e ela olhava para a cidade lá embaixo. O pôr do sol ao fundo iluminava seu corpo com um brilho intenso, criando um efeito absolutamente magnífico... a não ser por um pequeno grupo de turistas que eu não tinha conseguido cortar da foto.

Hora de começar a edição.

Enquadrei a imagem e então notei algo estranho entre os turistas.

Um rosto de traços familiares e uma mandíbula forte.

Não. Era impossível.

Em vez de cortar os turistas, aumentei duas, três vezes essa parte da imagem.

Levando em conta a multidão de turistas no Partenon naquele dia, acho que fiz quase um milagre. As únicas pessoas aleatórias na foto eram seis membros de um único grupo de turistas, todos com camisetas azul-claras iguais com o slogan "Passeios Falando Grego". Todos estavam olhando para o monumento, apontando ou tirando fotos.

Mas havia também uma sétima pessoa, olhando diretamente para a câmera. Era um homem encoberto por três membros do grupo das camisetas azuis, por isso só dava para ver metade do seu rosto: parte do seu cabelo, uma bochecha máscula, um olho castanho penetrante... mas era ele, sem dúvida alguma.

Meu coração disparou quando puxei a foto do Partenon de canto e olhei de novo para a de Paris logo ao lado, com as duas ampliadas, mostrando o homem. Era o mesmo homem; o homem que estava não só no mesmo lugar que Rayna e eu no final da nossa viagem em Paris, como também na Grécia, três semanas antes.

Senti uma onda de pânico. Como eu não tinha reparado nele? Desde o incidente com a foto do acampamento de verão, eu me gabava de estar em constante alerta, sempre de olhos abertos à procura exatamente desse tipo de coisa, e, mesmo assim, eu não tinha percebido que esse homem estava nos perseguindo pela Europa.

Só podia ser isso, não é? Ele estava nos perseguindo. Por que mais ele estaria nas duas pontas da nossa viagem? Não podia ser só coincidência; era impossível..,

ou não?

Olhei de novo para as duas imagens. O homem solitário entre os bombeiros e o estranho entre o grupo de turistas., esse homem estava totalmente deslocado nas duas fotos. Cada uma das situações poderia ser facilmente explicada em separado, mas juntas elas apontavam para algo muito mais sinistro...

Meus olhos percorreram as miniaturas das outras imagens que eu havia separado e senti um arrepio na espinha. Se esse sujeito estava com a gente no começo e no final da viagem., ele poderia ter nos seguido esse tempo todo! Essa ideia me apavorava, mas não fazia sentido. E se eu não tivesse selecionado essas fotos pelas suas qualidades artísticas, mas sim por ter reparado em certo perigo que, de alguma forma, não havia notado antes?

Todo o cansaço que eu sentia evaporou-se. Senti meus pelos se arrepiarem enquanto eu minimizava aquelas duas imagens para abrir outra. Era uma da Basílica de Sacré Coeur, em Montmartre. Ampliei a foto e analisei rosto por rosto. Não o encontrei, mas também não o tinha visto de primeira nas outras imagens. Aumentei o zoom e continuei olhando, segurando o mouse com toda a força dos meus dedos.

Achei.

Uma sombra em um dos parapeitos mais altos.

Ampliei a imagem e senti minha testa úmida de suor.

Lá estava ele, virado de costas, mas eu podia ver seu cabelo, a jaqueta de couro, a calça jeans, o corpo musculoso., era ele, e em um lugar que eu sabia muito bem não ser aberto para visitaçãõ.

Então como ele chegou até ali? E por quê?

Minha primeira ideia na verdade me acalmou. Poderia ser um guarda-costas do governo contratado para nos acompanhar sem que eu e Rayna soubéssemos. Isso já tinha acontecido antes — minha mãe uma vez irritou algumas pessoas que começaram a ameaçar nossa família, então ela acabou contratando seguranças para me seguirem, mas não disse nada para não me assustar. Se fosse o caso, isso certamente explicaria seu acesso àquele parapeito. Ainda assim, era estranho não ter percebido nada, já que, em geral, sempre consegui identificar meus guarda-costas “secretos”, mas talvez ele só fosse um profissional mais discreto do que os outros.

Ou talvez ele estivesse sendo mais cuidadoso do que os outros porque não estava ali para me proteger. Em vez de evitar alguma ameaça... talvez *ele* fosse a ameaça.

Em desespero, abri as outras imagens, uma de cada vez. Passei freneticamente os olhos pelos fundos, cantos e outras partes, insignificantes à primeira vista, de cada foto, sempre ampliando mais e mais as imagens até... encontrar aquele homem. Ele sempre estava lá. As fotos eram de dias diferentes da viagem e em pontos diferentes da Europa, mas ele estava em todas. Sempre meio encoberto, escondido no fundo e pequeno o bastante para passar sem ser notado, a menos que você estivesse procurando, mas ele sempre estava lá.

Eu agora estava tremendo, certa de que esse homem havia nos seguido durante a viagem para fazer algum mal para mim e talvez para Rayna nos sequestrar? Nos matar? — e só por mero acaso a oportunidade perfeita não surgiu. Já estava quase ligando para a minha mãe quando abri a última foto: a da gárgula no alto da Catedral de São Vito, em Praga. Tirei essa foto com o zoom da própria câmera, pegando só a gárgula saltando da sacada e apenas uma janela e a fachada da catedral ao fundo.

Dei um zoom na janela, achando que veria o homem por trás dela. Não encontrei nada, o que só poderia significar que ele não estava nessa foto. Não havia mais nenhum outro lugar onde alguém poderia se esconder ali.

Ainda assim, continuei analisando a imagem ampliada, vasculhando-a de ponta a ponta. Até que finalmente encontrei uma sombra no canto superior da imagem, e um novo arrepio percorreu meu corpo.

Eu não queria ampliar a foto. Eu não queria ver mais de perto... mas eu precisava.

Aumentei o zoom mais uma vez e me concentrei na sombra.

Era ele.

Ele estava com as mãos nos bolsos da jaqueta de couro, encostado na parede da catedral, olhando com um ar pensativo para o horizonte sem uma gota 'de tensão em seu corpo. Era como se ele estivesse esperando um ônibus.

Só que ele estava a trinta metros do chão, flutuando em cima do nada.

*Do nada.*

O mouse escorregou dos meus dedos trêmulos, afastei minha mão por reflexo,

mas sem conseguir tirar os olhos da imagem. Quem era esse homem? *O que* era ele? Meu cérebro foi inundado por ideias, mas tudo me parecia ridículo e impossível.

Mas ficar parado no meio do ar também era.

Em um rompante de inspiração, peguei minha câmera e tirei dez fotos, girando na minha cadeira para pegar a estante de livros, o armário, a cama... cada pedaço do meu quarto. Desesperada, passei os arquivos para o computador e abri uma a uma, ampliando cada foto e estreitando os olhos em busca de qualquer sombra estranha ou imagem meio borrada.

Não encontrei nada.

Meu coração desacelerou enquanto eu continuava procurando; apesar das minhas ideias malucas, parecia que aquele homem era só um sujeito de carne e osso que estava nos perseguindo. No fundo, fiquei aliviada.

Mas então abri a décima foto e soltei um grito.

Era o meu armário aberto... com o homem dentro dele, no escuro.



FIQUEI OLHANDO PARA A TELA, PARALISADA DE MEDO.

Censurei-me por dentro. Era o que eu estava procurando, não era?

Era o que imaginava que ia acontecer. Foi só por isso que tirei essas fotos do meu quarto.

Mas imaginar e ver eram duas coisas muito diferentes. Eu poderia culpar a falta de sono pela ideia inicial, mas o resultado...

Eu ainda não tinha me virado do computador para olhar o armário. Faltava a coragem. É claro que ele não devia estar lá, mas eu não conseguia parar de pensar que ele poderia estar. E eu sabia que, se me virasse e o visse, era porque tinha ficado louca.

Ouvi passos e senti uma brisa, como se alguém estivesse vindo me estrangular...

Gritei e me virei para a direita; não encontrei nada.

Mas agora eu podia ver o armário, bem na minha frente, com a porta entreaberta, exatamente como ela estava dois minutos antes quando tirei a foto.

Ainda assim, eu precisava ter certeza. Eu podia ouvir meu coração martelando no peito enquanto me aproximava do armário. Estiquei a mão até a maçaneta e abri a porta com tudo, quase esperando que aquele homem fosse mesmo pular em cima de mim.

Mas é claro que isso não aconteceu. O armário estava vazio.

O que me trouxe de volta às ideias impossíveis: aquele homem de rosto másculo, na verdade, não estava em nenhum daqueles lugares com Rayna e eu... mas, ainda assim, havia aparecido nas minhas fotos.

Mas como? Como

Desconectei a câmera do computador e desliguei o monitor. Isso era loucura. Eu precisava dormir. Tudo faria mais sentido quando eu acordasse. Cambaleei até a cama, fingindo que era totalmente normal deixar as luzes acesas. Mas, mesmo depois de me deitar sob o clarão de todas as lâmpadas do meu quarto e de me enrolar no meu cobertor como se fosse um casulo de proteção, eu ainda não conseguia dormir. Sempre que fechava os olhos, o rosto daquele homem surgia na minha cabeça, e eu acordava de novo.

Resignada a passar a noite em claro, estiquei a mão para fora das cobertas e peguei o controle remoto para procurar alguma bobagem qualquer na TV para ver.

O canal de culinária. Perfeito.

Deixei o volume no máximo para abafar os meus pensamentos, me apoiei em uma montanha de travesseiros e deixei minha mente mergulhar em um estado de torpor.

De algum jeito, acabei caindo no sono e sonhando, mas, pela primeira vez em muito tempo, não tive pesadelos. Muito pelo contrário.

Eu estava ao lado do piano em um pequeno bar lotado, com meu tiquei vestido de franjas e meu colar de íris dançando junto comigo enquanto soltava uma agudíssima nota final. Assovios e aplausos ecoaram pela sala quando terminei, e aquilo me deliciou.

— Delia Rivers! — berrou Eddie, cheio de orgulho, com um charuto na boca e um terno manchado por cima da barriga saliente, enquanto se levantava para colocar o braço em volta dos meus ombros.

Eddie era o dono do bar. O dono de quase tudo em Chicago, na verdade. E era o meu dono também. Ele era o tipo de cara com quem ninguém mexia, ninguém com amor à vida, pelo menos. Mas mesmo enquanto ele me dava um beijo molhado na bochecha, não consegui resistir e olhei para o pianista. Ele se inclinou sobre o teclado, agradecendo ao público, mas retribuiu meu olhar e abriu um sorriso melancólico que acertou em cheio o meu coração..

Em seguida, Richie, o ajudante de Eddie, chegou correndo.

— Chefe! — gritou ele, mas antes que pudesse dizer mais alguma coisa, percebeu o olhar entre o pianista e eu. Richie ergueu as sobrancelha para mim, como se me implorasse para não fazer aquilo. Ele não queria que eu me metesse em confusão. Era um bom amigo e tinha razão, mas eu já estava apaixonada demais para ligar.

— O que foi? — esbravejou Eddie, desviando sua atenção de para Richie.

— Desculpa, chefe... é a polícia!

Imediatamente, todos nós saímos correndo pela porta dos fundos. Aquilo não era nenhuma ameaça na verdade: Eddie era dono da polícia também. Mas parte do acordo era que todo mundo sáisse na hora das batidas para não ficar chato. Só Eddie e sua equipe principal ficavam para manter a fachada de estabelecimento respeitável, que não vendia bebidas alcoólicas, como exigia a lei da época.

Liberdade. Por pelo menos uma hora inteira. Saí batendo meus saltos pelas ruas até ter certeza de que estava sozinha, então voltei direto para o beco atrás do teatro fechado. Meu pianista já estava lá, o nó na minha garganta se apertou e então se desfez enquanto eu corria o resto do caminho e me lançava em seus braços, beijando-o como se minha própria vida dependesse disso.

— Ver você com ele me parte o coração, Delia — disse ele, afastando-se apenas o bastante para poder me encarar com seus olhos profundos.

— Fuja comigo. Podemos ir para Hollywood. Você sempre quis fazer cinema. Fiquei vermelha e desviei os olhos.

— Todo mundo quer fazer cinema.

— Você não é todo mundo. Você tem talento. Mas é mais do que isso. Ninguém consegue tirar os olhos do palco quando você está cantando.

— Eu canto num bar do tamanho de um armário. Não tem muito para onde olhar.

Ele ergueu meu queixo com carinho para me olhar nos olhos.

— Queria que você se visse com os meus olhos. Não faz ideia do quanto você é especial. Você pode ter tudo o que sonhar. Nós dois podemos.

Aquelas palavras me deram um arrepio e, por um segundo, eu acreditei. Eu podia até ver: Nós dois fugindo, morando juntos, cantando e tocando em barzinhos, trabalhando duro para chegar ao estrelato...

Mas eu não tinha esse tipo de sorte. Não tinha escolha.

— Não posso ir embora — disse eu. — O Eddie me mataria.

— E você acha que eu não a protegeria? Eu morreria por você, Olivia.

Aquilo foi como um tapa na cara. Eu me afastei.

— Olivia?!

— *Delia* — corrigiu ele. Ele tentou se aproximar, mas eu me afastei.

— Não é a primeira vez que isso acontece. Quem é ela, a sua mulher?

Uma sombra cruzou seu rosto antes que ele pudesse responder.

— Não, não é isso. Eu já disse, o que aconteceu com ela... foi só... — suas grossas sobrancelhas se curvaram enquanto ele procurava as palavras certas, mas não as achou. — Enfim... foi há muito tempo. Desculpa, Delia. Por favor., olhe para mim.

Sabia que não deveria olhar, mas não resisti. Seus olhos me prenderam e o que vi foi uma alma embrutecida e magoada... mas ele não estava mentindo. Estava dizendo a verdade, e a verdade era muito pior do que ele poderia expressar.

— Eu não sei o que ela fez para você — suspirei, deixando que ele me abraçasse de volta. — Mas se algum dia ela aparecer, eu mato essa mulher.

Ele não disse nada, apenas me deu um sorriso melancólico, então pôs a mão na minha bochecha e ficou me olhando como se estivesse memorizando meu rosto. Fiquei arrepiada enquanto ele se inclinava para me beijar...

Abri os olhos, atordoada e perdida. A TV estava berrando dicas de como assar um peru, e a realidade voltou a reinar: meu quarto, minha cama, o canal de culinária.

Peguei o controle remoto e desliguei a TV. Tinha sido apenas um sonho, mas parecia tão real. E aquele cara, o pianista... era o homem das minhas fotos. Eu ainda podia sentir seus lábios nos meus como se soubesse de verdade como era seu toque, e uma parte de mim queria fechar os olhos e voltar para aquela fantasia, mas o sol entrando pela janela não me deixaria pegar no sono de novo.

Em vez disso, me arrastei até o computador e liguei o monitor e bati no teclado para sair do protetor de tela. Lá estava ele, olhando bem para mim. Essa mesma foto tinha me deixado apavorada ontem à noite, mas agora já não me incomodava mais. Ampliei a imagem, dando um zoom nos olhos do homem.

“Querida que você se visse com os meus olhos”, foi o que ele disse no sonho, e

eu me concentrei naqueles profundos olhos escuros como se realmente pudesse me ver ali, como ele me imaginava...

... até que comecei a dar risada, O que tinha dado em mim? Eu parecia Rayna: tive um sonho um pouco mais realista e já estava vivendo uma fantasia!

Era hora de acordar: os sonhos são só um jeito de o cérebro organizar as coisas não resolvidas na vida real. A história de um fantasma me perseguindo claramente não estava resolvida, então meu cérebro o mostrou como um grande amor no meio dos anos vinte para que ele parecesse menos assustador. E tinha dado certo... eu não estava mais com medo e agora podia começar a ver aquelas fotos de um jeito mais racional.

Antes de tudo, eu precisava descartar qualquer explicação paranormal. Eu não acreditava nisso. Era a única coisa que eu tinha mais em comum com a minha mãe. Meu pai era cientista, mas adorava pensar em coisas “além da compreensão humana”. Ele patrocinava algumas das pesquisas mais ridículas do mundo e vivia falando do potencial revolucionário da descoberta de uma fonte da juventude ou caverna de cura real, ou até de criaturas pré-históricas que poderiam revelar o segredo para se viver por mais tempo.

Graças a esses projetos, ele até foi responsável por certos achados arqueológicos muito interessantes, mas, quando uns malucos entupiam internet com conversas sobre o significado cósmico e transcendental dessas descobertas, minha mãe e eu preferíamos não acompanhar. Sabíamos a verdade: não existia nada “além da compreensão humana”. Com as informações certas, tudo poderia ser explicado. As imagens na minha câmera poderiam parecer impossíveis, mas só porque eu não sabia o que precisava para entendê-las., ainda.

Ouvi alguns barulhos no andar de baixo e meu coração disparou, mas logo relaxei. Era Piri. Há anos ela vinha sendo como uma avó húngara maluca para mim, me alimentando com doses iguais de deliciosas sobremesas típicas (como strudel e tortas) e superstições igualmente típicas (como sempre se sentar ao pegar um bebê para não roubar se sonhos). Minha mãe e eu não só dávamos risada, como meu pai adora, é claro, a ponto de anotar tudo para guardar em seu escritório junto com seus outros estudos sobre mitologias antigas e modernas.

Desde a morte do meu pai, eu vinha tentando não falar muito com Piri. Parece até absurdo, mas ela parecia estar sofrendo mais do que qualquer outra pessoa. Ela

abaixava a cabeça sempre que alguém mexia em qualquer coisa dele, seus olhos se enchiam de lágrimas e seus suspiros pesados ecoavam pela casa toda. Isso me irritava às vezes, pelo jeito como ela continuava se entregando à dor enquanto nós éramos forçados a seguir em frente. Mas, na maior parte do tempo, eu só a ignorava. Continuava fazendo as minhas coisas e me afastava dela.

O fato de ela ter chegado agora era uma ótima desculpa para sair de casa. Eu precisava de uma folga para arejar a cabeça. E estava morrendo de fome. Olhei para o relógio e vi que já era bem mais de meio-dia. Não era à toa que eu estava com fome., fazia muito tempo que eu não dormia tanto assim.

Peguei o celular e liguei para Ben.

— Quer comer no Dalt's daqui a uma hora? — perguntei.

— Claro — disse ele. — Quer levar o tabuleiro?

— Depende... está a fim de ser humilhado?

— Então pode levar.

— Até lá então.

Desliguei e corri para o chuveiro. Trinta minutos depois eu já estava saindo, com o tabuleiro na mão.

— Tchau, Piri! — gritei. Já estava saindo com meu carro quando vi Piri saindo na varanda para jogar uma xicrinha de água atrás de mim, para que a sorte fluísse como água na minha direção”

Doida.

Liguei o rádio e entrei na autoestrada cantarolando alto e fora do tom, curtindo a viagem. Minha mãe quis me dar um carro novo no meu último aniversário, mas eu só ia abandonar meu amado Ford Bronco verde-menta velho de guerra quando ele caísse aos pedaços. Eu mesma o tinha comprado, guardando o que ganhava até conseguir arrematar um carrão antigo. Todos os alugados lustrosos que eu dirigia quando estava viajando me lembravam o quanto adorava meu próprio carro. A gente se conhecia, a gente se dava bem; então, para que mudar?

Avistei Ben sentado perto da janela assim que parei no estacionamento. O Dalt's Diner era muito antigo — uma biboca aberta vinte e quatro horas para os caminhoneiros da autoestrada 1-95 ou para os alunos da Universidade de Connecticut desesperados atrás de algo para comer às três da manhã. Foi assim que Ben e eu descobrimos o lugar — ele trabalhava meio período na universidade

como professor adjunto, dava algumas aulas por semestre e morava em um alojamento no campus, então conhecia todos os pontos mais frequentados pelos estudantes.

O Dalt's parecia um vagão de trem — com uma longa fileira de sofazinhos próxima às janelas e um balcão ao lado da chapa, onde eles conseguiam preparar praticamente tudo do cardápio. Tenho quase certeza de que até o espaguete passava na chapa antes de vir para a mesa. Era praticamente o melhor restaurante do mundo.

Coloquei meus óculos de sol e um boné antes de sair do carro. Os universitários adoravam me parar para discutir política, medicina ou maluquices paranormais como se eu realmente pudesse falar pelos meus pais. Era ótimo que eles se interessassem por essas coisas, mas eu não era meu pai nem minha mãe, e nunca sabia bem como lidar com estas conversas, então eles sempre acabavam indo embora decepcionados.

— Pronto pra perder? — perguntei, vendo que Ben já havia preparado o papel e as cartas na mesa.

— Que comentário interessante — disse Ben, enquanto folheava o caderninho de folhas amarelas. — Porque, pelas minhas contas, você me deve setenta e cinco centavos.

Ben cresceu em uma família que adorava cribbage. Eu nem conhecia esse jogo quando a gente se conheceu, mas fiquei mal por ele só ter o computador como seu único oponente, então pedi para que me ensinasse. Não foi nenhuma surpresa, mas Ben era um ótimo professor e, em algumas poucas semanas, já estávamos competindo páreo a páreo. Eu soube que tinha entrado para o mundo do cribbage quando ele me presenteou todo orgulhoso com um tabuleiro só meu. Adorei aquela conquista e amarrei uma corda trançada em uma das pontas do tabuleiro para poder pendurá-lo em um gancho no meu quarto — em um lugar de honra e destaque.

Foi então que começamos nossa maratona ritual de jogos valendo dinheiro — vinte e cinco centavos por partida. Duas vezes ao ano, nós quitávamos as dívidas: no meu aniversário e depois no dele. O máximo que qualquer um de nós já teve que pagar foi um dólar, mas não era uma questão de dinheiro, e sim de orgulho. E de tradição também: sempre usávamos o meu tabuleiro e as cartas e o bloquinho de

folhas amarelas dele. Seria uma completa blasfêmia sequer pensar em mudar qualquer um desses elementos.

Mas o cribbage ficaria para depois.

— Como vai a Alissa? — perguntei.

— A Alissa continua sendo muito procurada — disse Ben, sacando uma pasta com capa de couro de sua mochila de lona com estampa militar.

Dei uma risada. Eu era Alissa.

Isso foi ideia de Rayna. Desde criança, eu adorava a ideia de ser fotojornalista. Eu sempre separava as melhores fotos para o “meu portfólio”, que eu guardava escondido embaixo da minha cama. Só Rayna sabia do plano, assim ninguém ficaria me perguntando nada depois eu não teria que me explicar se não desse certo. Esperei até fazer dezesseis anos e então mandei meu portfólio pra todos os lugares que admirava: revistas, jornais, *webzines*, canais de notícias., enfim, todo tipo de lugar. Passei as semanas seguintes tão ansiosa que mal conseguia escrever uma frase direito. Dei muito duro para tirar cada uma daquelas fotos do meu portfólio e acreditava na qualidade do meu material.

Por fim, as respostas começaram a chegar... e foi uma rejeição atrás da outra. Cem versões diferentes de “agradecemos pelo contato, mas somos uma publicação séria e não contratamos filhos de celebridades querendo realizar projetos pessoais por vaidade”

Fiquei totalmente devastada. Enterrei meu portfólio no sótão e juro que nunca mais mostraria as minhas fotos para ninguém.

Mas Rayna não desistiu assim tão fácil. Ela exumou o portfólio e o mandou com o pseudônimo de “Missa Grande” para outros lugares. Ela depois me contou que isso era uma piada interna: o significado de “Missa” é “a verdadeira”, então, mesmo sendo uma mentira, o nome estava lá para alcançar uma “verdade maior”: uma opinião sincera sobre as minhas habilidades.

Uma semana depois disso, consegui meu primeiro trabalho e nunca mais parei desde então. Não é como se eu ganhasse rios de dinheiro, nem nada, mas posso tirar fotos realmente importantes e compartilhá-la com o mundo todo, que é o que adoro fazer.

Enquanto estava na Europa com Rayna, Ben assumiu o controle do e-mail, do correio de voz e da caixa postal de “Alissa Grande” para mim.

— Perdi alguma coisa interessante? — perguntei.

Ben começou a ler as ofertas de trabalho. Eu tinha sorte de poder ser exigente e só aceitar os trabalhos que tinham alguma coisa a ver comigo, seguindo sempre, é claro, a regra da minha mãe de não pegar nada “perigoso demais”. Uma corrida de cavalos em Maryland? Não me interessava. Um toureiro de dezesseis anos que ia enfrentar seis touros no mesmo dia? Essa muito me interessava, mas a revista queria um enfoque pró -touradas e eu não queria ter nada a ver com isso. Um caso de sucesso de uma mulher sem-teto que mudou de vida usando microempréstimos para abrir seu próprio negócio? Adorei! Isso sim era a minha cara.

— Acho que é só isso disse Ben, encolhendo os ombros, e então voltou a olhar para sua lista como se tivesse acabado de reparar em alguma coisa. — Ah, espere... tem mais uma aqui... está afim de cobrir o carnaval no Rio?

Ele tentou fazer uma cara séria, mas não conseguiu.

Fiquei boquiaberta.

— Você está brincando?! CLARO!!!

Eu tinha milhões de motivos para querer cobrir o carnaval. Além de ser uma festa gigante de quatro dias, diferente de qualquer outra coisa no mundo, era também o sonho de todo fotojornalista: fantasias rebuscadas, a gandaia intensa, multidões de pessoas dos mais variados tipos, todas inundando as ruas para festejar juntas.

E, claro, eu tinha um motivo pessoal para ir ao Brasil. Desde o ano passado, eu vinha querendo conhecer o lugar onde o meu pai tinha desaparecido. Queria conversar com as pessoas que estiveram com ele em seus últimos dias. Minha mãe achava essa uma ideia inútil e mórbida. Ela já tinha entrado em contato com todo mundo no acampamento da GloboReach perto do Rio, onde meu pai foi visto pela última vez. Falou com todos pelo telefone no dia em que ele foi dado como desaparecido e foi até lá em pessoa quase imediatamente depois. Todos contaram a mesma história, que meu pai tinha feito o que sempre fazia em suas visitas ao acampamento. Atendia pacientes, reunia-se com os outros médicos e supervisionava o trabalho para ver como o posto poderia funcionar ainda melhor. Chegou a haver algum problema, alguma violência? Claro, a vida era assim mesmo nas favelas, as regiões mais pobres do Rio, mas não tinha acontecido nada fora do comum, e nada que tivesse a com o meu pai em si.

Meu pai tinha, *sim*, saído sozinho algumas vezes, e sem avisar ninguém para onde estava indo. Mas isso não era incomum. Ele acabava se envolvendo na vida das pessoas que tratava e ia visitar seus pacientes sempre que voltava a um dos acampamentos da GloboReach. Ele também se comovia tanto com as histórias das pessoas que às vez embarcavam em missões solitárias, lutando para fazer alguma coisinha a mais que pudesse ajudar certa família ou comunidade. Por tudo isso, as pessoas só foram estranhar o fato de meu pai estar sumido e incomunicável depois de vários dias. Àquela altura, seus rastros já haviam desaparecido e nem todo o dinheiro da família Weston nem nenhum poderoso emissário governamental poderia mudar esse fato.

Quatro meses se passaram entre o desaparecimento do meu pai e a decisão oficial do governo de declarar sua morte. Nesse tempo, o estado mental da minha mãe foi de uma ferrenha certeza de que seu dinheiro e suas conexões conseguiriam encontrá-lo, passando por uma resoluta esperança de que isso pelo menos traria algumas respostas, até finalmente chegar a um profundo desespero em relação a tudo no universo. Ela só conseguiu sobreviver porque decidiu esquecer completamente a história. Seu medo era ser jogada de volta naquele mundo de angústia caso se lembrasse do assunto.

Minha mãe só não percebia que eu *ainda* estava nesse mundo. Para mim, a única coisa capaz de me ajudar a pôr fim nesse sofrimento seria conseguir algumas respostas por conta própria, ainda que fossem as mesmas já dadas por ela, e que isso pudesse acabar com a minha última e minúscula chama de esperança de talvez, de alguma forma, ainda encontrá-lo vivo.

— Acha que ela vai assinar o papel? — perguntou Ben, enquanto eu chegava meu celular para discar. Como ainda faltavam mais dois meses para o meu décimo oitavo aniversário, eu precisava de uma permissão por escrito da minha mãe sempre que viajava para fora do país. Não eram todos os aeroportos, mas muitos pediam, e era uma exigência formal. Se o pessoal da alfândega me pedisse o documento quando chegasse ao Brasil e não o tivesse comigo, não me deixariam sair do aeroporto eu teria que pegar o próximo avião de volta para casa.

Minha mãe não estava atendendo, então deixei uma mensagem de voz com todas as informações pertinentes e pedi para que ela me ligasse de volta.

— Você sabe que ela não vai gostar — disse Ben.

— Eu sei. Mas é um trabalho. Acho que ela vai acabar deixando — em seguida, acenei a cabeça em direção às cartas. — Quer começar ou prefere deixar pra sofrer depois?

— Quanta confiança para alguém que está prestes a tomar uma lavada.

— Aaaaaah! Mas que metido!

Ben apenas sorriu e deu as cartas. Nós só fomos embora várias horas depois, com nosso placar em um empate apertadíssimo.

Meu celular tocou no carro enquanto eu voltava para casa.

— *Shalom* — cantarolei para minha mãe. — Não é madrugada agora em Israel?

— Acho que não é uma boa ideia, Clea.

Ouvi um alarido de risadas e conversas ao fundo e percebi que devia estar em algum jantar; algo bem casual e amistoso, mas era o tipo de situação que várias de suas maiores conquistas políticas muitas vezes nasciam. Ela queria ir direto ao assunto, já que não poderia muito tempo ao telefone.

— É um trabalho sério — disse eu.

— O que vão te pagar para fazer ou aquilo que você realmente quer fazer?

— É claro que vou fazer o trabalho pelo qual vão me pagar.

Uma explosão de gargalhadas irrompeu ao fundo. Minha mãe também riu.

— A gente se fala depois — disse ela. — Te amo.

Ela desligou e eu sorri. Ela não tinha dito não. Liguei o rádio e continuei seguindo para casa. Parei na casa de Rayna antes para beliscar uma pipoca e assistir aos programas de TV gravados que a gente tinha perdido durante a viagem. Já era bem tarde quando pendurei o tabuleiro de cribbage de volta na minha parede e me joguei na cama, então achei que seria mais fácil dormir desta vez.

Eu tinha razão; eu dormi. Mas aí vieram os sonhos.

A sala era toda coberta de tons avermelhados que combinavam com meu roupão escarlate. Estava sentada na frente de um espelho, passando hidratante no meu rosto para tirar uma pesada maquiagem de palco.

Alguém bateu na porta. Três batidas rápidas e duas lentas. O nosso sinal. Logo me levantei para destrancar a porta, tomando cuidado para não fazer nenhum barulho. Não queria que ele entrasse antes de eu estar pronta. Voltei para o meu banco e tirei o resto do creme do rosto. Desliguei a luminária da minha penteadeira

e então falei:

— Pode entrar.

Não me virei, mas nossos olhos se encontraram pelo espelho. Já estávamos juntos há um ano agora, mas eu ainda ficava nervosa quando o via. Ele era o homem mais lindo que eu já tinha visto. Não que fosse perfeito. Seu nariz era um pouco inchado na parte de cima, como se tivesse sido quebrado muito tempo antes e nunca mais voltado ao normal. E, mesmo sendo jovem, pequenas rugas irradiavam dos cantos de seus olhos. Isso dava personalidade a ele, como um homem que tinha lutado contra a vida e vencido.

— Por que você demorou tanto? — perguntou ele, enquanto tirava sua cartola e se abaixava para passar com seu corpo musculoso pela porta. — Fiquei preocupado.

Virei-me, pronta para reclamar, mas ele estava sorrindo. Relaxei e ri. Ele estava só me provocando. Eu sempre dizia que ele se preocupava demais comigo e que isso um dia ainda me deixaria louca, então agora ele fazia isso o tempo todo de propósito.

— Como você é mau — disse eu.

— E você — disse ele, me entregando um enorme buquê de íris vermelhas — foi muito, muito boa.

— Gostou mesmo? — perguntei.

— Hamlet nunca teve uma Ofélia melhor.

— Em mais de duzentos anos? — perguntei. — Acho que você não tem base para dizer uma coisa dessas.

Sua boca curvou em um leve sorriso seco.

— Ah, acho que tenho sim.

Revirei meus olhos com desdém e abri o mesmo sorriso de lábios fechados que eu quase sempre usava no palco. Mas ele não ia me deixar escapar assim.

— Você sabe quanto acho seu sorriso lindo, Anneline.

Fiquei vermelha. Ele sabia que eu odiava o vão entre os meus dentes da frente. Eu conseguia me esquecer disso quando estava atuando, mas na vida real, era como ter um ralo bem no meio do meu rosto.

— Não sei por que você acha que vai desapontar as pessoas se mostrar que não

é perfeita — disse ele com carinho. — Como se alguém fosse descobrir que toda essa sua imagem é só uma fachada.

Tentei conter as lágrimas que de repente começaram a se formar nos meus olhos. Ele sempre conseguia enxergar a verdade em tudo o que eu fazia, até quando era algo tão assustador e pessoal que eu não tinha coragem de admitir em voz alta para ninguém, nem para mim mesma.

— Você só não percebe que você é perfeita. E são as suas imperfeições que fazem você ser perfeita. Você só é você graças a elas. É isso o que as pessoas amam. E é o que eu amo também.

Tive que me esforçar ainda mais para conter o choro, mas essas lágrimas eram de gratidão. Sempre tinha sido assim desde que nós nos conhecemos — como se ele pudesse ver todos os lugares nos quais meu coração estava partido. Ele abria cada uma das minhas feridas, examinava com cuidado, arrancava tudo o que havia de ruim e então as cobria com seu amor até que elas cicatrizassem.

Era tão bom que às vezes eu quase não aguentava. Abri um sorriso, im sorriso verdadeiro, e ele logo mudou de assunto. Acenei com a cabeça para o buquê de íris em suas mãos e então apontei para o vaso de rosas em cima da mesa do meu camarim.

— Rosas e íris, hmm? Você está bem extravagante hoje, pelo visto.

— Não mandei essas rosas — disse ele, balançando a cabeça, curioso.

— Não? Mas no cartão está escrito: “Do seu maior fã”. Elas chegaram antes de a peça começar. Não foi você?

— Sei que você prefere íris — disse ele, erguendo seu buquê. — Posso?

— Claro.

Ele tirou as rosas do vaso para poder colocar suas íris no lugar, mas fez uma cara estranha e soltou as flores de repente.

— Tudo bem com você? — perguntei.

— Os espinhos — disse ele, fazendo uma careta. Várias gotinhas de sangue pipocaram em sua mão, crescendo rapidamente. Fechou o punho com força pela dor.

— Vou pegar um pano.

— Não, está tudo bem.

— Seu mártir... — disse eu, revirando os olhos. Procurei um pano em ma

gaveta e então peguei sua mão fechada com a minha. — Vamos, abra.

— Anneline, eu estou bem.

— Abra.

Ele abriu..., e sua mão estava intacta.

— Como... o que aconteceu? — perguntei.

— Parou de sangrar — disse ele, encolhendo os ombros.

— Mas... — passei meu dedo sobre a palma e os dedos de sua mão. — Não tem nada aqui. Nem um arranhão.

— E que eu nem me cortei.

— Mas sua mão estava coberta de sangue — insisti. Apertei a palma de sua mão e nenhum pontinho vermelho surgiu. Nada.

— Ei! — riu ele. — Você está tentando me fazer sangrar? — fechando sua mão sobre a minha e ergueu meu rosto com a outra para me olhar nos olhos, — Eu estou bem — garantiu ele. — Melhor do que nunca aliás. Ou, pelo menos, poderia ficar...

Ainda segurando minha mão, ele se ajoelhou e tirou uma caixinha do bolso.

Não. Não podia ser.

Ele abriu a caixinha, revelando um delicado anel com um diamante perfeito. Olhou para mim e eu vi uma eternidade de amor em seus olhos.

— Quer se casar comigo, Anneline?

Vi tudo naquele segundo; nossas vidas inteiras à nossa frente, um turbilhão de imagens girando tão rápido que eu não conseguia ver nada, mas que me inundaram com uma onda de felicidade tão pura que me fez chorar.

— Anneline? — seus olhos se arregalaram, preocupados.

— Sim! Sim, eu quero sim!

Ele não disse nada, mas seu sorriso brilhou enquanto se levantava e me pegava em seus braços. Comecei a soltar gritos, berros e risadas, e o meu mundo inteiro virou um borrão estático...

Levantei da cama, atordoada e ofegante. Virei a cabeça para o computador, tomada por uma certeza irracional de que o homem estaria ali, saindo da tela apagada.

Ele não estava lá, é claro, mas eu tinha que vê-lo. Arrastei-me para fora da cama, mas ainda estava grogue demais pelo sonho, e tombei no chão com tudo.

Quase ao mesmo tempo, ouvi uma batida na minha porta.

— O que aconteceu aí? — perguntou Piri.

— Estou bem! — gritei. — Foi só um pesadelo.

Ela abriu a porta com tudo.

— Um pesadelo?! — perguntou Piri, alarmada. — Deve ser mau-olhado Use as roupas do avesso hoje, vai espantar tudo o que tiver de ruim.

Ela ficou olhando para mim, esperando que eu aceitasse sua superstição ridícula.

— Claro, Piri, vou usar sim. Valeu.

Piri acenou a cabeça e então fechou a porta. Reparei que, antes de sair, ela olhou para a porta do escritório do meu pai e se benzeu, e eu revirei os olhos.

Levantei e fiquei olhando para o computador. Até alguns instantes antes, eu estava desesperada para ligá-lo e ver o homem dos meus sonhos, mas agora já não tinha mais tanta certeza. Tentei pensar o mesmo que na noite anterior, que meus sonhos com esse homem eram só uma estratégia do meu cérebro para deixá-lo menos assustador para que eu pudesse lidar melhor com isso. Até pensei no que Rayna diria; que o homem era lindo e misterioso, e que seria mais estranho se eu não sonhasse com ele. Ela diria que isso não era nenhum problema e que eu deveria agradecer à minha imaginação por uma boa noite de diversão.

O problema era que esses sonhos não eram simplesmente divertidos; eles eram densos e realistas e se prendiam na minha memória como musgo, me deixando confusa e descontrolada de um jeito estranho. Era muito ruim, e eu tinha a sensação de que, quanto mais tempo eu passasse olhando aquelas fotos, mais realistas esses sonhos se tornariam. Seria melhor não mexer mais com isso, pelo menos até eu voltar do Rio. Achei que seria tempo o bastante para que isso não me causasse mais tanto impacto.

Parecia ser um bom plano... mas os sonhos continuaram. Sempre que eu fechava os olhos, mergulhava em mais um capítulo da história de amor entre esse homem e eu. Só que não era eu na verdade. Eu era Delia, ou Anneline, ou Catherine, ou Olivia sempre uma dessas quatro mulheres, cada qual vivendo em uma época diferente. E a sensação que eu tinha era mais de estar voltando no tempo do que de estar dentro de um sonho.

No começo, foi horrível. Por mais feliz que eu fosse nesses sonhos, eu acordava

me sentindo como se aquele cara das fotos tivesse invadido meu cérebro. Tentei lutar contra esses sonhos. Eu dormia vendo filme de terror e drama de propósito, na esperança de que suas histórias conseguissem me prender durante o sono. Tentei usar exercícios de visualização, que supostamente ajudam você a criar seus próprios sonhos. Eu ficava na esteira até tarde, correndo por quilômetros e mais quilômetros até ficar exausta o bastante pra não sonhar com nada assim que encostasse a cabeça no travesseiro.

Mas nada disso funcionou. Toda noite, eu voltava no tempo de novo. Eu era Olivia na Itália renascentista, tentando aperfeiçoar minhas técnicas de aquarela pintando o homem que eu amava e seu melhor amigo, Giovanni. Eles eram péssimos modelos; nunca conseguiam ficar mais dois minutos parados sem cair na gargalhada. Em outras noites, cem anos depois, eu me via como Catherine, em uma região rural da Inglaterra, correndo a cavalo pelos campos ingleses, com o homem das fotos instigando seu cavalo a me acompanhar. Já em outras, eu era levada por Anneline aos melhores palcos da França no século XIX, ou por Delia para Chicago, na Era da Proibição.

Fiquei tão frustrada que quase liguei para a minha psicóloga, mas uma coisa não me deixou. Por mais que odiasse o fato de não conseguir lutar contra esses sonhos, também me sentia protegida por eles de um jeito estranho. Eles eram meus. Aquele homem era meu. Eu não queria compartilhar aquilo com ninguém. Eu não sabia bem por que, mas era assim que me sentia.

Depois de uma semana inteira assim, uma coisa ainda mais estranha aconteceu: parei de me incomodar por não conseguir controlar esses sonhos e comecei a esperar por eles cheia de ansiedade. Não foi de repente, mas quanto mais tempo eu passava com aquele homem, mais eu começava a me apaixonar por ele, e menos eu me importava por não estar no controle.

O homem sabia o que estava fazendo. Por mais que tentasse me proteger e me esconder, ele sempre conseguia perceber como eu realmente estava me sentindo. E ainda que, tecnicamente, ele estivesse fazendo essa mágica com quatro outras mulheres, pelo menos durante o sono, era eu quem estava naquele lugar. Elas pareciam comigo (a não ser pela pequena fenda entre os dentes quando era Anneline), falava como eu e, em suas almas, sofriam com os mesmos medos profundos e secretos que sempre me esforcei desesperadamente para não revelar.

Esses medos não incomodavam o homem. Na verdade, ele me justamente por eles e pelos hábitos que eu tinha desenvolvido tentando escondê-los. Era como se ele tivesse sido feito para mim. Com ele, me sentia segura e amada como nunca havia me sentido com nenhum outro homem na vida real. Ele até tinha uma marca minha. Ou pelo menos era assim que eu gostava de pensar. Seu peito tinha uma pequena tatuagem... uma tatuagem na forma de uma flor de íris.

No final das contas, eu não ligava se aquilo era só uma fantasia; era impossível resistir. Comecei a arrumar desculpas para ir dormir cada vez mais e mais cedo e até para tirar cochilos no meio do dia e satisfazer aquela parte de mim que mal podia esperar para estar com ele de novo. Acordar era de partir o coração. Sempre que abria os olhos e me dava conta de que estava sozinha, era como se uma parte de mim tivesse sido arrancada. Tentava me agarrar às memórias dos sonhos o máximo que podia, mas elas sempre se esvaíam muito rápido, me deixando triste, vazia e louca por mais. Meus devaneios com ele não tinham o mesmo realismo, mas, como era minha única opção para preencher o vazio entre as noites, era com isso que eu tinha que me contentar.

— Já chega — disse Rayna, fechando meu laptop. Faltava mais ou menos uma semana para a viagem ao Rio e nós estávamos sentadas no chão da cozinha fazendo nossos trabalhos para o final de semestre.

— Rayna! — reclamei. — Eu podia ter perdido meu trabalho!

— Ah, por favor! Faz uma hora que você não digita nada aí. Só me responda uma coisa: Quem é o cara e por que você não me falou nada sobre ele?

Senti meu rosto ficando vermelho.

— Que cara?

— Sério? Você vai vir com essa pra cima de mim? Está na cara, Clea. Você está praticamente delirando. Parece que você está em outro mundo desde que a gente voltou da... — ela parou de falar e me deu um tapa no braço. — Ah! Meu Deus! É o Ben, não é? Eu sabia que tinha interrompido alguma coisa naquela noite que a gente voltou de Paris. É o Ben e vê não me disse nada porque não quer me ouvir dizendo que eu avisei, mas eu avisei, sim! Sua tonta! — exclamou ela com tanto gosto que quase fiquei mal por ter de contar a verdade.

— Não! Não é o Ben, Rayna. Não é ninguém.

— Mentirosa.

— Tudo bem, não é ninguém real — disse eu, fazendo uma careta.

Ela ainda estava me olhando feio como se não acreditasse. Seria impossível sair dessa conversa sem dizer alguma coisa. E, no fundo, por mais que quisesse guardar aquele homem como um segredo só meu, eu também estava perdidamente apaixonada e parte de mim estava louca para contar tudo para a minha melhor amiga. Ainda assim, não sabia muito bem como contar tudo sobre alguém que só existia nos sonhos.

Então respirei fundo e comecei a falar. Contei a ela tudo sobre meus sonhos, mas sem dizer nada sobre como tinha ficado sabendo ele existia. Só disse que era um cara que eu tinha visto em uma foto algum lugar.

Na verdade, foi ótimo falar sobre ele. Falei e falei pelo que parecer ser horas. Quando terminei, Rayna ficou só olhando para mim.

— Você já sabe o que eu vou dizer não sabe? — perguntou ela.

— Quê eu preciso de um namorado.

— Você precisa de um namorado.

— Eu não preciso de namorado nenhum — Rayna ergueu uma sobrancelha.  
— Eu só disse que não preciso de um namorado — esclareci

— Não estou dizendo que sou contra ter um namorado, só não quero ficar com alguém só por ficar. Tem que ser a pessoa certa.

— E esse cara dos seus sonhos é a pessoa certa?

“Sim! É sim!”, era o que eu queria gritar.., mas isso só me faria passar por louca. Ainda assim, era realmente o que eu sentia no fundo do meu coração. O homem dos meus sonhos era a pessoa certa; e ele me mostrava isso a cada noite.

Mas como poderia ser diferente? Por mais realistas que fossem aqueles sonhos, eram apenas sonhos, o que queria dizer que a personalidade do homem na verdade era só fruto da minha imaginação. É claro que ele me conhecia melhor do que ninguém! Por que eu não o imaginaria sendo perfeito para mim? A tatuagem de íris era um toque realmente especial, fazendo uma ligação com meu pai e com o quanto eu sentia ita dele. Seria um prato cheio para Freud.

Ainda assim, por mais óbvio que fosse isso tudo, eu continuava apaixonada. Preferi ficar quieta e deixar Rayna achando que estava com a razão. Até concordei em deixar que ela arrumasse alguém para sair comigo depois que eu voltasse do Rio, mesmo sabendo que ninguém chegaria pés do homem criado pelos meus

sonhos.

Três dias depois, foi Ben quem me pôs contra a parede. Nós estávamos no Dalt's e eu estava terminando um bolinho de amora — quente, é claro — enquanto jogávamos cribbage e eu sonhava acordada.

— Dói quando os alienígenas vêm pra roubar seu corpo ou em geral você só desmaia e não vê nada?

— Rã?

— Acabei de ganhar três vezes seguidas de você. O que está acontecendo?

Ele ergueu uma sobrancelha, começando a bancar o detetive, e eu percebi que não teria como escapar. Pensei em como seria contar tudo para ele como eu tinha feito com Rayna e quase engasguei. Seria melhor morrer do que contar minhas fantasias para Ben. Ele iria me azucrinar para sempre.

Ainda assim, precisava dizer alguma coisa e ele me conhecia bem demais para acreditar em qualquer mentira.

Lembrei das fotos. Eu podia contar sobre as fotos sem falar dos sonhos. Ben era como o meu pai — ele engolia qualquer coisa com quê de mistério. Provavelmente iria adorar a foto da Catedral de Vito, com o homem parado no meio do nada.

— Você vai achar que sou louca... — comecei.

— Eu já acho isso, então...

Respirei fundo e comecei a explicar. Contei a ele sobre todas as fotos inclusive as que eram totalmente inexplicáveis e pareciam provar que homem na verdade não estava lá quando as tirei. Quando terminei, Ben estava franzindo a testa e a preocupação em seus olhos havia se transformado em espanto.

Ele realmente estava me achando louca. Não deveria ter dito nada.

— Dá pra você parar de me olhar assim? Sei que deve ter alguma explicação racional — disse eu. — Só não sei qual ainda, mas...

— Você precisa me mostrar essas fotos — disse Ben, muito sério.

— Hmm... Tudo bem — concordei, mesmo não sabendo mais se realmente queria mostrá-las para ele. — Quando eu voltar do Rio, dou uma olhada nelas de novo pra...

— Não, Clea — disse ele. — Eu preciso ver essas fotos agora.



---

VINTE MINUTOS DEPOIS, BEN ESTAVA NO MEU QUARTO, APOIADO A MINHA mesa, com uma das mãos emaranhada entre os cabelos enquanto olhava a tela do computador. Passei imagem por imagem, primeiro no tamanho original e depois nas versões ampliadas mostrando meu homem-fantasma. Vê-lo na tela foi mais impactante do que eu imaginava — meu coração começou a bater tão forte que eu podia sentir a pulsação na minha cabeça e fiquei com medo de que até Ben conseguisse ouvir.

Virei de frente para ele só para checar, mas ele não estava olhando para mim; seus olhos estavam fixos na tela.

— Posso ver? — perguntou ele, com a mão em cima do mouse. Eu nunca deixava ninguém mexer no meu computador, e Ben sabia disso, mas naquele momento todas as minhas energias estavam concentradas em manter a compostura, então não disse nada. Acenei com a cabeça e Ben pegou o mouse. Ele começou a passar pelas fotos, aproximando ainda mais a imagem do homem, seu rosto, seus olhos, sua boca...

Senti um calafrio. Isso tinha que parar; eu estava fora de mim e não teria nenhuma boa explicação para isso caso Ben me perguntasse por quê.

— Clea — disse ele.

Fiz uma careta, me preparando para ter a conversa mais constrangedora da

minha vida, mas Ben parecia exausto, como se esses dez últimos minutos tivessem sugado todas as suas forças. Ele tirou a mão do cabelos e olhou para mim com um quê de remorso.

— Preciso te mostrar uma coisa lá embaixo.

— Sério? — não tinha ideia do que ele teria para me mostrar na minha própria casa, mas desci com ele dois lances de escada e, em seguida ele foi em direção ao estúdio do meu pai.

— Ben...

— Eu sei. Mas a gente precisa entrar.

Relutei contra a vontade de soltar um grito e puxá-lo para longe dali enquanto ele abria a porta. Aquele estúdio era o santuário do meu pai. Desde sempre, a regra era que a gente tinha que entrar junto com ele ou bater e esperar a permissão. Entrar no estúdio era uma honra só para convidados e para ser compartilhada com meu pai, então ninguém abria aquela porta desde o ano passado. Entrar lá sem ele agora seria quase uma profanação.

— É o que ele quer, Clea — disse Ben. — Confie em mim.

Pela primeira vez na vida, fiquei um pouco irritada com Ben. Grant Raymond era meu pai; como Ben podia saber o que o meu pai queria? Eu estava prestes a disparar uma resposta seca, mas a palidez fantasmagórica no rosto de Ben me impediu. Alguma coisa estava muito errada e, por algum motivo, ele precisava conversar sobre isso comigo no estúdio, então entrei.

Assim como seu escritório, o estúdio do meu pai era um pandemônio de papéis, livros e equipamentos. Mas enquanto seu escritório era inundado pela desordem do seu trabalho, o estúdio abrigava a mistura ainda mais caótica dos seus hobbies. Fotografia digital era o principal deles, e meu pai tinha nada menos do que três monitores enormes que apontavam como ilhas entre as montanhas de papel fotográfico, cartuchos de tinta e emaranhados de cabos USB. Por toda parte, era possível encontrar seus livros velhos e gastos de mitologia e de história do mundo todo, tão amados. Em meio a eles, estavam obras de todos os tipos de Shakespeare: peças de teatro, sonetos, biografias e volumes e ais volumes de comentários sobre seus escritos.

Senti uma pontada no coração. A saudade era tanta. Era horrível pensar que até as minhas menores memórias estavam se esvaindo, mas eu já tinha quase me

esquecido de quanto meu pai tinha se apaixonado por Shakespeare, mais ou menos seis meses antes de desaparecer. Minha mãe ficou surpresa. Ela tinha passado anos implorando para que meu pai fosse com ela ao teatro e então, de repente, ele começou a devorar tudo ligado ao poeta. Ele sempre foi assim; quando se interessava por uma coisa nova, dedicava-se ao assunto até a exaustão.

Ben abriu o armário onde meu pai guardava todas as suas câmeras, desde as mais novas, digitais, algumas antigas, peças de colecionador que ele tinha comprado no eBay e até as polaroides quebradas há muito tempo que ele nunca conseguia jogar fora. Fiz uma careta de angústia enquanto Ben mexia no armário, batendo uma câmera na outra.

— Cuidado — disse eu.

— Desculpa. Já estou quase conseguindo.

Ele empurrou algumas câmeras de lado e então ficou na ponta dos pés, inclinado para apertar um botão no fundo da parede. O que ele estava fazendo?

— Pronto — disse ele.

— O que foi? Do que você está falando?

Ele não respondeu, apenas pegou um banquinho e o levou até a parede do outro lado da sala, que era coberta de fotografias enquadradas. Muitas eram fotos que meu pai mesmo tinha tirado, como as que mostravam meu rosto grande, gordo e sorridente aos três meses. Outras eram minhas, como a de uma garotinha de perna mecânica cruzando a faixa de chegada em sua primeira corrida de *cross-country*.

Mas enquanto Ben subia no banquinho, percebi que uma dessas fotos enquadradas havia se deslocado, despontando levemente para fora de seu lugar na parede. Era uma foto de dois frascos de vidro decrépitos e despedaçados, ainda meio cobertos de terra — os itens que tinham feito a fama do meu pai com o pessoal das ciências alternativas. Vários sites e fóruns de discussão foram criados sobre esses frascos, o que achei ridículo, mas ele adorou.

Meu pai havia organizado e patrocinado uma escavação na Itália, aonde ele foi pessoalmente para supervisionar uma busca pelos “Antigos Frascos do Elixir da Vida”. Quando foram encontrados, até os veículos de mídia mais convencionais deram a notícia, mas sempre ressaltando que, embora os frascos fossem mesmo muito antigos, como afirmava a lenda, e de fato fossem um achado arqueológico

significativo, eles também estavam completamente vazios, Ou seja, nada do Elixir da Vida. Meu pai não se preocupou com isso; ficou empolgadíssimo com a descoberta e deve ter tirado umas duzentas fotos dos frascos antes de entrega-los ao Museo Nazionale, o museu arqueológico nacional de Nápoles.

Agora, uma dessas fotos estava revelando um compartimento secreto que Ben conhecia perfeitamente... mas que eu nunca soube que existia. Ben abriu o resto da portinha e puxou uma pasta de arquivo completamente abarrotada. Ele voltou para perto de mim na longa mesa que meu pai usava para trabalhar, abrindo espaço entre as tralhas, e colocou pesado arquivo sobre a bancada.

Fotos. O farto arquivo continha um imenso amontoado de fotos.

— Seu pai te disse por que me contratou? — perguntou Ben.

— Pelo seu conhecimento — respondi.

— Meu conhecimento? — repetiu Ben. — Não, isso foi a sua mãe. O seu pai não estava interessado no que eu sabia. Ele me contratou pelas coisas que eu não sabia... mas nas quais ainda acreditava.

— Eu não tenho a mínima ideia do que você está falando. Como assim?

Ben respirou fundo e passou a mão pelos cabelos de novo, agarrando os fios como se pudesse arrancar as palavras certas de dentro de sua cabeça.

— Existem coisas que estão além da compreensão humana — ele. Eu não entendi se ele estava tentando citar meu pai de propósito ou sem querer. — Coisas que nós temos que aceitar, porque nunca vai conseguir explicar. Seu pai acreditava nisso e era importante pra ele que eu também acreditasse.

Eu sabia que meu pai e Ben adoravam esse tipo de coisa. Isso não era nenhuma surpresa — eu ficava dando risada de várias conversas eles tinham até tarde da noite. Mas agora ele estava dizendo que meu pai tinha exigido que Ben acreditasse nessas coisas como parte de eus trabalho, o que era muito estranho.

— Por quê? — perguntei.

— Para que eu pudesse proteger você — disse ele. Ben então abriu o arquivo. — Você reconhece isto? — perguntou ele, apontando com a cabeça para a primeira foto.

— Claro — disse eu. Era uma foto do dia em que minha mãe, Rayna e eu saímos do hospital, quase dezoito anos atrás. Nós estávamos na recepção, já saindo: Wanda e minha mãe em cadeiras de rodas, com Rayna e eu, recém-nascidas, no

colo.

— Está vendo todas essas pessoas no fundo? — perguntou Ben.

Acenei com a cabeça. Meu pai mesmo já tinha admitido que estava empolgado demais na hora para enquadrar a foto direito. Nós quatro estávamos na parte inferior, no primeiro plano, com o resto da foto cheio de pessoas aleatórias.

— Seu pai ampliou a foto pra ver melhor. Disse que não sabia por que, mas ele sentiu que precisava fazer isso.

Ben passou para a próxima foto. Era a mesma imagem, mas os estranhos na área da recepção apareciam melhor agora, mais em foco. Dava até para ver o corredor atrás da recepção: silhuetas vagas de enfermeiras empurrando uma maca, e outras figuras.

— Está vendo alguma coisa familiar? — perguntou Ben.

Balancei a cabeça. Eu não tinha visto nada, mas já podia imaginar aonde ele estava querendo chegar, e senti um embrulho no estômago de ansiedade.

Ben repuxou os lábios com um ar sério e passou para a próxima imagem.

— E agora? — perguntou ele.

Fui tomada por uma onda de tontura e me agarrei à mesa para me equilibrar.

Lá estava ele.

O homem dos meus sonhos.

Estava no fundo do saguão, perto dos elevadores. A imagem estava granulada, mas era ele, sem dúvida alguma. E, embora a foto tivesse sido tirada quase dezoito anos atrás, ele estava exatamente como nas minhas fotos. Até com as mesmas roupas: uma jaqueta de couro preta por cima de uma camiseta cinza e calça jeans.

— Seu pai disse que não sabia bem explicar., mas que tinha alguma coisa nesse cara... alguma coisa estranha.

Analisei melhor a foto. Mesmo longe de mim e da minha mãe, o homem estava olhando na nossa direção e não parecia muito contente. Estava com as costas meio arqueadas, as mãos afundadas nos bolsos e os olhos inchados como se talvez tivesse chorado.

Ben olhou para mim como se estivesse esperando uma resposta, mas eu não sabia o que dizer.

— Ele parece estar triste — por fim consegui dizer.

Ben acenou com a cabeça.

— O que não é nada estranho num hospital, mas seu pai não conseguia se livrar da ideia de que esse cara não estava triste por alguma outra pessoa, mas sim por você. Era só um pressentimento, mas ele acreditava nisso e me disse que, por um tempo, começou a ampliar e investigar todas as fotos que tirava. Ele achava que se estivesse certo, o cara voltaria a aparecer. Como isso nunca aconteceu, disse que acabou vendo que era só uma maluquice. Ele tinha que trabalhar e também queria ficar com você e com a sua mãe... então não podia perder seu tempo livre aqui embaixo caçando fantasmas.

Ben olhou para mim, sabendo que eu reprovava cada uma dessas palavras em um dia normal. Mas desta vez eu não disse nada. Ele então continuou a falar.

— Grant me disse que, quando você tinha uns quatro meses, ele estava mexendo em algumas imagens digitais quando voltou a ter a mesma sensação e...

Em vez de explicar, Ben apenas passou para a próxima foto. Era de algum tipo de evento formal. Mesas redondas estavam postas com toalhas finas e pratos de porcelana, e minha mãe estava usando um vestido preto, salto alto., e eu, presa contra o seu peito em uma cinta canguru. Eu me lembrava dessa foto também; minha mãe adorava dizer que me levava junto para todos os lugares quando eu era pequena. Dizia que os eleitores adoravam ver como ela conseguia se dedicar por completo tanto à sua filha quanto à sua carreira. Pra variar, ela estava trabalhando na foto, apertando a mão do vice-presidente dos Estados Unidos, enquanto sua mulher e eu trocávamos sorrisos abobados.

Agora, já sabendo o que procurar, só passei os olhos pela minha mãe e eu antes de analisar o plano de fundo. E não demorei muito.

— Ali — sussurrei, apontando para uma cadeira várias mesas atrás da minha mãe. A imagem era pequena, mas...

— Exatamente — disse Ben, passando para a próxima imagem, que era, claro, uma ampliação da área para a qual eu tinha acabado de apontar. O homem estava quase de costas para a câmera, com seus cotovelos apoiados na mesa e a mão fechada contra a têmpora. Ele parecia estar totalmente deslocado, com sua jaqueta de couro e calça jeans contrastando fortemente com os vestidos e ternos de todos os outros presentes.

— É difícil não reparar nele no meio dessa gente — disse Ben, refletindo o que eu estava pensando. — Mas seu pai disse que não reparou nele na hora. Ninguém

reparou. Ele perguntou pra várias pessoas. No final acabou chegando à mesma conclusão que você, quando tirou as fotos do seu quarto. Que esse cara nunca esteve lá de verdade.

— Bom, é o que parece — esclareci. — Mas deve ter alguma explicação racional. Tipo física quântica, uma coisa que ninguém ainda entende de verdade...

Ben apenas encolheu os ombros e me mostrou mais exemplos: fotos de quando eu era bebê, criança, pré-adolescente... sempre uma foto comum, seguida por uma ampliação que mostrava o mesmo cara nunca envelhecia.

— Seu pai disse que ficou muito preocupado no começo — continuou Ben, enquanto me mostrava fotos e mais fotos. — Especialmente por não poder contar nada pra ninguém, porque sabia que sua mãe iria achar pura maluquice. Mas, quando você ficou um pouco mais velha e nada de ruim aconteceu, ele continuou muito confuso, mas parou de se preocupar.

— Espere — disse eu, apontando para uma das fotos. — Essa aí é

Aquela tinha sido a minha primeira foto realmente boa, uma que eu tirei no meu aniversário de oito anos. Nós estávamos em Kauai e tudo o que eu queria era fazer um passeio a cavalo pela praia ao entardecer. Minha mãe se empolgou e, enquanto andávamos, tirei uma foto perfeita mostrando minha mãe, meu pai e Rayna em cima de um cavalo, todos silhuetados contra o céu rosado do fim de tarde.

— Eu sei — disse Ben. — Seu pai disse que ficou curioso pra saber se esse cara também iria aparecer nas fotos que você tirasse, então, de vez em quando, ele analisava as suas fotos. É claro...

Ben passou para a próxima imagem: uma ampliação daquela foto que eu conhecia tão bem, mas concentrada no mar bem atrás deles. Havia ali uma formação de rochas despontando para fora da água. Sentado entre as pedras, estava o homem.

Tentei buscar minha voz pelo que pareceu ser uma eternidade.

— Então esse cara, esse... — quase falei “fantasma”, como Ben tinha dito, mas a palavra engasgou na minha garganta. — Ele aparece nas minhas fotos desde sempre?

Ben acenou com a cabeça.

— Nas suas fotos e nas que você tirou. Não em todas, mas provavelmente em

muito mais do que só estas aqui. Seu pai apenas encontrou as que chamaram a atenção dele por algum motivo, como aconteceu com você e as fotos da sua viagem.

— Mas todo esse tempo... como eu não reparei?

— Não sei. Talvez ele não estivesse pronto pra que você reparasse.

— Ele?

Ben começou a revirar os volumes na prateleira entupida de livros do meu pai e então tirou um tomo imenso com uma capa de couro vermelha toda rachada e páginas já amolecidas de tanto desgaste.

— O que é isso? — perguntei. A capa não tinha título, apenas um círculo grande.

— Você não vai gostar — avisou Ben. — O círculo é um símbolo antigo da vida eterna. Esse livro é um guia do mundo espiritual. Seu pai achou que poderia encontrar algumas respostas nele.

Fiz uma careta para Ben, mas ele só acenou com a cabeça para o livro. Abri com todo cuidado. Era um livro artesanal— todas as páginas tinham tamanho um pouco diferente umas das outras e as letras não eram muito bem alinhadas. A caligrafia de estilo antigo era grossa e difícil de ler, além de ser ofuscada quase completamente pelas bordas e ilustrações feitas à mão. Passei para uma página separada por um marcador, tomada, na maior parte, pela imagem de uma linda e radiante mulher alada. Ela estava com suas asas bem abertas, sorrindo com ar protetor para um bebê em um cesto. Ao lado da criança, havia um pequeno onde meu pai havia escrito: “Clea???”.

Olhei para Ben.

—Você consegue ler a legenda? — perguntou ele.

Analisei as letras rebuscadas.

— Anjo da guarda? — perguntei.

Ben acenou com a cabeça.

— Era o que Grant esperava, que esse homem fosse seu anjo guarda, alguém pra proteger você de qualquer mal.

Abri um sorriso, pensando no quanto ele parecia me proteger nos meus sonhos.

— Faz sentido — disse eu, então logo completei: — O máximo de sentido que uma loucura dessas pode fazer, claro.

Ben inclinou a cabeça com ar evasivo.

— Mas seu pai não ficou convencido.

Apontou com a cabeça de volta para o livro e eu reparei em outro marcador, mais para o fim. Passei para essa página e fiquei boquiaberta. Também era tomada, na maior parte, por uma ilustração de um homem alado, mas esse desenho era feito com tons de vermelho. Tinha o corpo de um deus, mas seu rosto era monstruoso, e ele estava olhando de lado para uma mulher adormecida de rosto inocente, com seus braços abertos e todos os músculos de seu corpo tensos de ódio, como se estivesse prestes a atacá-la.

Meu pai também havia deixado um *post-it* nesta página, desta vez perto da mulher adormecida, mas suas letras eram menores e tremidas: “Cléa...?”

Olhei para a legenda. Já conhecia essa palavra, mas tive uma forte sensação de que ela não tinha nada a ver com uma banda de rock nesse contexto.

— *Incubus*? — perguntei para Ben.

— Sim. Íncubo, na verdade. Uma alma perdida — disse ele, acenando com a cabeça e com ar sério. — Em geral de um homem, que se transformou em um espírito maligno que se prende a alguém pra desviar seu caminho. Esse espírito é de natureza meio... sexual — ele ficou com o rosto vermelho e apontou para a ilustração. — Como aparece aqui. O íncubo surge pra uma mulher e faz... enfim... coisas com ela enquanto ela dorme.

Meu queixo caiu e fiquei feliz por Ben não estar olhando para mim enquanto uma torrente de imagens excitantes dos meus sonhos passava voando pela minha cabeça. Não me dei conta de que estava prendendo a respiração até soltar todo o ar com um sopro que tentei disfarçar forçando uma risada.

— Não tem graça, Clea.

— Isso é *ridículo*. Mesmo que esses espíritos malignos existissem, você não acha que ficaria bem óbvio se um deles estivesse me perseguido a minha vida inteira? Alguma coisa horrível já deveria ter acontecido comigo, não é?

— Talvez algum dia isso ainda aconteça mesmo. Talvez ele só esteja esperando a hora certa. E talvez essa hora seja agora e é por isso que de repente, você começou a ver esse cara em todo lugar.

— Então ele é um espírito maligno *bem paciente* — disse eu, sarcástica.

— Sabe o que mais deriva da raiz “*incubus*” no latim? — resmungou Ben. — Incubar. Não acho que seja coincidência. Acho que essa... coisa estava em

incubação e agora está pronta pra vir à tona e fazer seja lá o que for. E acho que seu pai concordaria comigo.

— Você não tem como saber disso — disparei de volta, cheia de ciúme... mas eu sabia que não era verdade. Durante a última meia hora, Ben tinha provado que conhecia meu pai muito melhor do que eu imaginava... talvez até muito mais do que eu mesma.

Ben ergueu a mão para mexer em seus cabelos e então a abaixou.

—Desculpa. Sei que deve estar sendo um choque. É só que... esse é o verdadeiro motivo pelo qual seu pai me contratou. Quando você começou a viajar, ele percebeu que você ia passar muito tempo fora, então quis que você tivesse alguém por perto que soubesse de tudo isso pra ficar de olho em qualquer coisa estranha. Ele se preocupava com você. E eu também me preocupo.

Ele estava preocupado mesmo; dava para ver em seus olhos. Acreditando ou não nas teorias que ele e meu pai tinham sobre o homem nas fotos, minha única certeza era que eles dois só queriam me proteger, algo que eu precisava respeitar.

— Tudo bem — disse eu. — E o que você acha que a gente deve fazer?

—Acho melhor você não ir pro Rio.

— Você ficou maluco?! Por quê? O que uma coisa tem a ver com a outra?

— Talvez nada — admitiu Ben. —Mas, pelo visto, o Rio não foi um lugar muito seguro pro seu pai. Se essa coisa estiver se preparando pra atacar, acho que seria melhor não facilitar as coisas com você indo pra algum lugar perigoso.

— Se você realmente acredita que esse “ser” não é humano, ele pode me atacar em qualquer lugar, certo? Poderia me pegar no meu próprio quarto — percebi que tinha escolhido mal as palavras e senti meu rosto ficando vermelho, mas continuei: — Além do mais, meu pai também chegou a achar que esse cara poderia ser meu anjo da guarda. Já se esqueceu disso?

— Você acha que ele parece um anjo da guarda?

De fato, ele não se parecia nada com um anjo da guarda, mas tudo o que eu sabia sobre aquele homem me fazia acreditar que ele não poderia querer meu mal.

Mas claro, tudo o que eu sabia sobre ele — por mais real que aquilo me parecesse — era só fruto da minha própria imaginação... ou não?

Afinal, anjos da guarda e íncubos também eram frutos da nossa imaginação.

Eu tinha que me concentrar nos fatos. E o fato era que alguma coisa bizarra

estava acontecendo, mas era muito mais provável que eu pudesse encontrar uma explicação para isso em um livro moderno sobre a teoria das cordas do que em algum tomo antigo sobre o mundo espiritual. Outro fato era que meu pai parecia saber que essa coisa estranha estava acontecendo desde sempre e nunca tinha dito nada à pessoa obviamente mais afetada por tudo isso.

— Por que meu pai falou sobre essas fotos com você e não comigo? — perguntei.

— Nós já discutimos isso. Ele disse que não falou nada quando você era pequena pra não te assustar. E depois, quando você cresceu, porque ficou parecida demais com a sua mãe e provavelmente nunca acreditaria nele.

Abri um sorriso. Meu pai tinha razão e, naquele momento, senti como se ele estivesse ao nosso lado. Também me dei conta de uma coisa — de que eu o conhecia, *sim*, melhor do que Ben. Eu sabia exatamente por que ele tinha feito aquilo.

— Meu pai soube disso minha vida inteira disse eu —, mas nunca deixou que isso me impedisse de fazer o que eu queria. Eu também não posso deixar. Nós vamos para o Rio, sim.

Ben abriu a boca para discordar, mas sabia que não adiantaria.

— Tudo bem — disse ele. — Vamos para o Rio, então. Naquela noite, um envelope da FedEx chegou, contendo a autorização por escrito da minha mãe que eu precisava para ir ao Brasil. Ela incluiu um bilhete que dizia: “Ainda não acho uma boa ideia, mas confio em você para decidir o que é certo. Te amo. Mamãe”

A viagem ia rolar.

Quando fui me deitar naquela noite, fiquei pensando se o que eu tinha descoberto hoje mudaria alguma coisa nos meus sonhos. O homem voltaria a aparecer? Ele agiria da mesma forma? Eu estava louca para saber, mas, infelizmente, percebi que é quase impossível dormir quando você não para de pensar em um sonho específico. Lá pelas duas da manhã, eu já tinha desistido de pegar no sono e estava jogando paciência na cama, enquanto via um seriado antigo na TV. Eu tinha planejado descer assim que o programa acabasse para preparar um chá, mas isso não aconteceu.

De repente, me vi sentada no Dalt's.

Estava no balcão, vendo o chapeiro preparar vários hambúrgueres e uma torta

de maçã enorme na grelha. A porta se abriu com um rangido e, mesmo sem erguer os olhos, eu soube que era ele. Senti algo de diferente no ar assim que ele entrou, sua força emanando enquanto ele atravessava o lugar e o calor de seu corpo a poucos centímetros do meu quando ele sentou.

Faíscas saltavam entre nós e eu podia sentir seus olhos ardendo sobre mim, mas eu ainda não tinha me virado para ele.

— Quem é você? — perguntei.

— Você sabe quem eu sou — respondeu ele. — Eu sou seu.

O chapeiro virou um hambúrguer com toda habilidade e o prensou com sua espátula. A carne chiou contra a grelha, espirrando gordura para os lados.

— Eu deveria estar com medo? — perguntei.

— Por quê? — respondeu ele. — Não adiantaria nada.

O chapeiro pôs um prato na minha frente: um hambúrguer quentinho e suculento reluzindo de gordura em cima de um pão aberto.

Só que não era um hambúrguer. Era uma tarântula grelhada.

Levei um susto e olhei para o chapeiro. Era Ben, com gotas de suor escorrendo de sua testa. Ele piscou para mim e apontou com a espátula para a grelha, onde seis outras aranhas enormes fumegantes estavam fritando.

Virei, horrorizada... e dei de cara com o homem e seus olhos profundos e inebriantes de sempre... só que agora incrustados em um crânio em putrefação.

— Me dá um beijo — sibilou ele.

Eu queria correr mas não conseguia sair do lugar, e, enquanto ele se aproximava de mim, abrindo sua boca grotesca, pude ver dentro dele um turbilhão negro do mais puro nada e soube que aquilo iria me puxar cada vez mais e mais até que eu me afogasse naquele vazio infinito...

Levantei de supetão da cama e percebi, para o meu horror, que havia alguma coisa grudada no meu rosto. Ergui as mãos desesperadamente e encontrei...

...uma carta de baralho.

— Urgh! — grunhi, jogando-a de lado.

Então os meus sonhos de amor tinham virado pesadelos? Que ótimo. Era melhor mesmo, na verdade. Assim eu teria mais perspectivas.

Os pesadelos não duraram. Mas as minhas fantasias românticas de antes também não voltaram. As duas coisas se misturaram de algum jeito. Nas duas

noites seguintes, fui atormentada por sonhos ainda mais terríveis, sonhos cheios de realidade, mas de uma realidade terrível e confusa, na qual nada fazia sentido, mas tudo era incrivelmente real.

Eu era Olivia e estava em uma linda sala que brilhava como o sol. Um círculo de outras pessoas estava comigo, todas usando roupas tão brilhantes que faziam meus olhos arder.

Ele estava comigo, segurando minha mão. Abriu um sorriso.., e então começou a escorrer sangue de seu peito, dos braços, das pernas... jorrando e escorrendo pelo seu corpo, mas ele parecia nem se dar conta. Continuou sorrindo e apertou minha mão com todo carinho. Eu gritei, mas ele pareceu não perceber.

Olhei dos lados para pedir socorro, mas tudo o que vi foram os dois frascos decrepitos semienterrados que a escavação arqueológica do meu pai havia encontrado. Uma mulher com cabelos negros e olhos escuros e penetrantes pegou os frascos e os entregou para mim, gargalhando histericamente enquanto um longo talho se abria em sua garganta, fazendo o sangue jorrar. Virei e me vi cara a cara com Giovanni, o melhor amigo do meu amado.

— Giovanni! — gritei. — Me ajude! Me ajude, por favor!

— Shhhh... — sussurrou ele, com um dedo sobre os lábios. — É melhor assim... é tudo para o seu bem.

Não entendi — o que era para o meu bem? Eu estava desesperada por alguma resposta, mas ele não disse nada, apenas ergueu um porrete e eu fiquei paralisada, sem conseguir fazer nada, a não ser ficar olhando enquanto aquilo vinha contra a minha cabeça.

A noite seguinte foi ainda mais estranha e surreal. Eu era Anneline.

Era o dia do meu casamento e eu estava entrando na igreja, indo em direção ao homem que sorria de coração aberto para mim. Já estava quase ao seu lado quando me dei conta de que não estava de braço dado com meu pai, mas sim com Ben.

Na verdade, não era Ben. Ele se parecia com Ben, mas estava diferente. Mais forte. Mais alto. Julien. Seu nome era Julien. Ele me deteve antes que eu pudesse chegar ao meu noivo. Enquanto sorria para mim, ele pegou uma rosa com um caule comprido... e a enfiou devagar através de meu vestido, quase sem fazer força, para atravessar meu coração.

Engasguei enquanto sentia aqueles espinhos rasgando minha carne e saindo

pelas minhas costas.

— Julien...!

Continuou sorrindo e me levou até o altar. Ninguém parecia estar reparando na rosa cravada em mim; os convidados, o padre, meu noivo... todos estavam sorrindo com um ar tranquilo enquanto a cerimônia continuava e eu me esforçava para respirar, agora com sangue escorrendo pelo meu vestido branco. Enquanto o padre falava, Julien pegou outra rosa.

— Não... — implorei, mas ele não me ouviu. Ele me analisou com todo cuidado e então atravessou meu corpo com a flor, colocando-a perfeitamente ao lado da outra.

Fiquei no altar, segurando meu buquê ensanguentado de íris brancas, tentando pedir ajuda para todos à minha volta, mas ninguém me deu atenção, nem mesmo quando tombei no chão e desmaiei...

Foi terrível. Em poucas noites, deixei de ansiar pelos meus sonhos e passei a ter medo deles. Mesmo depois de acordar, eu não conseguia me esquecer daquelas imagens terríveis, e comecei a sentir como se minha vida normal fosse uma fantasia e aqueles sonhos grotescos fossem o mundo real.

O que estava acontecendo comigo?



# 5

---

SEJA LÁ O QUE ESTIVESSE ACONTECENDO, A ÚLTIMA COISA QUE EU QUERIA era cair no sono durante as doze horas de viagem até o Rio com Ben. Ele já estava preocupado por causa das fotos — e ficaria maluco se eu começasse a chorar e me debater enquanto dormia. Ou até pior, os outros sonhos poderiam voltar — aqueles tão bons nos quais eu quase conseguia sentir as carícias do homem. Eu não tinha a mínima ideia de como ficava quando tinha esses sonhos e nunca poderia deixar que Ben me visse assim. Eu morreria de vergonha.

Não fechei os olhos durante a viagem toda e já estava exausta quando pousamos. Segui Ben feito um zumbi pelo resto do caminho; pegamos nossa bagagem, alugamos um jipe, fomos para o hotel, fizemos o check-in e fomos cada um para o seu quarto. A cama parecia ótima, mas o pessoal da GloboReach estava nos esperando, então troquei de roupa com muito custo e me preparei para sair.

Em frente ao hotel, respirei aquele ar salgado e deixei que o Rio me trouxesse de volta à vida. Dava para sentir na pele a energia do lugar: a praia cheia de turistas ricos, todos com roupa de banho e óculos de sol, e as ruas largas tomadas por músicos locais e pessoas esperando ansiosamente pelo desfile mais à noite — o grande momento do carnaval.

Ben foi dirigindo. Abaixei meu banco, tirei os sapatos e apoiei os pés no painel do carro, deixando meus membros expostos ao sol enquanto seguíamos até o posto

da GloboReach. O chão estava coberto de neve quando saímos de Connecticut e fazia mais de 30 graus no Rio. Apesar de tudo, me sentia leve e solta com meu shorts curto, top branco e óculos de sol, livre dos quilos de casacos e suéteres que eu vinha usando o inverno inteiro.

O acampamento da GloboReach, onde o meu pai foi visto pela última vez, ficava perto de uma das favelas mais conhecidas da cidade. O lugar não era longe do nosso hotel, mas era como se ficasse em outro mundo. Conforme fomos chegando mais perto, as ruas passaram a ser de terra e a ficar mais estreitas, e eu quase podia sentir aquela aura de violência que meu pai dizia se alastrar por ali. Ele dizia que era bizarro quanto as favelas ficavam perto da decadência de Copacabana, mas nunca imaginei que veria isso em primeira mão. Peguei minha câmera e comecei a tirar fotos, esperando que alguma das revistas para as quais eu trabalhava quisesse publicá-las e eu pudesse compartilhar essa experiência com o mundo.

Quando chegamos ao acampamento, fomos recebidos por um homem que parecia mais um zagueiro de futebol americano do que um médico. Ele era alto e forte, estava de bermuda camuflada, camiseta e tinha a cabeça raspada.

— Clea Raymond! — disse ele, assim que descemos do carro. — Bem-vindos à GloboReach — ele sacou seu celular e completou: — Só um segundo.

Um segundo? Olhei com ar curioso para Ben.

— Alô? Senhora, aqui é o Dr. Prichard... — disse ele ao telefone. — Sim, senhora. Ela está aqui... Sim, com um amigo... Sim, é ele mesmo... Pode confiar em mim... Sim, é claro.

Ele me estendeu o celular.

— É a sua mãe.

Inacreditável. Eu peguei o celular.

—Mãe???

— Sei que você não é mais criança. Só queria te dizer que não precisa fazer isso. Se não estiver gostando, não há nenhum problema em dizer tchau e voltar para o hotel.

— Mãe... eu estou bem.

— Eu só me preocupo com você, Clea...

Olhei para o alto, enfasiada.

— Eu quero fazer isso, mãe. Olha, eu prometo que vou embora se não estiver

gostando, tá?

— Tudo bem. Ótimo. Eu te amo.

— Eu também.

Nós desligamos, e eu devolvi o celular para o Dr. Prichard, tentando dispersar aquele momento de preocupação materna.

— Desculpa pela chateação — disse eu.

— Imagine. Quer que eu te mostre o lugar?

O Dr. Prichard era muito pragmático e era fácil ver por que meu pai gostava dele. Ele nos levou para conhecer o acampamento e, depois de vermos tudo, nos convidou para sentar em frente à sua cabana. Já acomodados, senti as palmas das mãos suadas de repente e limpei-as no shorts. Eu vinha querendo ter uma conversa com esse homem há um ano, mas, agora que ele estava na minha frente, era difícil saber por onde começar. Decidi partir logo para o assunto — ele parecia ser o tipo de homem que gosta disso.

— Então... o que você pode me contar sobre o desaparecimento do meu pai?

O Dr. Prichard acenou com a cabeça. Ele já estava esperando por isso.

— Sinto muito, mas acho que não tenho nada de novo para dizer. Só posso repetir o que já contei aos outros: Ele saiu do acampamento sem avisar para onde estava indo, como costumava fazer sempre. Só que, dessa vez, ele não voltou o Dr. Prichard pareceu ter ficado desconfortável com suas próprias palavras e então limpou a garganta. — Peço desculpas se fui seco demais. Seu pai era um homem bom. Eu o respeitava muito.

— Não, tudo bem. Obrigada. Agradeço pela sua honestidade e sei que você já contou toda essa história antes. É só que... se você tentasse lembrar... lembrar de qualquer outra coisa do dia em que ele desapareceu... qualquer coisa que seja, mesmo que pareça totalmente insignificante... isso seria muito importante pra mim.

O Dr. Prichard voltou a acenar com a cabeça. Ele olhou para o sol, estreitando os olhos, tentando se lembrar. Fiquei calada para dar tempo a ele. Por fim, ele passou a mão pela cabeça de um jeito que me fez pensar se aquele não era apenas um velho hábito que ele tinha desde antes de raspar os cabelos.

— Certo — disse ele. — Lembro de uma coisa, sim. Mas saiba que a minha opinião não significa nada.

— Eu entendo — garanti a ele. — Mas eu adoraria ouvir, mesmo assim.

— Nós lidamos com casos muito graves aqui neste posto — disse o Dr. Prichard. — Uma em cada cinco pessoas que chega aqui já teve alguém na família assassinado, e a maioria delas já sentiu na pele como é a violência daqui. Ficar vendo isso o tempo todo... pode abater você. Seu pai nunca se deixou afetar. Sempre tentava alegrar os ânimos do pessoal. Fazia piadas, inventava brincadeiras para a gente e para a comunidade... Coisas bobas, como jogos de adivinhação e corridas de obstáculos... coisas para aliviar a tensão. Mas nos últimos dias, antes de desaparecer, ele estava diferente. Estava sério. Meio triste, até. Como se estivesse incomodado com alguma coisa.

— Você sabe com o quê? — perguntei. — Era alguma coisa neste posto? Algum paciente, talvez?

— Não que eu saiba. Quer saber? Acho que ele só tinha comido alguma coisa que deu um nó no estômago dele. Não seria a primeira vez que isso acontece por aqui. Enfim, já te disse tudo o que sabia de relevante. Mas como você me perguntou...

Ele se levantou e eu entendi que a nossa conversa tinha acabado.

Ben e eu nos levantamos também.

— Obrigada — disse eu. — Agradeço muito mesmo pela sua atenção.

Depois de nos despedirmos, Ben e eu fomos para o jipe e então nos colocamos a caminho do hotel.

— Interessante — disse Ben, dando voz aos meus pensamentos. — Mas isso não ajuda muito.

— Talvez não — concordei, mas minha mente já estava viajando.

O que poderia ter afetado o humor do meu pai? Seria alguma coisa com algum paciente? Ou talvez com um ex-paciente — se fosse alguém fora do acampamento, o Dr. Prichard não teria mesmo como saber. Talvez ele estivesse tentando salvar uma família de traficantes. E se ele tivesse se envolvido demais com algo a ponto de fazer alguém tomar alguma medida mais drástica para afastá-lo?

Tecnicamente, a GloboReach era da nossa família agora — e eu tinha certeza de que poderia conseguir acesso a todos os arquivos do meu pai para ver se algum de seus ex-pacientes ou suas famílias estavam envolvidos com algo mais obscuro em que meu pai poderia ter se metido.

Mas também o próprio Dr. Prichard não tinha dito que praticamente todo

mundo que eles recebiam já tinha sofrido alguma violência? A lista de ex-pacientes do meu pai que poderiam tê-lo arrastado para alguma situação perigosa devia ser imensa. Estudar caso por caso levaria uma eternidade e, mesmo assim, eu poderia acabar não encontrando nenhum fato concreto.

Ben apertou a buzina e eu despertei dos meus pensamentos. Estávamos presos atrás de uma multidão imensa de pessoas dançando pelas ruas em volta de um caminhão de som tocando samba a todo volume. Ainda faltavam algumas horas para o desfile, mas a festa já tinha começado. Por puro instinto, fiquei de pé em cima do meu banco para ver melhor, pendurei meus óculos no meu top e comecei a tirar fotos.

— Isso não é muito seguro — disse Ben. — A gente está andando a, tipo, cinco quilômetros por hora, está tudo bem.

E, de fato, quanto mais eu ficava atrás da minha câmera e mais o samba se infiltrava no meu corpo, mais me sentia bem e esquecia de qualquer outra coisa. A cena das ruas era completamente irresistível — as batidas do caminhão de som ampliadas pela bateria ao vivo, com suas fantasias cheias de penas e contas. Nem me dei conta de que estava rebolando junto com a música até Ben falar comigo.

— Como você consegue dançar e tirar fotos ao mesmo tempo?

Caí na gargalhada e meu riso liberou o último fio de tensão do meu corpo.

— Minha câmera tem estabilizador de movimento... vale ouro!

Seguindo lentamente atrás dos foliões, nosso jipe se tornou parte do desfile — em especial quando dois homens só de sunga preta com tambores nas mãos pularam dentro do carro, gritando empolgados para multidão.

— Ah, fala sério! — resmungou Ben. — Não dá, assim vou ser multado!

— Como?! — gritei por cima da bateria. — A polícia está dançando também!

Tirei uma foto em dose de um dos tamborileiros, que então me chamou para tocar com ele. Ficamos batucando juntos enquanto Ben dirigia, até que finalmente chegamos ao estacionamento do hotel; então, os caras de sunga desceram e correram para alcançar a multidão.

Também havia música dentro do hotel, e senti aquele som me carregando, mais leve que o ar.

— Poxa, não está gostando do carnaval? — brinquei, pegando Ben pelo braço.

— Só não estava gostando de dirigir no meio do carnaval — rebateu Ben.

— Foi emoção demais pra você?

— Bom, viajo direto com você, então acho que aguento qualquer coisa.

— Até uma briga com aquele cara?

Ele se virou para olhar e, assim que desviou sua atenção, saí correndo para o elevador.

— Ei! — gritou Ben, e então correu atrás de mim, mas dei um pulo e apertei o botão antes dele.

— Adeus! — exclamei.

— Sua besta — disse Ben.

— Pare de resmungar. Vamos subir e trocar de roupa pra cair no samba.

— Trocar de roupa? Mas você está tão bonita assim.

— Como você é bobo.

Ben acenou com a cabeça, aceitando o elogio, enquanto o elevador chegava.

Uma hora depois, já estava de banho tomado e pronta para sair.

O desfile era uma desculpa perfeita para usar meu vestido de verão preto favorito, que era ótimo para dançar, e eu estava me sentindo toda leve e alegre quando bati na porta de Ben. Ele abriu e me deu uma rosa vermelha de presente.

— Pra você — disse ele.

— Que cavalheiro — respondi. — Mas você deve imaginar que tinha uma dessas no meu quarto também, né?

Ben olhou por cima de seu ombro para o vasinho agora vazio sobre sua mesa.

— Hmm... não tinha pensado nisso. Mas continuo sendo um cavalheiro?

— Claro.

— Aliás, hoje a senhorita está sublime hoje — disse ele com um sotaque britânico que me fez gargalhar.

— O senhor também — respondi com toda gentileza.

— Ótimo. Vamos indo, então?

Ele ofereceu o braço e eu me enganchei, mas não sem antes pendurar a bolsa da minha câmara no ombro para que ela não ficasse batendo entre nós.

Dava para ouvir a música nas ruas mesmo dos nossos quartos, mas o estardalhaço ficou ainda maior quando as portas do elevador se abriram.

O hotel tinha sua própria festa de carnaval, e nós abrimos caminho entre a multidão até o bar. Ben e eu pedimos uma bebida cada e elas chegaram em copos

enormes, transbordando, com imensos pedaços de frutas tropicais nas bordas.

— Um brinde ao Rio? — sugeri, dando uma risadinha e erguendo meu copo.

— Ao Rio! — respondeu ele.

Brindamos e então bebemos, mergulhando naquela atmosfera cheia de música até que ficar sentada começou a me parecer um crime.

— Dance comigo — pedi.

—Clea — hesitou Ben. — Você sabe que eu não sei dançar.

Sabia mesmo. E também sabia que Ben não costumava me dizer muitos não. Desci da minha banqueta e o puxei pelas duas mãos, já sambando, enquanto abria uma trilha entre as pessoas até a pista de dança.

O lugar estava cheio, mas não lotado demais. Ben parecia estar aterrorizado. Claramente, eu teria que guiar a dança.

—Tudo bem, e agora, como é que eu faço? — perguntou ele.

Não respondi, apenas continuei dançando.

—O que você está fazendo? Não consigo fazer isso. Não dá! Meu quadril não mexe desse jeito. Como você consegue fazer isso? — ele estava nervoso, tentando dançar com passinhos curtos, completamente fora do ritmo da música.

Coloquei minhas mãos em sua cintura.

— Calma. Está tudo bem. Relaxe e deixe seu quadril solto.

— Eu estou relaxado. Mas o meu quadril é muito tímido. Ele não gosta de dançar sozinho sem o resto do meu corpo.

Dei risada. Dançamos até a música acabar e então fomos para o sam5dromo, onde aconteceria o desfile oficial. A revista que me contratou para tirar as fotos tinha nos dado ingressos para uma frisa, que era o tipo de camarote que ficava mais perto da passarela. Chegamos cerca de meia hora antes de o desfile começar, e o estardalhaço da multidão a ensurdecedor. Segurei firme na mão de Ben e na minha câmera, enquanto abríamos caminho em meio àquele oceano de corpos até chegarmos aos nossos lugares. Em geral, eu odiava aglomerações assim, mas aquele lugar conseguiu anular essa regra.

Fogos de artifício explodiram no céu, anunciando o início do desfile, e a rainha da bateria da primeira escola de samba entrou na avenida. Eu me senti no paraíso. Ben parecia incomodado.

— O que você não daria por um tapa-ouvido agora, hein? — perguntei para

ele. Aquele lugar realmente não era a sua cara, mas Ben estava levando tudo numa boa.

O desfile transformou a avenida em um caleidoscópio de cores. Cada escola tinha centenas de passistas e componentes da bateria, todos com enormes fantasias cheias de penas, asas, espelhos, contas, sinetas e muito mais. Dançavam entre imensos carros alegóricos com vários andares, que também vinham cheios de outros passistas. Era uma torrente interminável, com uma escola mais exuberante que a outra. Eu queria olhar para todos os lados ao mesmo tempo.

Ben e eu ficamos quase a noite toda dançando e tirando fotos.

Lá pelas quatro da manhã, o sambódromo ainda estava pegando fogo, mas parte do meu trabalho era cobrir as coisas que aconteciam fora do desfile também, então voltamos para a cidade. As ruas estavam mais agitadas agora de madrugada do que as de muitas cidades ao meio-dia.

Enquanto os primeiros tons rosados da alvorada começavam a brilhar no céu, Ben e eu chegamos à praia em frente ao nosso hotel. Ali, a festa também não tinha acabado, com vários músicos espalhados pela areia, cada um com pequenos grupos de pessoas dançando à sua volta. A atmosfera ainda era alegre, mas um tanto mais branda, aquecida pelas últimas brasas da celebração que havia atravessado a noite. Apenas um grupo parecia continuar a todo vapor — uma multidão enorme do que achei ser universitários que estavam cantando e dançando como se a noite estivesse só começando. Tirei fotos deles e de tudo o que estava acontecendo na praia, e então dei minha missão por encerrada. A hora do trabalho tinha acabado.

Pus minha câmera de volta na bolsa e respirei o ar da praia. Meus olhos estavam embaçados, mas eu não conseguia nem pensar em dormir, então me virei para Ben.

— Dance comigo — disse eu, e, para a minha surpresa, ele aceitou sem reclamar, pegando minhas mãos e gingando ao ritmo da bateria mais próxima. Chutei meus sapatos de lado para sentir a areia entre os dedos e então fechei os olhos, deixando a música me guiar. Eu me soltei de Ben e girei e girei... até que perdi o equilíbrio e caí. Ben me pegou nos braços e, surpreendentemente, me inclinou sob seu corpo como um dançarino profissional.

Olhei para cima e todo o meu campo de visão foi preenchido por Ben. Seu rosto, tão familiar, emoldurado contra o céu do amanhecer.

Seus cabelos castanhos bagunçados, seu nariz um pouquinho grande demais para o rosto e seus olhinhos marrons de cão sem dono. Uma leve camada de barba cobria seu queixo, e eu, de repente, senti uma irresistível vontade de tocá-la. Passei meus dedos com carinho pela sua bochecha. Era áspera.

— Clea — disse Ben, perdendo um pouco a voz. Ele me puxou de volta para ficar de pé, mas não me soltou. Não me importei. Estava gostando de sentir seus braços em volta de mim. Lembrei da noite em que voltei da Europa, de como sua camiseta molhada ficou grudada em seu peito. Sem nenhum esforço consciente, meus olhos foram para o colarinho de sua camisa social azul e, por um instante insano, me imaginei desabotoando-a, roçando meus dedos em sua pele enquanto desabotoava cada botão...

Isso era uma loucura. Aquele era *Ben*. Meu amigo.

Com muito esforço, tirei meus olhos de seu peito e olhei para o seu rosto, mas me deparei com uma feição diferente da que eu conhecia. Estava sério e confiante como nunca o tinha visto antes. E eu gostei. Ele ergueu a mão e ajustou meu cabelo atrás da orelha. Já tinha feito isso uma vez antes? Acho que não. Foi maravilhoso.

— Clea — repetiu ele, quase sussurrando agora. — Eu queria te dizer uma coisa...

— OLELEÔÔÔÔÔ!!!!!!

Era a manada de universitários, os garotões empolgados que eu tinha fotografado antes. Estavam atravessando a praia, enquanto as pessoas abriam passagem. Ben e eu tentamos fazer o mesmo, mas fomos separados um do outro quando eles chegaram como um enxame à nossa volta dançando ao som da bateria.

— Ben — disse eu, sem mal conseguir vê-lo entre aquele mar de corpos.

— Clea?

Sua voz parecia distante. Comecei a atravessar a multidão para encontrá-lo.

— Ben!

— Clea!

Ótimo. Ele parecia mais perto agora. Olhei pelas frestas no meio daquele amontoado de pessoas, me esforçando para conseguir encontrá-lo...

...quando, de repente, congelei, sentindo o tempo parar.

O homem dos meus sonhos estava com a gente na praia.



---

— CLEA — EXCLAMOU BEN, EMERGINDO DO MEIO DE TODA AQUELA multidão.

Nem o vi. Meus olhos estavam fixos no homem, quinze metros mais adiante, olhando para a areia com a testa franzida, como se estivesse procurando alguma coisa que havia perdido.

Estava usando jeans, uma jaqueta de couro e uma camiseta cinza.

De repente, ergueu a cabeça e olhou direto para mim. Aquele era um rosto que eu conhecia tão bem quanto o meu e pude ver seus olhos cheios de espanto, exatamente como os meus.

Em seguida, ele se virou e saiu correndo pela praia.

— NÃO! — berrei, partindo imediatamente atrás dele.

— Clea?! — gritou Ben, mas eu mal o ouvi. Estava totalmente concentrada no homem. Não podia deixá-lo escapar. Corri o máximo que pude para alcançá-lo antes que ele sumisse de vista.

O homem era rápido, mas eu também era. Fazia mais de um quilômetro e meio na esteira em menos de seis minutos, e minha resistência era impecável graças às aulas de Krav Magá. Persegui o homem até a praia de Copacabana, me esquivando e passando por entre grupos dispersos de pessoas que ainda dançavam.

Quando chegamos ao Leme, um morro coberto por árvores na ponta norte da

praia, o homem não parou. Continuou em frente, saindo da estrada de terra e partindo para o meio da mata. Eu o segui sem hesitar, mesmo sem meus sapatos. Ele agora tinha ganhado uma vantagem, e logo o perdi de vista, mas ele deixou um rastro de folhagens amassadas para trás, que eu segui, sentindo uma secura na garganta enquanto me esforçava para continuar correndo mais e mais.

Nem vi aquela raiz. Correndo a toda velocidade, tropecei e de repente me vi gritando com uma dor absurda no tornozelo, enquanto caía de cara em uma moita.

— NÃO!!! — berrei, muito mais pela frustração de perder o homem de vista do que pela dor. Tentei me levantar, mas o tornozelo esquerdo não aguentou o peso e tombei de volta no chão. — Droga! — virei a cabeça fazendo uma careta para examinar meu tornozelo que estava ficando cada vez mais inchado. — Droga, droga, droga, DROGA!

Tentei me levantar com mais cuidado desta vez, mas o tornozelo não ajudava e me estatelei de novo no chão.

Mas que ótimo. Sozinha, no meio do nada, com o tornozelo estourado, completamente incapaz de sair do lugar. Uma sensação de derrota me soterrou como uma avalanche, e o impacto de tudo aquilo me atingiu de repente: meu pai, os pesadelos, os sonhos, a dor; meu Deus do céu, eu estava tão cansada, só queria ter seis anos e estar encolhidinha na cama com a minha mãe e o meu pai me cobrindo e me dando beijo de boa noite.

Era só isso o que eu queria. Era uma coisa tão simples, mas também impossível. Já sem mais nenhuma esperança, me encolhi no chão e comecei a chorar.

— Oi... você está bem?

Reconheci aquela voz..., como meu inconsciente conhecia a voz dele?

Mas quando ele se agachou ao meu lado, me arrastei para longe.

— Não encoste em mim! — berrei.

Ele ergueu as mãos para mostrar que não queria me fazer nenhum mal.

— Tudo bem, tudo bem — sorriu ele. — Era você quem estava me perseguindo.

Olhei feio para ele. Foi uma incrível demonstração de controle da minha parte, já que vê-lo ali, bem na minha frente, estava causando completo alvoroço no meu corpo e na minha cabeça. Meu coração estava disparado e meu cérebro estava

repassando cada momento que eu tinha vivido com aquele homem nos meus sonhos.

Tentei me lembrar de que ele era um estranho. Muito provavelmente estranho e perigoso. Eu precisava que ele me respondesse muitas coisa, mas também precisava me manter firme.

— Desculpa — disse ele. — Achei que você estivesse machucada.

— Eu estou machucada. Torci meu tornozelo.

— Talvez seja melhor você não sair por aí perseguindo estranhos pela mata.

— Talvez seja melhor você não fingir que não me conhece.

Ele arregalou os olhos por um instante, chocado, e então gaguejou:

— Você se lem...?

Então sacudiu a cabeça com um gesto rápido, como se estivesse tentando dissipar um pensamento inconveniente. O único sinal de tensão em seu rosto era o músculo repuxado de sua mandíbula.

— Você deve estar me confundindo. Acho que nunca nos vimos antes.

— Sério? Então você sempre se assusta quando uma garota olha pra você?

— Não sei do que você está falando...

— E aí você foge. A toda velocidade. Mesmo sabendo que eu estava tentando te alcançar. Isso não é normal. Ninguém reage assim quando vê um estranho.

O homem repuxou os lábios e então encostou a mão fechada ao lado da testa, um gesto que eu tinha visto tantas vezes que quase perdi a pose de durona, mas acabei conseguindo me controlar.

Ele abaixou a mão e sorriu, mas seus olhos continuaram perdidos.

— Eu reagi mal — disse ele, seco. — E não tenho nenhuma boa explicação para isso, a não ser que sou tímido. Só voltei porque achei que você tinha se machucado e seria uma irresponsabilidade deixar uma menina sozinha aqui no meio do nada. Mas eu posso ir embora, se você preferir...

— *Não...*

— Tudo bem. Vamos dar uma olhada nesse seu tornozelo.

Ele agachou e ergueu as sobrancelhas, pedindo meu pé. Estiquei mia perna, que ele pegou entre as mãos, e então um estalo irrompeu da mata atrás de nós.

— Meu Deus do céu! Saia de perto dela! O que foi que você fez?!

Ergui a cabeça e vi Ben, com o rosto todo vermelho, saindo com tudo do meio

do mato e empurrando o homem para trás.

— Ben! — protestei.

— Calma! — disse o homem, levantando-se. — Ela está machucada. Só estava dando uma olhada no...

— Fique. Longe. Dela — rosnou Ben, avançando pouco a pouco para o homem, enquanto o encarava.

— Pare, Ben — pedi.

Ele olhou para mim, confuso, e então virou de volta para o homem. Seu corpo todo estava inclinado para frente, como um cachorro tentando escapar da coleira. Em outra situação, isso seria até engraçado: ver Ben, todo desengonçado e com seu jeitão de intelectual, achando que poderia ser uma ameaça para a muralha que era aquele homem.

Ainda assim, o homem recuou.

— Não está quebrado nem deslocado — disse ele, acenando a cabeça para o meu tornozelo. — Foi só uma torção. Ela deve acordar melhor amanhã mesmo.

— O que você precisa fazer é simples, Clea — disse Ben, sem tirar olhos do homem, mas falando comigo com uma voz calma e firme.

— Diga que ele não tem como afetar você. Ordene que ele vá embora e não volte nunca mais. Mande-o dar as costas e passar a eternidade vagando pelo mundo.

Ele tinha ficado maluco?

— Do que você está falando?

— De mitologia antiga — disse Ben. — É assim que você se livra de um íncubo.

— De um o quê?! — riu o homem.

Ben não achou nenhuma graça.

— Vamos logo, Clea.

— Por favor... não se preocupem — disse o homem, erguendo as mãos. — Vou deixá-los em paz.

Enquanto ele se virava para desaparecer mata adentro, quase gritei

“NÃO!” com todas as minhas forças, mas nem precisei.

— PARE! — gritou Ben, saltando contra o homem, com seus músculos tensos de raiva. Ele pegou o pulso do homem e ergueu em frente ao seu rosto. — De onde

— você tirou isto aqui? — rosnou Ben.

Arregalei os olhos quando percebi o que Ben estava falando; nem acreditei como eu mesma não tinha reparado antes. Em qualquer outra pessoa eu teria notado, mas encontrar o homem em carne e osso estava fazendo minha cabeça girar com tantas outras coisas...

O homem estava usando o relógio do meu pai. Um Omega prata. Meu pai e minha mãe tinham comprado dois relógios do mesmo modelo um para o outro no primeiro dia da lua de mel. Quase nunca tiravam. Nas raras ocasiões em que um deles achava ter perdido seu relógio, o mundo parava, e a gente tinha que largar tudo para revirar a casa de ponta-cabeça até encontrar.

E *aquele* relógio estava no pulso daquele homem.

— Não sei do que você está falando — disse ele. — Este é só o meu relógio.

— Mentira — Ben tirou o relógio da mão do homem e então o jogou para mim.  
— O que você me diz, Clea?

Minhas mãos tremiam enquanto eu analisava o relógio. Claro, existem milhares de outros relógios iguais ao do meu pai por aí. Não era impossível que esse homem tivesse um do mesmo modelo.

Virei então o relógio para ver a parte de trás. Gravado com letras em itálico, estava escrito: *“Grant — meu amor será sempre seu. Victoria.”*

Havia alguns arranhões embaixo disso, mas não importava. Sem dúvida alguma, era o relógio do meu pai.

Meu corpo todo estava tremendo agora. Senti a raiva borbulhando dentro de mim enquanto tentava conter as lágrimas.

— O que você fez com ele? — gritei para o homem.

— Então é o relógio dele mesmo? rosnou Ben. — Onde ele está? O que você fez?

— Nada — rebateu o homem. Não fiz nada. Mas você tem razão, o relógio não é meu. Eu ganhei de um homem.

— Mentira — esbravejou Ben.

Segurando o relógio firme na minha mão, me esforcei para levantar.

Meu tornozelo ainda estava ruim, então tive que pular em uma perna para me apoiar em Ben. Encarei o homem nos olhos, deixando de lado tudo o que eu achava que sabia sobre ele e me concentrando em minha única certeza: que ele tinha

alguma ligação com o meu pai. Com os olhos fixos nos dele, comecei a falar com minha voz ainda abalada pela dor no tornozelo:

Este relógio era do meu pai. Ele nunca o daria pra ninguém.

—Nunca. Preciso que você me diga quem diabos você é e como diabos você arrumou este relógio.

O homem ergueu uma sobrancelha e me dei conta do quanto era absurdo tentar intimidá-lo, uma vez que não conseguia nem parar de pé sem ajuda.

Ele ergueu o pulso que Ben ainda estava segurando com toda a força.

— Você pode só soltar o meu braço antes?

— Pra quê? Pra você poder fugir? — esbravejou Ben. — Acha que sou idiota?

O homem apenas olhou para ele.

— Se eu realmente quisesse escapar, nenhum de vocês teria como me impedir.

Ele tinha razão, é claro.

— Solte o cara, Ben — disse eu.

— Clea...

— Quero ouvir o que ele tem para dizer. Solta ele.

Ben soltou o braço do homem.

Parei para guardar o relógio do meu pai em segurança, na bolsa da minha câmara, e então olhei fixamente para o homem e perguntei:

— Quem é você?

Ele respirou findo, como se precisasse de uma longa história para responder, mas apenas disse:

— Meu nome é Sage. É um prazer conhecê-la, Clea.

Sage. Senti um arrepio quando ouvi ele dizer meu nome.

— Belo colar — disse Sage.

— Como assim?! — explodiu Ben. — Isso aqui não é uma festa, cara!

— Seu namorado é muito protetor — disse Sage. — Acho isso bom.

— Não estou nem aí para o que você acha — disse eu.

Isso era uma grande mentira. Estava muito interessada em ouvir tudo o que ele tinha a dizer e estava louca para deixar claro que Ben não era meu namorado. Mas tentei ignorar esse impulso.

— Grant Raymond, meu pai, desapareceu por aqui mais ou menos um o atrás. E você está com o relógio dele. Dá pra você me explicar isso?

—Seu pai era um bom homem — disse Sage. — Cuide-se, Clea, e viva uma vida longa e feliz.

Ele esticou a mão e acariciou minha bochecha com os dedos. Senti minha pele arrepiar com seu toque. Inclinei meu corpo, querendo mais, mas ele virou, abrindo caminho entre a mata.

— ESPERE!

Fiquei com ódio do meu próprio corpo por não ter como correr atrás dele. Finalmente eu o havia encontrado. Não tinha nenhuma dúvida de que ele era o homem dos meus sonhos. Não era só alguém *parecido* com ele; era ele — o homem que me entendia como ninguém nunca tinha entendido antes. E agora eu nem podia fazer nada enquanto ele sumia em meio à mata. Ainda não sabia como ele conhecia meu pai. E se Sage o tivesse machucado? Não acreditava nisso, mas minha cabeça estava girando com tantos sentimentos diferentes que era difícil saber no que pensar.

Ben sacou seu celular.

— Ele não vai escapar — Ben estava transtornado. — Vou ligar pra polícia. Vou dizer que ele estava envolvido no desaparecimento do seu pai. Podemos fazer um retrato falado... aliás, temos até fotos dele. Não. espere, não podemos mostrar essas fotos, isso complicaria as coisas demais. Ou você acha que seria melhor mostrar?

Eu estava ouvindo a voz de Ben, mas não tinha a mínima ideia do que ele estava falando. Eu não conseguia tirar os olhos do último lugar em meio à mata onde tinha visto Sage.

TUM! Uma enorme massa negra caiu das árvores em cima de Ben, jogando-o no chão.

—BEN!

Antes que eu pudesse me mexer, alguém agarrou meus braços, segurando-os atrás das minhas costas. Por instinto, dei um coice com toda a força que tinha, acertando meu agressor na virilha. Ele me soltou e eu disparei uma cotovelada contra seu rosto, então virei e comecei a dar vários socos em seu peito... até que outra pessoa agarrou meus braços por trás e me levantou do chão. Eu lutei, dando chutes no ar, e então o primeiro cara pegou minhas pernas e as segurou com força, uma debaixo de cada braço.

— Olha só, esta aqui é toda rebelde! — o homem tinha um forte sotaque europeu, difícil de entender. Virei minha cabeça para ver seu rosto; eu queria conseguir fazer uma boa descrição assim que tivesse a chance. Mas antes de ver qualquer coisa, senti o cheiro: um fedor nauseante que emanava de seus dentes escuros e podres. Seu rosto era chupado. Feridas abertas cobriam sua testa e seu queixo. Ele tinha uma enorme tatuagem desbotada no pescoço: uma caveira com fogo saindo dos buracos dos olhos, com as letras “VM” embaixo. Parecia estar doente mas era forte. Eu não conseguia mexer meus braços.

Um sorriso enorme e fedorento cortava seu rosto.

— Ah! Mas olha só quem é! — disse ele, virando-se para os seus amigos, o que estava prendendo minhas pernas e o que estava segurando Ben. — Olha só quem a gente pegou! É a filha daquela mulher. A... como é o nome dela mesmo? Clea! Clea Raymond! Estamos com uma celebridade nas mãos. Uma celebridade cheia da grana. Pensem só nas possibilidades, meus ami...

ZUM! Alguma coisa desceu do meio das árvores e acertou violentamente o nariz do sujeito. Sangue voou pelos ares antes que ele perdesse a consciência, soltando os meus braços. Meu corpo foi para trás e minha cabeça bateu com tudo no chão. Literalmente, eu vi estrelas. Com esforço, tentei me recompor, mas o mundo foi ficando cada vez mais e mais distante e escuro... até que apaguei.

Tudo começou a voltar bem antes que eu pudesse abrir os olhos.

Ainda não estava vendo nada, mas já podia sentir.

Senti que estava em movimento.

E rápido. Eu estava me movendo muito rápido.

Eu estava me movendo muito rápido, mas sem fazer nada. Como seria possível?

Calma... braços estavam segurando minhas pernas.

Era aquele cara, só podia ser, o que tinha pegado minhas pernas..

Ele ainda estava segurando, só que agora eu estava... sim, estava pendurada sobre seu ombro e ele corria comigo.

Enquanto meus sentidos voltavam, tentei pensar nas minhas vantagens. Será que eu tinha alguma? Daria para sair dessa?

Eu tinha sim uma vantagem: o cara que estava me segurando devia achar que eu ainda estava inconsciente.

Peguei a camiseta e a jaqueta do sujeito e levantei com cuidado.

Respirei fundo e, então, com toda força e rapidez, cravei fundo minhas unhas em sua pele, sentindo a satisfação de abrir quatro longos cortes sangrentos.

— AAH!!! — gritou o homem.

Abri meus olhos e, de repente, todos os meus sentidos voltaram.

Aquela voz. Era Sage.

Era no ombro de Sage que eu estava pendurada e ele estava correndo.

Ele estava me sequestrando?

Agora já conseguia me mexer e comecei a me debater contra ele.

— Me ponha no chão!

— Pare! — grunhiu Sage.

— Clea! — era a voz sussurrada de Ben, vindo atrás de mim.

Ergui a cabeça e vi Ben. Ele pôs os dedos em frente aos lábios e apontou pra trás.

Tudo começou a fazer sentido. Sage nos salvou, mas ainda estávamos em perigo. Provavelmente, não fiquei desacordada muito tempo, porque ainda não tínhamos saído da mata.

De repente, senti uma onda de pânico.

— Minha câmera! — sussurrei para Ben. A bolsa da minha câmera — estava mais no meu ombro. O relógio do meu pai estava dentro dela. Eu tinha perdido.

Ben me mostrou a bolsa em sua mão. É claro que ele não a deixaria para trás. Quase dei um beijo nele.

Então estávamos seguros por enquanto... mais ou menos... mas eu ainda não estava contente com a ideia de me ver pendurada e indefesa no ombro de alguém. Quase mandei Sage me soltar de novo, mas com minha cabeça latejando e meu tornozelo bambo, provavelmente seria melhor para todos que eu continuasse onde estava.

Ainda estava meio grogue, mas alguma coisa não parava de me incomodar. Alguma coisa que aqueles homens tinham dito... eu só não sabia o quê. A concussão que eu provavelmente sofri não ajudava muito, nem o fato de estar pendurada de cabeça pra baixo, balançando de um lado para o outro. Ficar com a cabeça erguida estava me dando enjojo, então soltei meu peso pra baixo, o que também não era muito confortável. Lembrei de Rayna, de quanto ela falava de suas

aulas de ioga e de como elas “deixavam que seu corpo alcançasse um relaxamento total”. Fiquei pensando se ela conseguiria encontrar alguma posição confortável para ficar pendurada nas costas de alguém. Fiquei pensando também se ela ficaria mais ou menos relaxada nessa posição se soubesse que esse alguém era um possível íncubo que vinha assombrando seus sonhos.

Acabei soltando uma risadinha.

Minha cabeça claramente não estava no lugar.

— Pronto — sussurrou Sage, enquanto me tirava do ombro para segurar nos braços. Estávamos em frente ao que parecia ser um arbusto muito denso, mas ele afastou as folhagens para o lado com o pé, revelando um pequeno buraco. Ben entrou na abertura e então Sage olhou para mim.

— Você consegue rastejar? — sussurrou ele.

Acenei com a cabeça e ele me colocou no chão. Quase tive que deitar para entrar e então rastejei pelo que pareceu ser uma eternidade. Não estava enxergando nada, mas conseguia ouvir os sapatos de Ben remexendo a terra logo à minha frente. Tentei ouvir Sage atrás de mim, mas não escutei nada. Será que ele estava lá? Nem tinha espaço para me virar.

Senti um forte nó na garganta. E se fosse uma armadilha? E se Sage fosse mesmo um espírito maligno e esse fosse seu jeito de atacar? E se Ben estivesse prestes a chegar a um beco sem saída? Teríamos que rastejar de costas., só para descobrir que Sage tinha fechado a entrada, nos deixando aqui para morrer sem ar neste caixão improvisado.

Foi assim que ele conseguiu aquele relógio? Sage tinha matado meu pai?

Comecei a entrar em pânico, mas me esforcei para respirar lentamente, injetando calma no meu corpo. Desmaiar agora seria a pior coisa a fazer. Estava me deixando levar pelo pensamento radical, mas agora era hora de me manter alerta e focada. Como Rayna em suas aulas de ioga.

Rayna. Ioga. Alerta.

Recitei essas palavras como um mantra para me ajudar a manter a calma; pouco depois, o buraco desembocou em uma enorme caverna, com quase dois metros e meio de altura do chão ao teto. Um pouco de luz entrava pelo alto, apenas o suficiente para que eu pudesse enxergar Ben e os contornos do lugar. Ele logo veio me ajudar a levantar.

— Você também achou que ele tinha ferrado a gente? — murmurou ele. Claro, achei que a gente ia morrer naquele buraco — concordei.

Rimos de euforia e alívio enquanto Sage chegava à caverna.

— Vocês estão bem? — perguntou Sage.

Concordei com a cabeça e então lembrei do que estava me incomodando.

— Aqueles homens que nos atacaram... ficaram surpresos quando viram quem eu era...

— É porque eles não estavam atrás de você — disse Sage. — Estavam atrás de mim.

— Quem está atrás de você? — perguntei. — E por quê?

— Não posso falar.

— Mas deveria — rebati. — Se você não falar, posso denunciar você como o cara responsável pelo desaparecimento do meu pai.

Sage olhou para mim como se não conseguisse acreditar.

— Acabei de salvar a sua vida. Isso não valeu nada?

— Não se você não me disser o que sabe sobre o meu pai. Até onde sei, você pode ser tão perigoso quanto aqueles caras lá fora.

— Você realmente acha isso?

Sage olhou para mim. Nós dois sabíamos que não. Claro que não. Mas eu nunca iria admitir. Continuei olhando fixamente nos olhos dele, enquanto ele se apoiava contra a parede para sentar no chão, acomodando-se.

— Tudo bem — disse ele. — Vou te contar tudo o que eu posso. Não tenho outra escolha mesmo, porque depois de tudo isso... estamos presos nessa juntos.



— NA VERDADE — REBATEU BEN —, NÃO ESTAMOS PRESOS EM COISA nenhuma. Só vamos ficar aqui até as coisas se acalmarem. Depois vamos embora e, com alguma sorte, não vamos denunciar você pra polícia.

— Que engraçado — disse Sage, e então se virou para mim. — Seu namorado é engraçado. Mas vocês não vão procurar a polícia quando sairmos daqui, porque não vão me querer em nenhum outro lugar que não ao lado de vocês.

— Ah, claro — zombou Ben.

— Escute, sei como esses caras são. Eles me viram ajudando vocês, e agora acham que estamos juntos e que podem usar vocês para me afetar.

— Já vi isso acontecer antes — Sage virou para mim e sua expressão ficou mais séria. — Foi o que aconteceu com o seu pai.

— Você precisa me contar o que sabe sobre ele — disse eu. — Quero saber tudo. Como você conheceu meu pai?

— Na verdade, foi ele quem veio atrás de mim. Ele me procurou porque eu tinha informações sobre uma coisa que ele estava procurando.

— E o que era? — supliquei.

Sage respirou fundo e então soltou o ar enquanto respondia.

— Uma coisa chamada Elixir da Vida.

Ben entrou na conversa:

— O que você sabe sobre o Elixir da Vida?

— O que eu sei é que é uma história ridícula — me intrometi. Por favor, não me diga que meu pai foi sequestrado por algum psicopata que acreditava nessa coisa.

— Isso eu não sei — disse Sage.

— Mas isso é uma idiotice!

Aquilo era doloroso demais para mim. A simples ideia de que alguém poderia ter machucado meu pai por causa de algo que nem sequer existia...

— Grant não achava isso nenhuma idiotice — disse Ben, me interrompendo. — Ele acreditava nisso. Ele sabia que seria a maior revolução na história da medicina moderna.

— Isso não tem nada a ver com medicina — disse eu. — Estamos falando de um elixir que promete a vida eterna pra quem toma!

— Sim, em grandes doses — explicou Ben. — Mas em doses menores, só tem incríveis poderes curativos. Pode curar qualquer doença.

— Você tem noção do que está falando?

— Você não viu toda a pesquisa que seu pai fez. Ele encontrou muita coisa, e não estou falando só de mitos, mas de muitos relatos históricos também. Como você acha que ele soube onde encontrar aqueles frascos?

— Frascos que estavam vazios — esclareci.

— Sim, vazios — interrompeu Sage —, porque o Elixir tinha sido posto em outro lugar. Essa era a informação que eu tinha. Eu sei onde o Elixir está.

— Você sabe onde ele está? — disse Ben, mudando totalmente de postura, agora com o rosto cheio de empolgação de repente.

— Sei, sim — disse Sage, devagar, como se se esforçasse para escolher as palavras certas. — Mas não sei bem como chegar até ele. É como se eu só tivesse uma peça do quebra-cabeça. O pai da Clea dizia ter todas as outras.

Ben acenou com a cabeça, entusiasmado.

— Tudo bem. Nossa, isso faz muito sentido... mas como ele encontrou você?

— Não sei — disse Sage. — Não facilitei. Na época, eu estava me escondendo de dois grupos muito perigosos que fariam de tudo para chegar ao Elixir, os Redentores da Vida Eterna e a Vingança Maldita.

— Vingança Maldita — murmurei. — VM. O cara que me agarrou tinha as letras “VM” tatuadas no pescoço.

— Então eram eles — concordou Sage. — Os dois grupos já existiam há um bom tempo, mas ganharam mais força depois que o Grant encontrou os frascos, então sumi do mapa. E fiquei escondido até seu pai de repente aparecer batendo na minha porta. Foi uma surpresa, na verdade, e eu nunca, o teria deixado entrar, mas o reconheci pelas fotos dos jornais. Além disso, ele estava tão sério...

— Bem como o Dr. Prichard disse — constatei. — Ele disse que meu pai estava muito fechado nos últimos dias antes de desaparecer.

— É verdade — concordou Ben. Ele então pensou em algo e ficou boquiaberto. — Nossa... e o que ele disse quando viu você? Quando encontrou você pessoalmente pela primeira vez depois de tantos anos...?

— Ele estava muito estranho — admitiu Sage. — Mas..., como assim, “depois de tantos anos”?

— Pelas fotos... — disse eu. — Você vem aparecendo nas minhas fotos desde que eu era bebê.

— Sério? — Sage olhou para mim com ar espantado. — Isso é muito estranho... porque nunca vi você antes.

Como assim? Não sei o que eu esperava que dissesse, mas não era isso. Achei que ele seria a única pessoa capaz de explicar aquelas fotos. Se ele também não sabia o que estava acontecendo, o que isso queria dizer? Olhei Sage nos olhos. Ele poderia estar mentindo? Não. Parecia genuinamente surpreso. Não sabia bem o que dizer, então voltei para um assunto mais concreto.

— E o que aconteceu com o meu pai depois? — perguntei.

— Ele disse que sabia como poderíamos chegar ao Elixir e que precisávamos falar com uma “negra”.

— Uma “negra”? — perguntei, perplexa. — Não me parece ser o tipo de coisa que o meu pai diria.

— Bom, foi o que ele disse — insistiu Sage.

— Ele disse quem era essa mulher? — perguntou Ben.

— Não — respondeu Sage. — Só prometeu me levar até ela. Combinamos de nos encontrar com ela no dia seguinte, na floresta da Tijuca — Sage virou-se para mim. — Acho que estava com medo de que eu não fosse aparecer. Ele me deu esse relógio como um tipo de garantia inversa e disse que era a coisa mais valiosa que tinha. Disse também que sabia que eu era uma boa pessoa e que eu nunca fugiria

com algo tão importante para ele.

Eu sorri. Meu pai era assim mesmo, sempre acreditou que as pessoas agiam de acordo com o quanto de confiança você depositava nelas.

— E o que aconteceu? Alguma coisa deu errado? — perguntou Ben.

— Por que vocês não foram até lá?

— Não sei — admitiu Sage. — Grant não apareceu. Achei que ele podia ter tido algum imprevisto, então voltei ao mesmo lugar no outro dia. E no outro também. Fiz isso vários dias. Mas depois vi nos jornais que ele tinha desaparecido e percebi que eu não estava mais seguro por aqui, então saí do país.

— Só isso? — esbravejei. — Você não procurou a polícia? Não pensou em falar... sei lá, com a minha família!

— Eu não podia me expor assim — disse Sage, defensivo. — Não podia atrair muita atenção.

— Mas como assim?! — berrei. — Estamos falando da vida do meu pai! Se você tivesse nos falado sobre esses grupos, poderíamos ter passado o último ano indo atrás deles! Meu pai ainda poderia estar vivo!

— Não sei por que você presume que ele não está — disse Sage.

Abri a boca para rebater, mas fechei assim que me dei conta da importância dessas palavras.

— Você acha que meu pai ainda está vivo?

— Acho bem provável. Para chegar ao Elixir, qualquer um dos grupos precisa do que Grant e eu sabemos. A menos que ele tenha sido besta o bastante para revelar o que sabia, ainda pode estar vivo.

— Espere aí — disse Ben. — Se os grupos precisavam de vocês dois, por que só ele foi sequestrado? Por que não esperaram pra pegar vocês dois juntos na floresta?

— Grant deve ter se dado conta de que estava sendo seguido, então mudou seus planos. Deve ter achado que essa seria a saída mais segura para nós dois, mas aí eles decidiram atacar e pegar pelo menos ele. E como vocês acabaram de ver., eles ainda estão atrás de mim.

— Então você realmente acha que ele está vivo... — eu quase não queria pensar nisso. Era o meu mais profundo desejo. A simples ideia de que meu pai ainda pudesse estar vivo., mesmo ferido, mesmo que ele tivesse sido torturado.,

aquilo era bom demais para ser verdade. — Então o que vamos fazer? — perguntei.  
— Como podemos achar o meu pai?

— E o Elixir da Vida — complementou Ben.

— O Elixir da Vida não existe — disse eu.

— Existe, sim — responderam Ben e Sage em coro.

— É claro que não. E mesmo se existisse, não estou nem aí pra isso, a menos que ajude a encontrar meu pai.

— E talvez ajude mesmo — disse Sage.

Ben e eu nos viramos para ele.

— Como? — perguntei.

— Nós podemos fazer o que eu tinha combinado com o seu pai. Vamos encontrar essa tal negra e ela vai nos ajudar a encontrar o Elixir. É isso o que seja lá quem está com o seu pai quer. Se conseguirmos o Elixir, teremos a moeda de troca perfeita.

— Mas nós não sabemos quem é essa mulher nem onde ela está — disse Ben.

— Meu pai já devia saber disso antes de vir aqui procurar o Sage, certo? Então ele deve ter chegado a essas informações em casa. Você sabe como ele vivia anotando tudo e sempre guardava o que pesquisava. Aposto que deve ter alguma coisa lá em casa sobre o que ele estava planejando fazer.

— É mesmo — disse Ben, virando-se para Sage. — Então agora você só precisa nos contar o que sabe pra que Clea e eu possamos encontrar o Elixir. E você nunca mais vai precisar ver a nossa cara de novo.

— Impossível — disse Sage. — Como eu disse antes, vocês estão presos comigo agora. Vocês estão em perigo. Acho que vocês ainda não entenderam isso.

— Ah, entendi, sim — disse Ben. — Só acho que Clea e eu vamos ficar mais seguros sozinhos. E, com todo o respeito, ainda não confio muito em você. E acho que a Clea também não.

— Agradeço pelo respeito — disse Sage, seco. — Mas não vou dizer o que sei sobre o Elixir, então vocês meio que precisam de mim.

Os dois ficaram se encarando como cães de briga.

— Tudo bem — entrei na conversa. — Então vamos juntos pra Connecticut.

— Você fala como se isso fosse simples — rebateu Sage. — Você não acha que quem quer que esteja com o seu pai ou qualquer um que esteja procurando o Elixir

já não revirou a sua casa em busca de pistas?

— Impossível. Ninguém nunca conseguiria entrar na minha casa.

No entanto, antes mesmo de terminar essa frase, lembrei do escritório do meu pai e da certeza de que alguma coisa estava fora do lugar. Olhei para Ben e ele concordou com a cabeça, lembrando-se da mesma coisa.

— Tudo bem — disse eu para Sage. — Se essa informação que nós precisamos está escondida na minha casa, como vamos encontrá-la?

— Vamos até lá, mas já sabendo o que procurar — disse Sage. — Preciso que vocês dois me escutem. Eu pediria para vocês confiarem em mim, mas sei que talvez seja demais — Ben cruzou os braços e eu olhei para Sage com uma expressão vazia. — Tudo bem, já entendi — disse Sage. — Vamos precisar fazer tudo sem atrair a atenção de ninguém. Algum de vocês já fez isso antes? — perguntou ele, e eu balancei a cabeça. — Antes de tudo, vamos esperar até anoitecer. Acho que aqueles caras já foram embora faz tempo, mas é melhor não arriscar. Isso também daria tempo para o seu tornozelo melhorar. Eu até poderia carregar você, mas teria que cortar suas unhas antes.

— Não conte com isso — respondi.

Sage se espreguiçou de um jeito exagerado.

— Enquanto isso, acho melhor dormirmos um pouco — ele deitou -s no chão de terra. — Boa noite.

Sage fechou os olhos e ficou completamente imóvel. Seria impossível que ele já estivesse dormindo, mas Ben não quis esperar. Ele me puxou de lado só um pouco e ficou olhando com desprezo para Sage quanto falava comigo.

— Não estou gostando nada disso, Clea.

— Sério? Porque, depois que ele começou a falar sobre o Elixir da Vida, achei que vocês dois tinham virado melhores amigos.

— Eu acredito no Elixir — disse Ben. — O bastante pra querer acreditar no Sage. Só não sei se podemos. E ainda não conseguimos explicar história das fotos. Não confio nele.

— Não estou nem aí, Ben. Meu pai confiava nele. E esse plano do Sage é a melhor chance de encontrar meu pai com vida.

— Pode ser. Só... — Ben hesitou antes de conseguir dizer suas próximas palavras. — . . .tome cuidado com ele, tudo bem? Acho que ele...

Eu esperei, mas percebi que ele não ia terminar.

— Acha que ele o quê?

— Nada. Sempre vou estar do seu lado. Você sabe disso, não sabe?

Percebi quanto ele estava desconfortável. Era como se estivesse tentando me dizer algo monumental, mas não conseguisse escolher as palavras certas.

Ele também se deitou no chão da caverna, mas o mais longe que pôde de Sage e bateu no peito.

— Quer um travesseiro? Sei que isso não faz parte do meu trabalho, mas seria um prazer — ele beliscou um cantinho da camiseta com os dedos. — Cem por cento algodão. Supermacio.

Forcei uma risada.

— Não, tudo bem. Obrigada.

Eu me aninhei no chão da caverna entre os dois. Apesar de toda aquela confusão, o sono já estava quase me derrubando.

— Clea? — era a voz de Ben, agora bem ao lado do meu ouvido, mas eu estava cansada demais para virar e responder. Acho que consegui soltar um “hmmm?”, mas talvez tenha sido só na minha cabeça.

— Boa noite — disse ele, e então o ouvi voltando a deitar-se.

Deitar no chão duro e frio de terra não me pareceu tão ruim, pelo menos depois de tanto tempo sem pregar os olhos. Na verdade, eu estava até confortável e tinha certeza de que logo cairia no sono.

Nem sabia o que esperar dos meus sonhos.



---

EU ERA OLIVIA E ESTAVA SENTADA EM UM BARCO, COM SAGE REMANDO pelo rio Tibre.

— Se você acha a Sociedade uma coisa tão ridícula, diga ao seu pai que você não quer ir! — disse eu.

— Sério? Só para perder minha parte na herança? Eu ficaria sem nada. Você teria que me trocar por um Médici... por um noivo que pudesse garantir o estilo de vida com o qual você está acostumada.

— Só preciso de tintas, telas e de você nesta vida. Bom, talvez de um pouco mais de talento artístico.

Sage me olhou de lado. Ele adorava minhas pinturas e me repreendia quando eu duvidava das minhas habilidades, mas eu sempre o lembrava de que as suas críticas eram um tanto tendenciosas.

— E de comida? — perguntou ele. — Você precisa de comida.

— Frutas e vegetais silvestres.

— Um teto sobre a sua cabeça?

— Podemos construir uma cabana.

— Roupas?

Abri um sorriso tão cheio de malícia para Sage que ele quase virou o barco.

— Sage! — gritei, me segurando para não cair. — Eu não sei nadar!

— Desculpe, mas foi uma reação totalmente compreensível. Qualquer homem concordaria.

Dei risada, mas estava realmente curiosa. Eu tinha que perguntar.

— O que vocês fazem nas reuniões da Sociedade?

— Não posso dizer. Jurei guardar segredo absoluto — disse ele, forçando um ar presunçoso que eu imitei enquanto fingia trancar meus lábios e jogar a chave fora.

— Meus lábios estão selados — declarei.

— Sério? Porque os meus não estão.

Sage puxou os remos com toda habilidade para dentro do barco e se sentou de frente para mim, encostando sua cabeça contra a minha enquanto falava, exagerando em cada gesto e cada palavra para dar um quê fantástico à sua história.

— A Sociedade, meu amor, é um grupo de homens e mulheres mui ricos., no qual me incluo, graças a Deus., que claramente ficaram entediados de tanto contar seu dinheiro e começaram a inventar rituais místicos para deixar suas vidas mais interessantes. E o mito favorito de todos eles... — Sage olhou por cima de seu ombro direito e depois do esquerdo, fingindo estar tentando ver se não havia ninguém espionando, e então disse com um sussurro alto e encenado — É o Elixir da Vida!

— O quê?!

— Exatamente.

— O que é isso?

— Vejamos... é um elixir., que traz a vida eterna...

— Você está brincando comigo.

— Só um pouco.

— Conte mais — disse eu. — Isso funciona mesmo?

— O que você acha?

— Algum membro da Sociedade já morreu? — perguntei. — Essa seria a prova dos nove, não é? Ou do Elixir.

— Seria mesmo. E a resposta é “sim”. Vários membros já morreram.

— Então isso não encerra a discussão?

— Para mim, claro — disse Sage. — Para os que acreditam, não. Eles diriam que usar o Elixir para salvar vidas foge da ordem natural das coisas. Ele só pode ser usado em minúsculas doses para aliviar a dor e o sofrimento de alguém que já está

morrendo.

— Então eles têm acesso ao segredo da vida eterna, mas nunca o usaram? Isso me parece um desperdício.

— Um desperdício de tempo! Cada reunião deles dura três horas! Você tem ideia do que eu poderia fazer em três horas, Olivia?

Ele me pegou de jeito com essa e eu mordi a isca.

— Acho que posso imaginar, sim — disse eu, abrindo mais um sorriso malicioso. Dessa vez, ele retribuiu o sorriso e se inclinou para me beijar, primeiro na boca, depois na bochecha, no pescoço...

— Sage — murmurei, enquanto deitávamos no chão do barco. — É sério, eu não sei nadar.

— Hmmm — ronronou ele no meu ouvido. — Então vamos ter que tomar muito cuidado, não é mesmo?

Acordei com um barulho de algo sendo raspado e, por um bom tempo, fiquei achando que era alguma coisa raspando no casco do barco. Pouco a pouco, comecei a me lembrar de tudo. Eu não estava em um barco, estava em uma caverna. E eu não era Olivia, era Clea.

Mas eu estava com Sage.

Meu corpo ainda estava mole de sono, então não me mexi, apenas abri os olhos.

A luz entrando na caverna agora estava bem mais fraca. Era o luar.

Sage estava de cócoras, arqueado sobre o chão da caverna na minha frente. Ele estava segurando uma pequena pedra, esculpindo alguma coisa na terra. Eu podia ver a tensão em seus braços enquanto ele raspava o chão e as pequenas rugas de concentração entre suas sobrancelhas. O luar projetava uma aura reluzente sobre sua pele. Ele estava lindo.

Seja lá o que ele fosse, Sage era de longe o homem mais atraente que eu já tinha visto. Era lindo nos meus sonhos, mas era ainda mais na vida real. Fiquei contente com aquela chance de vê-lo melhor sem que ele soubesse.

Ele ergueu a cabeça e eu logo fechei meus olhos, fingindo estar dormindo. Será que ele tinha me visto? O barulho parou. Ele estava olhando para mim, eu sabia. Prendi a respiração e me esforcei para não abrir os olhos e ver se ele estava me olhando.

Finalmente, o barulho voltou. Eu me forcei a contar até dez antes de abrir os olhos só um pouco para espiar pelo minúsculo vão entre os cílios.

Ótimo., ele não estava olhando para mim.

Abri meus olhos um pouco mais. O que ele estava fazendo? Sem mexer nem um milímetro do meu corpo, só virei meus olhos para o chão de terra em frente a ele...

...e vi um retrato meu, dormindo profundamente.

Era incrível. Eu podia ver suas ferramentas no chão ao lado do retrato esculpido: pedras de vários tamanhos e formatos, alguns galhos... materiais muito rudimentares, mas, ainda assim, o que ele tinha feito na terra poderia muito bem estar em qualquer galeria de arte. Era uma imagem tão linda., muito mais linda do que na verdade eu achava que era quando estava dormindo. Era assim que ele me via?

Sage ergueu a cabeça de novo e eu fechei meus olhos. Imaginei que ele deveria estar me olhando, analisando com todo cuidado cada um dos meus traços e os filtrando com seus próprios sentidos. Meu coração acelerou e eu precisei reunir todas as minhas forças para não me mexer.

— Pode continuar fingindo que está dormindo se quiser, mas acho que você não teria uma carreira muito promissora como atriz — brincou ele.

Meus olhos abriram. Sage estava debruçado sobre sua obra de novo, mas com um sorriso aberto em seu rosto enquanto trabalhava.

— Você percebeu? — perguntei, envergonhada.

Sage ergueu um dedo em frente aos lábios, olhando para Ben.

— Percebi uns dois minutos antes de você acordar — sussurrou ele.

— Sua respiração mudou — ele se voltou para a gravura e então perguntou maliciosamente: — Teve bons sonhos?

Senti meu coração parar e meu rosto ficar totalmente vermelho enquanto lembrava de nossos beijos no barco. Rezei pedindo a seja lá quem ou o que pudesse estar me ouvindo nos céus para que eu não tivesse reencenado nada daquilo enquanto dormia, então respondi com o máximo de naturalidade possível:

— Não sei, nem me lembro com o que sonhei. Por quê?

Ele trocou a pedra que estava em sua mão por outra de borda mais fina e voltou a trabalhar na gravura.

— Por nada... é só que eu ouvi meu nome.

Torci para que o ténue luar obscurecesse o quanto meu rosto estava vermelho.

— O seu nome? — comentei. — Nossa., que interessante. Dizem que os sonhos servem pra organizar as coisas que acontecem quando você está acordado.

Achei tê-lo visto abrindo um sorriso, mas seus olhos ainda estavam voltados para a tela de terra no chão.

— E você organizou alguma coisa? — perguntou ele.

— Como já disse, não me lembro.

Sabia que ele não estava acreditando. Era hora de mudar de assunto. Apontei a cabeça para a gravura.

— Posso dar uma olhada?

Ele sentou-se sobre os calcanhares e também apontou para sua obra.

— Mas é claro. Já terminei.

Levantei e fiquei feliz ao perceber que meu tornozelo já não estava doendo mais. Contornei com todo cuidado o pequeno espaço no chão onde a gravura estava e sentei-me ao lado de Sage.

— Está lindo — disse eu a ele. — Fico lisonjeada. Ninguém nunca tinha feito um retrato meu antes.

Sage inclinou a cabeça e ficou olhando para a gravura que tinha feito.

— Acha que está parecido com você?

Uma nova onda de calor e vergonha subiu pelo meu pescoço e inundou meu rosto. Olhei com mais cuidado para a gravura. Parecia comigo, mas só se você realmente se esforçasse para ver a semelhança. A mulher esculpida no chão tinha o mesmo cabelo e estava dormindo na mesma posição que eu, mas, observando melhor, seus traços eram bastante diferentes. Seus olhos eram mais separados, seu nariz mais fino, suas bochechas menos definidas., diferenças que me pareceram insignificantes quando presumi que era eu, mas agora, sabendo que não...

Eu me senti uma idiota egocêntrica. Meus sonhos com esse homem podiam parecer muito reais, mas eram apenas sonhos. Isso não tinha nada a ver com a realidade; não com a minha, muito menos com a dele. Gaguejei, tentando encontrar alguma explicação, mas não consegui pensar em nada.

— Ela se parece um pouco com você mesmo — admitiu Sage, olhando para os contornos do rosto na gravura. Eu estava louca para mudar de assunto, mas não tive

como não perguntar.

— Quem é essa?

— Alguém que amei muito tempo atrás — murmurou ele.

Senti de repente uma necessidade imensa de confortá-lo para aplacar sua dor, mas não sabia como. Foi então que tive uma ideia.

— Deixe-me ver suas costas — disse eu.

— Minhas costas?

— Os arranhões. Eu fiz um estrago e tanto. Só pra ver se não infeccionou.

— Não, não — disse ele com um gesto evasivo. — Está tudo bem.

— Deixe-me só olhar.

Sage balançou a cabeça.

— Estamos numa caverna. Não há como esterilizá-los, de qualquer forma.

Por que ele estava sendo tão chato? Comecei a ficar frustrada.

— Por que isso? Você me pediu pra acreditar em todas aquelas coisas absurdas e eu fiquei quieta. Só estou pedindo pra você me mostrar a droga dos seus arranhões!

Sage revirou os olhos, resignado.

— Tudo bem — disse ele, e então virou, erguendo a camiseta e a jaqueta.

Que estranho.

Os arranhões tinham sumido.

Completamente. Não havia mais nenhuma marca.

Mas eu não tinha até arrancado sangue com as minhas unhas?

Balancei a cabeça — eu devia estar grogue pela batida na cabeça e isso foi só imaginação. Ninguém conseguiria se curar assim tão rápido.

Engoli em seco ao me lembrar de que isso não era verdade — isso tinha acontecido com o próprio Sage. No meu sonho. Quando eu era Anneline, e ele machucou a mão com os espinhos das rosas.

— E então, doutora? — perguntou Sage, sarcástico. — Já começou a gangrenar?

Será que eu deveria contar a ele sobre os sonhos? Abri a boca pra falar...

— Está com coceira nas costas, é? — perguntou Ben com um tom áspero na voz. Sage e eu nos viramos e o vimos olhando feio para nós. Eu me senti pega no flagra, mas não estava fazendo nada de errado. Sage não pareceu se incomodar.

— Bom dia, dorminhoco — disse ele, sorrindo.

Ben ignorou e olhou para a gravura no chão.

— Belo desenho — disse ele. — Mas não faz jus à beleza da Clea.

Sage nem se deu ao trabalho de corrigi-lo.

— Bom, já escureceu. Vamos andando. Seu tornozelo já está melhor?

Girei meu pé. Senti uma pontadinha de dor, mas não muita.

— Estou bem, sim.

— Ótimo.

Ele nos levou até um pequeno túnel na outra ponta da caverna. Era uma passagem muito maior do que aquela pela qual tivemos que rastejar quando chegamos, e logo já estávamos de volta à mata do morro do Leme. Era tarde da noite, mas o céu estava claro e sem nuvens, iluminado pela lua cheia e por um número incontável de estrelas.

Assim que saímos da caverna, meu celular começou a apitar.

— É a Rayna — disse eu, olhando para a tela. — Ela deve ter me ligado umas seis vezes. E mandado meia dúzia de mensagens. Deve estar pirando porque ainda não liguei pra ela — eu estava começando a discar, mas Sage pegou o celular da minha mão e o jogou na mata. — Por que você fez isso?

Para evitar que nos rastreiem. Como falei, vamos ter que fazer tudo sem atrair a atenção de ninguém. Então, nada de celulares, cartões de crédito, nem saques em caixas automáticos — Sage olhou com firmeza para Ben, mas ele balançou a cabeça.

— Nem estou mais com o meu celular — disse ele. — Ele deve ter caído quando fomos atacados.

— Ótimo. Tudo bem. Vamos indo.

Seguimos por uma pequena trilha em meio à mata. Embora Sage acreditasse que aqueles homens já tinham ido embora, todo galho que estalava acabava me dando um susto. Fiquei grata quando chegamos à praia e voltamos para a rua. Era quarta-feira de cinzas, e a cidade estava bem mais tranquila do que na noite anterior, mas eu já me sentia mais segura só de estar em algum lugar público.

Sage parou um táxi e sentou-se na frente. Ben e eu entramos atrás.

— Não estou gostando nada disso, Clea — sussurrou Ben. — Pense bem no que estamos fazendo. Estamos andando por aí com um estranho em outro país,

ninguém sabe onde estamos e não temos como atrair em contato com ninguém. É exatamente assim que as pessoas lutam para as estatísticas.

— Exatamente assim? — perguntei, pensando em todas as reviravoltas bizarras que nos trouxeram até aqui.

Ben deu o braço a torcer, encolhendo levemente os ombros.

— Bom, talvez não exatamente. Mas ainda assim...

O táxi parou em frente a uma floresta isolada, e Sage desceu e pagou.

— Todo mundo para fora!

Ben olhou para mim com uma sobrancelha erguida. Não estava me deixando outra escolha. Dei uma rápida apertada em seu joelho antes de abrir a porta e então descemos do carro.

Sage esperou o táxi ir embora e depois entrou em uma trilha na mata, claramente esperando que o seguíssemos.

Aquele caminho em meio à densa folhagem da mata estava lindo sob o luar, e eu automaticamente peguei a câmera da minha bolsa.

— É melhor não — disse Sage, sem se virar. — Você sabe que eu não gosto de receber visitas.

— Tudo bem, prometo não vender as fotos pra nenhuma revista de viagem, então — disse eu, já começando a clicar. — Além do mais, preciso de alguma distração pra não ficar pensando nos meus pés; meus sapatos ainda estavam na praia, onde eu os tirei para dançar.

— Bom, eu me ofereci para carregar você — sugeriu Sage.

— Não, obrigada.

Achei que seria fácil andar rápido e sem fazer nenhum barulho sem meus sapatos, mas sempre acabava pisando em alguma coisa a cada passo, o que me forçava a dar pulinhos de um lado para o outro. De tempos em tempos, Sage me estendia os braços, oferecendo-se para me carregar. mas eu recusava, fazendo uma cara feia toda vez.

Depois de andar pelo que parecia ser uma eternidade, nem as fotos estavam me distraindo mais.

— Falta muito?

— Já chegamos.

Não havia nada à nossa frente além de mais árvores.

— Nossa — disse Ben, e eu segui seus olhos para o alto e percebi que vários dos troncos das árvores na verdade eram colunas sustentando uma linda cabana de vidro e madeira escondida, instalada no alto dos galhos. Fiquei absolutamente encantada.

— Você mora em uma casa na árvore! — disse eu. Apontei minha câmera para a fachada, tentando responder à objeção de Sage antes que ele dissesse qualquer coisa. — É só pra mim, não é pra nenhuma revista de arquitetura.

— Obrigado — disse Sage.

Subimos a escada atrás de Sage e entramos. A cabana não era grande — uma claraboia inclinada no teto despontava sobre uma grande sala de estar e uma cozinha bem rústica, tudo com paredes de madeira. Havia uma bela lareira de um lado da sala, algumas obras de arte penduradas n molduras nas paredes, quatro prateleiras cheias de livros e uma coleção de enfeites. Uma mesa comprida servia de apoio para os computadores e toda parafernália tecnológica de Sage, mas era algo discreto, o único toque de modernidade do lugar. Não tinha televisão — todos os sofás e cadeiras eram voltados para uma enorme janela triangular que ia do chão o teto, ocupando toda a parede dos fundos, com vista para a mata e uma linda praia deserta. Ben e eu fomos até a janela, boquiabertos.

— Mas que vista... — disse eu, maravilhada. — Não sei como você sai de casa.

— Não saio muito mesmo — admitiu Sage.

Com muito esforço, desviei minha atenção das ondas no mar e voltei a olhar para a sala. Era um ambiente confortável e aconchegante, mas ainda assim, não muito pessoal. Aquilo lembrava as casas que minha família alugava para passar as férias quando eu era pequena: os pequenos toques provavam que a casa era de alguém, mas eram poucos e não diziam muita coisa. Fiquei curiosa — onde estaria a alma de Sage nesta casa? Eu estava louca para bisbilhotar tudo e descobrir.

— Não vai mostrar a casa pra gente? — perguntei.

— Não. Viemos só buscar algumas coisas.

Ele pegou um livro da prateleira mais alta de uma de suas estantes. Pela lombada, parecia ser um livro de capa dura qualquer, mas quando Sage o colocou sobre a mesa, percebi que, na verdade, era um pequeno cofre. Sage inseriu a combinação e abriu a capa, revelando uma pilha grossa de envelopes, cada um com um nome diferente: Franklin Hobart. Brian Yancey, Everett Singei Larry

Steczynski... ele pegou esse último. abriu e então guardou o que havia dentro dele em sua carteira e em seus bolsos.

— Larry Steczynski? — perguntei, estranhando.

— Por quê? Não tenho cara de Larry? — disse Sage, sorrindo.

— Ah, mas é claro que tem. Quantos nomes falsos você tem?

— Gosto de colecionar.

Sage foi guardar um cartão Amex preto em sua carteira e eu o peguei pelo pulso.

— Esse tal Larry Steczynski tem um cartão de crédito ilimitado?

— Pode ser.

— Nem minha mãe tem um cartão de crédito ilimitado.

— Pelo visto, sua mãe não tem os mesmos contatos que Larry Steczynski.

— Sage... — disse Ben, do outro lado da sala. Ele estava ajoelhado, analisando de perto uma escultura que estava sobre uma mesa de canto, com sua voz cheia de espanto. — Isso aqui... é uma obra de Michelangelo, não é?

— Sim, é sim.

— Mas é um Michelangelo!

— Pois é.

— E aquela pintura — disse Ben, apontando para um quadro na parede com um esboço do que parecia ser uma versão querubim de Sage.

— Aquilo é um Rubens autêntico?

— É sim.

— Parece muito com você.

— Bom, são os genes da família — explicou Sage.

Pareceu ser uma boa hora para sair de cena.

— Onde fica o banheiro? — perguntei.

Sage apontou para um pequeno corredor do outro lado da sala. O banheiro ficava ali., ao lado de uma outra porta fechada, um pouco mais adiante. Era o quarto de Sage; só podia ser.

Atravessei o corredor na ponta dos pés, abri a porta bem devagar e depois fechei atrás de mim, me esforçando ao máximo para não fazer nenhum barulho.

Se Sage dormia aqui, devia ser bem apertado; o quarto estava abarrotado de obras e suprimentos de arte: telas, cavaletes, tintas, lápis de carvão., algumas peças

inacabadas e outras à mostra, e cada centímetro de todas as paredes era coberto por alguma imagem emoldurada. Meu coração disparou enquanto analisava uma a uma. Quase todas elas mostravam uma de quatro mulheres diferentes.

Mulheres que eu conhecia.

Mulheres que eu tinha sido em meus sonhos.

Elas não pareciam comigo como nos meus sonhos, mas eu tinha certeza de que eram elas.

Uma mulher rindo enquanto se segurava na borda de um barco a remo no rio Tibre — Olivia.

Uma mulher com seus cabelos tremulando ao vento enquanto galopava a cavalo — Catherine.

Uma mulher olhando-se no espelho, maquiando-se com todo cuidado para entrar no palco — Anneline.

Uma mulher apoiada em um piano, cantando para uma grande plateia — Delia.

E tinha mais. Um quadro na parede — uma aquarela mostrando dois jovens com roupas renascentistas, em poses absurdas. Eu conhecia essa pintura. Eu mesma tinha pintado. Aqueles eram Sage e Giovanni, e lembrei-me do sonho em que eu tentava fazê-los ficar parados naquelas posições.

Olhei para o canto inferior direito da tela, que estava assinada apenas com um O. A assinatura de Olivia? A minha assinatura?

Seria possível? Seriam meus sonhos na verdade.., memórias? Memórias de vidas passadas? Não acredito em reencarnação.., mas que outra explicação isso poderia ter?

Mas e Sage? Ele aparecia no quadro de Olivia exatamente como era hoje. Por que ele teria reencarnado com a mesma aparência e eu não?

Fiquei contente quando risadas na sala cortaram esse meu bizarro fluxo de ideias. Sage e Ben estavam rindo juntos? Pelo visto, muitas coisas estranhas aconteciam nesta casa. Eu precisava voltar logo antes que eles começassem a estranhar minha demora, mas eu não queria sair dali. O que tudo aquilo significava? Existia alguma explicação racional para isso?

Deveria perguntar para Sage? Talvez ele não ficasse contente ao saber que eu tinha bisbilhotado suas coisas, mas não poderia ficar irritado. Ainda era

praticamente um estranho — e eu tinha todo o direito de tentar saber mais sobre ele.

Estava com a minha mão na maçaneta, prestes a ir embora, quando reparei em uma tela no canto do quarto.

Não estava emoldurada nem à mostra, apenas de lado; a primeira sobre uma pilha de outras telas, todas encostadas contra a parede. Um lençol cobria quase toda ela, mas a imagem de um olho chamou minha atenção.

O olho era enorme, de um incrível tom azul-claro. Era lindo.., mas sinistro e vazio. Não consegui desviar minha atenção dessa imagem. Nem percebi que estava indo em direção a ela até que me vi à sua frente, puxando o lençol.

Precisei me esforçar para conter um grito de gelar o sangue.

É claro que aquele olho era vazio. Era de Olivia e ela estava morta. Caída de lado, com a parte de trás da cabeça esmagada e sua boca aberta em um derradeiro grito de horror. Havia sangue empoçado à sua volta, cobrindo seu pingente de íris no chão. A tela toda estava inundada por um mar de sangue e, embora Olivia fosse a figura em maior foco, era apenas a peça central de uma enorme carnificina. Outros corpos estavam espalhados ao fundo, homens e mulheres em posições grotescas, todos cravados no chão com espadas e adagas.

Imagens dos meus pesadelos cruzaram minha mente enquanto eu virava o rosto. Eu já tinha vivido essa cena.

Meu Deus do céu, seria aquela uma pintura da minha própria morte?

Tremendo, passei para a próxima pintura. Fiquei toda arrepiada só de encostar a mão na tela.

A pintura seguinte era de Anneline... ou melhor, de seu cadáver. Estava caída em um quarto branco: com cortinas brancas tremulando na janela aberta, lençóis de cama brancos, móveis brancos. Usava um longo vestido branco. A única cor vinha de seus lábios vermelhos, seus longos cabelos escuros espalhados, seu pingente de prata em formato de íris no pescoço, seus olhos castanhos vidrados.., e do sangue. O líquido escarlate escorria de inúmeros cortes em seu torso e salpicava com minúsculos pontinhos a alvura de todo o resto do ambiente.

Havia mais um elemento sinistro e vermelho nessa imagem.

Uma única rosa de caule longo, cravada fundo em seu peito, sobre seu coração. Senti um nó na garganta.

Não conseguia mais olhar para aquilo.

Mas eu precisava continuar.

Ouvi vozes na sala — há quanto tempo eu já estava ali?! Sage estaria vindo atrás de mim? O que ele faria se me visse mexendo nessas telas?

Comecei a passar rapidamente pelas outras telas: mais do mesmo. Delia aparecia morta em uma cena imaculada, com um único buraco de bala entre seus olhos. A morte de Catherine era terrível, com ela gritando e se debatendo enquanto as labaredas de uma fogueira engoliam seu frágil corpo amarrado a um poste.

As vozes estavam se aproximando. Eu tinha que sair dali.

Em seguida, reparei em uma coisa na parede. Uma fileira de pregos.

Quatro deles, cada um com um delicado colar, mais um pingente de íris pendurado.

E um quinto prego.

Sem nada.

Esperando.

Saí correndo do quarto e me tranquei no banheiro bem a tempo de me debruçar-me sobre o vaso e vomitar.

Quase ao mesmo tempo ouvi uma batida na porta.

— Clea? Você está bem? — era a voz de Sage. — Você está aí faz um tempão.

— Desculpa — resmunguei. — É o meu estômago. Não sei por que, mas... — senti mais um aperto na garganta e, pela primeira vez na vida, fiquei contente por saber que alguém iria me ouvir vomitando; isso me daria uma desculpa para continuar ali e me recompor.

—Hmmm, tudo bem. Não tenha pressa — disse Sage.

Ouvi seus passos enquanto se afastava. Assim que consegui, levantei para jogar água fria no rosto e lavar a boca, mas ainda estava ofegante e trêmula.

Meu Deus... será que Sage iria me matar?

Aquelas pinturas não significavam isso necessariamente. As que estavam na parede mostravam cenas felizes. E minha psicóloga não havia comentado que pintar era ótimo para quem tinha sofrido uma perda? Talvez isso o ajudasse a lidar com seus sentimentos. E os colares... Se Sage amava essas mulheres, é claro que ele os guardaria como se fossem tesouros inestimáveis.

A menos que ele guardasse como lembranças de um assassino em série.

E se Sage fosse um assassino em série? Algum tipo de maníaco imortal que, em vez de escolher vítimas diferentes, se concentrava em apenas uma... determinado a matá-la., a me matar... várias e várias vezes?



— CLEA?

Era a voz de Ben desta vez.

— Você está bem?

Eu estava bem? Eu sinceramente não sabia. E se estivesse ficando maluca? Se contasse para Ben o que tinha visto, talvez ele pudesse me ajudar a entender tudo de algum jeito que fizesse sentido. Essas coisas tinham muito mais a ver com ele do que comigo.

Meu pai. Eu tinha que me concentrar no meu pai. Seja lá o que Sage fosse, ele era minha única esperança de encontrar meu pai. Eu precisava dele para isso e se eu contasse para Ben o que eu tinha encontrado, ele tiraria a pior conclusão possível e faria de tudo para me levar embora dali.

Eu tinha que ficar calada. Tinha que agir como se nada tivesse acontecido.

—Clea?

— Estou bem! — terminei de me lavar, ensaiei um sorriso no espelho e saí do banheiro. — Desculpa.

— Está tudo bem?

— Sim, tudo ótimo.

— Você viu que o Sage tem um Michelangelo original? E um Rubens? E que ele tem uma edição original de *Paraíso perdido*?

Mas é claro que ele tem tudo isso, pensei. Ele deve ter conhecido todos esses

artistas pessoalmente.

— Nossa — disse eu, preferindo não ser sincera. — Ele deve ter gastado uma fortuna no eBay.

— Claro! Afinal, quem não compra antiguidades online por milhões de dólares?

— Tudo bem, talvez não no eBay...

— Clea? — disse Sage, enquanto Ben e eu voltávamos à sala principal. Assim que olhei para ele, soltei um grito. Sage estava com uma faca na mão. — Clea? Está tudo bem? — perguntou ele.

— Sim... desculpa, é só que... essa faca é enorme!

Ele riu.

— Esquentei um peru que estava na geladeira. Eu ia fazer uns sanduíches para a gente. Tudo bem com você?

Um peru. A faca era para o peru.

— Sim, claro. Obrigada — respondi, abrindo um sorriso.

Sage voltou a cortar o peru, mas ficou olhando para mim como se eu estivesse ficando maluca.

— Talvez seja melhor a gente levar você a um médico.

— Estou bem. Só meio grogue depois de... você sabe.

— Claro.

Não sei como, mas consegui manter a sanidade pelos quinze minutos seguintes. Sage terminou de fazer os sanduíches, verificou se estava com todos os documentos de Larry Steczynski e colocou algumas roupas em uma pequena mochila. Sempre que desviava os olhos, não tinha como evitar a sensação de que ele sabia exatamente o que eu tinha visto e feito. Ele não estava nada contente e com certeza encontraria algum jeito de me fazer pagar por isso.

Assim que saímos da casa, finalmente consegui voltar a respirar direito. Fiquei perto de Ben enquanto nós três fazíamos uma curta caminhada sob o luar até a garagem. Não queria ficar ao lado de Sage por nada neste mundo. Pedi para Ben sentar na frente e fingi ainda estar meio enjoada para não precisar conversar.

E se Sage e eu tivéssemos reencarnado várias e várias vezes ao longo dos séculos, apenas para sempre acabarmos nos encontrando? De certa forma, isso fazia sentido, a não ser pelo fato de que eu já tinha sido quatro outras mulheres

diferentes e que Sage só tinha sido... ele mesmo. Então isso queria dizer que ele estava vivo há, sei lá, uns quinhentos anos?

Pensei comigo mesma quanto estava sendo ridícula e então me dei conta de quanto todas as minhas outras opções também eram ridículas. Tinha a teoria do íncubo, mas será que espíritos sangravam? Não entendia tanto dessas coisas quanto Ben, mas sempre achei que “espíritos” fossem seres incorpóreos que não sangravam. E eu já tinha visto Sage sangrar. Eu tinha feito Sage sangrar. Não que ele tivesse se machucado, já que se curou tão rápido...

Ouvi a voz de Ben dentro da minha cabeça dizendo “em doses menores, ele só tem incríveis poderes curativos”. Foi o que ele falou antes sobre..., o Elixir da Vida.

Aquela picaretagem maluca completamente falseta do Elixir da Vida.

Será que isso realmente existia? Sage teria tomado desse Elixir? O suficiente para se manter vivo, jovem e com alta capacidade de regeneração pelos últimos quinhentos anos?

E se existisse, teria ele usado todo esse tempo para encontrar uma mesma mulher, várias e várias vezes em diferentes encarnações para amá-la... ou destruí-la?

Paramos em uma loja de departamentos perto do aeroporto para que Larry Steczynski pudesse me comprar um par baratinho de sapatos novos e mochilas para Ben e eu, as quais enchemos de coisas aleatórias, que seriam a nossa “bagagem”. Comprar passagens só de ida do Rio até Nova York sem nenhuma bagagem com certeza levantaria algumas suspeitas.

Enquanto fazíamos as compras, tentei deixar minhas suspeitas de lado para agir, de algum jeito, um pouco mais normal. Estava perdendo rapidamente a noção do que era “normal”. Quando chegamos ao aeroporto, o Sr. Steczynski foi generoso com seu cartão de crédito Amex preto ilimitado e comprou passagens de primeira classe para nós três no voo seguinte para o aeroporto JFK.

Mal tinha falado com Sage desde a minha descoberta e estava com medo de que ele começasse a desconfiar. Revirei meu cérebro em busca de alguma coisa natural e inofensiva para dizer a ele, mas, mesmo quando chegamos ao portão de embarque, o máximo que consegui formular foi:

— Então... como vamos chegar à minha casa se realmente tiver alguém de olho e já esperando por nós?

— Não sei bem ainda.

— Ah, que ótimo — disse Ben. — Que bom que a gente está com você então.

— E se eu ligar pra Rayna? — sugeri. — Ela pode ir buscar a gente. Podemos ficar abaixados dentro do carro pra ninguém nos ver chegando, e aí ela estaciona na garagem pra gente descer.

— E se tiver alguém esperando por nós lá dentro? — perguntou Ben.

— Eles não têm como saber que estamos indo pra lá... por que se arriscariam a invadir a casa?

— Sei lá... — respondeu Ben.

— Você tem alguma ideia melhor?

Ele não tinha. Nem Sage. Emprestei o celular de Larry Steczynski para ligar pra Rayna. Eu pessoalmente nunca atendo quando não reconheço o número. Por sorte, Rayna não pensa assim e vê uma chamada desconhecida como uma oportunidade para um novo romance.

— Alô? — disse ela com uma voz sedutora.

— Oi, sou eu.

— Clea! Você está bem? Faz dias que estou tentando ligar pra você... O que aconteceu? Por onde você andou?

— Desculpa, perdi meu telefone. Mas está tudo bem.

Nossa... essa era de longe a maior mentira que eu já tinha contado na minha vida.

— Tudo bem mesmo? — brincou ela. — Você se apaixonou por algum gatinho que conheceu no carnaval?

Era hilário como essas eram as duas únicas opções para Rayna: se alguma coisa terrível não tivesse acontecido, eu só poderia ter me envolvido em um arrebatador romance de verão.

— Bom, eu conheci alguém, sim... — disse eu, olhando para Sage.

— Eu sabia! Me conte tudo!

— É uma história meio longa.

— Tenho todo o tempo do mundo. Quero detalhes!

— É complicado. Mas escute, o Ben e eu estamos numa encrenca tem a ver com o meu pai.

— O que foi?

— Conto tudo pra você depois, mas antes vou precisar de um grande favor seu. Preciso que pegue a gente no JFK amanhã cedo, mas você não pode contar isso pra ninguém. Sei que pode parecer maluquice, mas acho que pode ter alguém de olho na nossa casa, só esperando a gente aparecer.

— Sério? Não reparei em nada estranho por aqui.

— Ótimo. Espero estar errada. Você pode me ajudar, então?

— Claro. Só tome cuidado.

— Tudo bem.

Passsei para ela as informações do nosso voo e desliguei. Olhei para Ben e Sage. A camaradagem que parecia ter surgido entre eles graças à coleção de arte e literatura de Sage não tinha durado. O fato de Sage estar prestes a invadir o território de Ben parecia ser um golpe duro demais para ele; os dois agora estavam sentados para a frente enquanto esperavam, sem nem olhar um para o outro, ambos de cara fechada. Pensei nas quatorze horas de viagem que ainda teríamos pela frente, e eu tentando aliviar a tensão entre os dois enquanto eu mesma relutava contra as minhas próprias desconfianças sobre Sage. Fiquei exausta só de imaginar. Decidi dar uma volta pelas lojas do aeroporto e abri um sorriso quando encontrei a solução perfeita.

Esperei até embarcarmos para revelar o que tinha comprado.

— *Cribbage!* — exclamei, mostrando o tabuleiro, um maço de cartas, uma caneta e um bioquinho de papel. — Ben e eu vamos ensinar você, aí nós podemos jogar juntos.

— Por que você acha que eu não sei jogar cribbage? — perguntou Sage.

— Você sabe? — Ben parecia surpreso.

— Claro. Aliás, sou um excelente jogador de cribbage — disse Sage.

— Sério? Porque sou praticamente um mestre em cribbage — disse Ben.

— Aposto que jogo há mais tempo que você — provocou Sage. Olhei para ele. Será que ele estava tentando nos dizer alguma coisa?

— Duvido muito — respondeu Ben. — Mas acho que vamos ver isso quando eu der uma surra em você.

— Vocês claramente estão se esquecendo de que esse jogo é pra três pessoas e que vou destruir vocês dois — disse eu.

— Vamos lá então — sugeriu Ben.

Dada a sua veia política, minha mãe sempre achou que poderia conquistar até a paz mundial se reunisse as pessoas certas em uma viagem longa o bastante. Não tinha tanta certeza disso, mas pelo visto, o *cribbage* poderia nos salvar. A competição entre nós três era bem acirrada e Ben ficou impressionado o bastante para perguntar onde Sage tinha aprendido a jogar. Sage explicou que seus pais eram historiadores, com quem aprendeu a jogar o antecessor do *cribbage*, um jogo chamado *noddy*.

— Sério? — perguntou Ben, com sua curiosidade profissional instigada. — Seus pais eram historiadores? Eles davam aula?

— Sim, de história europeia. Na Europa — disse Sage. — Em uma universidade pequena. Eles me ensinaram muita coisa.

Pois é, essa era a isca perfeita. Vi os olhos de Ben brilhando enquanto era fisgado.

— Que interessante — disse ele. — Então você diria que sabe muita coisa sobre história europeia?

— Diria sim. Aliás, acho que foi o que acabei de dizer.

Ben abriu um sorriso e começou imediatamente a tentar provar que Sage era uma farsa intelectual. Ficou testando Sage durante a viagem toda, perguntando coisas que eu nem sabia até ouvir as respostas de Sage.

— Qual peça de Shakespeare você acha que teve mais sucesso no Globe Theater, *Henrique VIII* ou *Troilo e Créssida* — perguntou Ben, estalando os dedos.

— *Troilo e Créssida* nunca foi encenada no Globe — respondeu Sage.

— Quanto a *Henrique VIII*, o Globe original pegou fogo durante essa peça e foi reduzido a cinzas, então eu diria que essa foi uma obra que realmente botou a casa abaixo... não é mesmo?

— Certo... muito bem — disse Ben, acenando a cabeça. — Parabéns.

Aquilo parecia uma tortura chinesa intelectual, e, embora os dois estivessem tentando agir como se aquela fosse uma conversa qualquer, logo ficaram inclinados para frente em suas poltronas, com suor escorrendo de suas testas. Era fascinante... e estranho.

Depois de várias horas disso, Ben finalmente admitiu ter encontrado alguém páreo para ele em história e então começou a ter acalorados debates com Sage sobre detalhes de eras que eu nunca tinha nem ouvido falar... mesmo tendo a

estranha sensação de que já tinha vivido em algumas delas.

Por sua vez, Sage parecia estar adorando conversar sobre o passado com alguém realmente capaz de apreciar as detalhadas anedotas e histórias que ele havia encontrado em suas “pesquisas”. Quando começamos a descer para pousar em Miami, os dois já estavam inclinados por cima de mim, conversando e rindo juntos. No abarrotado voo de Miami até Nova York, Ben e Sage sentaram um ao lado do outro e ficaram tagarelando e dando risadinhas o tempo todo, como amigas de colégio; sentei na frente deles, ao lado de uma senhora que parecia ter tomado um banho de perfume.

Fiquei pensando se Ben se interessaria menos ou mais pela conversa se soubesse das minhas suspeitas de que Sage provavelmente estava falando de suas memórias, e não do que tinha aprendido com os pais.

Também fiquei contente por eles estarem conversando — isso me daria tempo para organizar as minhas ideias. Eu sentia uma conexão tão forte com Sage. Era como se ficarmos juntos fosse o nosso destino. Eu queria ficar com ele. E por que sentiria isso se ele já tivesse me matado em outras vidas? Faria mais sentido se ele não tivesse feito isso. E também explicaria por que ele tinha um ar tão perturbado: todas as mulheres que ele amou foram assassinadas.

Será que eu também seria assassinada?

Ainda não entendia muitas coisas. Como as fotos. Acreditei em Sage quando ele pareceu surpreso ao saber que vinha aparecendo nelas. Ele disse que nunca tinha me visto antes de nos encontrarmos na praia. Então por que ele aparecia nas minhas fotografias desde que nasci? Seria isso um sinal de algum tipo de conexão espiritual que nos unia vida após vida? Rayna adoraria essa história. Fiquei pensando no que Ben diria sobre isso. Ou mais ainda, no que meu pai diria.

Na verdade, acho que sei o que meu pai diria. Ele tinha tentado ajudar Sage. E até disse que Sage era um bom homem. Então eu deveria confiar nele, certo?

A menos que meu pai não ligasse para quem Sage fosse e só tivesse dito isso para conseguir o que queria.

Aquilo tudo estava me dando dor de cabeça.

Virei para a mulher fedendo a perfume.

— A senhora gosta de *cribbage*? — perguntei.

Duas horas e uma insuportavelmente longa partida de War depois — ela não

sabia jogar cribbage, mas adorava War.—, pousamos no aeroporto JFK. Rayna estava nos esperando na área de retirada de bagagem.

— CLEA!!!! — gritou ela, que veio correndo para me abraçar. Não foi nada lá muito discreto, mas não me importei. Abracei-a com toda força. Em seguida, ela me soltou e viu Sage, e então me olhou com uma cara de surpresa.

— Então essa é a encrenca em que você se meteu? — disse ela, analisando-o de cima a baixo. — Acho que ele está aprovado.

— Rayna, esse é o Sage. Sage, essa é a Rayna.

— Prazer — disse Sage, estendendo a mão.

— O prazer é todo meu — ronronou Rayna. A menos, claro, que esse seja um privilégio só da Clea.

Sage sorriu e pareceu até ficar um pouco vermelho, o que foi muito divertido.

Antes de nos levar até o carro, Rayna insistiu que eu pegasse seu grosso casaco de inverno. Estava fazendo quase zero grau lá fora e eu ainda estava com o meu vestidinho preto de verão. A própria Rayna, claro, estava usando uma camisola de renda. Ela pegou Sage pelo braço para não escorregar na neve”, embora, na verdade, só quisesse saber se seu braço era tão musculoso quanto parecia. Pela expressão boquiaberta que ela me fez depois da primeira apertadinha, parecia que sim.

— Eles formam um belo casal — disse Ben, apontando para Sage e Rayna. — Não acha?

— Hmm... — foi tudo o que eu consegui responder.

Chegando ao carro, sentei-me na frente, ao lado de Rayna. Só com os olhos, ela perguntou se Sage estava comigo; torci o nariz e encolhi os ombros, explicando que era uma história meio complicada. Ela acenou com a cabeça — provando que tinha entendido — e então revirou os olhos, dizendo claramente que eu só poderia estar maluca se não fizesse nada para ficar com ele. Toda essa conversa durou mais ou menos um segundo.

Durante a viagem de duas horas e meia de volta a Niantic, expliquei a Rayna o máximo que pude sobre o que tinha acontecido — contei praticamente tudo, menos sobre os meus sonhos e o que eu tinha encontrado na casa de Sage. A história era bem bizarra, mas Rayna encarou tudo numa boa. Pelo menos agora ela sabia por que tínhamos que tomar cuidado ao entrar em casa.

Rayna deu risada.

— É perfeito! Você não poderia ter escolhido um dia melhor pra voltar pra casa.

— Como assim? — perguntei.

— Sua mãe ligou hoje de manhã. Parece que algum figurão do governo de Israel está por aqui e ela decidiu que eles poderiam trabalhar muito melhor em meio a um banquete improvisado pela Piri lá em sua casa.

Incrível. Só a minha mãe conseguiria marcar um almoço de última hora com uma horda de dignitários que já deviam estar com suas agendas lotadas pelos próximos meses. Foi por esse tipo de coisa que ela ficou famosa enquanto trabalhava em Washington.

— Então isso significa que... — comecei a dizer.

Mas Rayna terminou por mim, rindo alto enquanto falava:

— Que o serviço secreto chegou às seis da manhã pra analisar cada centímetro da casa e não vai sair de lá até a festa acabar. Se tinha qualquer pessoa perigosa lá por perto, já foi embora faz tempo ou presa pelo FBI.

Excelente — não poderia ser melhor. E eu virei para trás.

— Pode ir se preparando, Sage — brinquei. — Garanto que você nunca viu nada igual às loucuras da Piri e da minha mãe.

— Imagino que não — disse Sage.

Ele claramente não tinha ideia do que o esperava. Mas logo iria descobrir.

Rayna tinha razão; minha casa estava cheia de agentes do serviço secreto. Já conheciam Ben e Rayna, mas “Larry Steczynski” foi devidamente vetado. A qualidade daqueles documentos falsos estava prestes a ser testada. Enquanto Sage esperava que os agentes verificassem seus dados, fiquei pensando em quanto a nossa missão para encontrar meu pai seria prejudicada se Sage tivesse que fazer uma visitinha a um presídio federal.

— Tudo certo disse por fim o chefe da equipe.

Ótimo, nós estávamos liberados. Sage insistiu com toda cortesia que Rayna e eu entrássemos na frente.

— Não sei se é uma ideia muito boa — disse eu, mas ele não ouviu. Rayna, Ben e eu trocamos sorrisos de cumplicidade, então encolhi os ombros e passei pela porta... disparando instantaneamente o alarme de Piri. Não sei como ela

percebeu, já que estava na cozinha, mas assim que pisei na sala, ela veio correndo com os braços erguidos e soltando um grito agudo a plenos pulmões:

— CLEEEEEEEEEAAAAAAA!!!!

— Foi ele quem insistiu, Piri — disse eu, jogando Sage na fogueira sem remorso. — Tentei avisar, mas...

Baixinha e enfurecida, Piri partiu para cima de Sage e começou a bater o dedo no peito dele para enfatizar cada uma de suas palavras.

— Nunca se deixa uma mulher entrar em casa na frente de um homem! Isso dá muito azar! E justo hoje que a senadora está trabalhando aqui! Meu Deus!

Ela nos empurrou de volta para fora, fechou a porta e cuspiu três vezes na varanda — não acertando por pouco o sapato de um dos agentes do serviço secreto —, então virou seus olhos cheios de cólera para Sage, pedindo para que ele fizesse o mesmo.

— Acho que não preciso cuspir na varanda da Clea... — disse Sage com um ar de desconforto, mas o olhar de Piri foi ficando cada vez mais e mais enfurecido até que Sage cedeu ao seu poder... e cuspiu três vezes no chão. Piri deu um sorriso convencido e abriu a porta, fazendo um gesto para que Sage entrasse. Ben veio em seguida.

— Se fosse eu, nunca teria deixado ela entrar na frente — murmurou ele, inclinando-se para falar no ouvido de Piri.

— Isso porque você é um garoto muito esperto — disse Piri, dando um beijo em cada uma de suas bochechas.

Enquanto ela nos levava até o almoço que estava acontecendo em outra sala, Ben puxou Sage de lado.

— Sabe, alguém que realmente entende de história europeia devia conhecer essas superstições...

Sage fez uma careta.

O grupo que estava com a minha mãe não era muito grande, mas a imponência de todas aquelas personalidades me fez sentir como se a sala estivesse lotada. Como quase sempre, minha mãe era a única mulher do grupo. Entre seus convidados, estavam sete dos membros mais importantes do Comitê de Relações Exteriores do Senado e um homem com um rosto muito familiar, mas que não consegui reconhecer, então imaginei que deveria ser o diplomata israelense. Eles

estavam atacando bandejas abarrotadas de aperitivos húngaros, como *langos* (pãezinhos com alho, coalhada e queijo), vários tipos de *pogacsá* (biscoitos), *korozott* (pasta de queijo com páprica húngara) e *fasirt* (almôndegas). Todos estavam sentados, menos minha mãe, que estava toda empolgada, contando uma história sobre um passeio a cavalo que tinha feito com outro diplomata estrangeiro.

— Eu virei e aí ele estava sem camisa! — exclamou ela. — Sabe, até o cavalo ficou com vergonha, mas a imprensa estava adorando tudo aquilo, tirando fotos e mais fotos. Ele então bateu no peito e gritou: “Torso Forte, é assim que me chamam. Torso Forte!”. E depois me desafiou para uma luta!

Todos deram risada enquanto ela fazia uma cara de desdém exagerada; então o senador Blaine, de Delaware, o melhor amigo da minha mãe no comitê, levantou a bola que ela estava só esperando para cortar.

— E você aceitou?

— Mas é claro! E nocauteei o sujeito em dez segundos.

Todos riram ainda mais alto, minha mãe ergueu seu copo, propondo um brinde aos convidados, e virou sua dose de *palinka*, um conhaque húngaro que Piri havia trazido para a ocasião. Ela fez uma reverência, sendo aplaudida por todos e então se jogou dramaticamente de volta em seu lugar.

Foi então que ela me viu.

— Clea! — exclamou ela. — Venha aqui! — abri um sorriso e corri até ela, que me abraçou com toda força. — Que saudade, minha querida! — ela então me virou para o grupo de convidados, com as mãos nos meus ombros. — Pessoal, tenho certeza de que os senhores lembram da minha talentosa filha, para quem todos nós ainda vamos trabalhar algum dia. Clea, você conhece os senadores, e este é Imi Sanders, o ministro do exterior de Israel.

— É um prazer — disse eu, apertando a mão do ministro.

— O prazer é todo meu — respondeu ele.

— É claro que os senhores também já conhecem Rayna — disse minha mãe, apontando para Rayna. — E Ben, o amigo da Clea, e... — ela olhou para Sage com um ar desconfiado. — E quem seria esse jovem?

Em uma fração de segundo, tentei pensar em todas as possíveis explicações para a presença de Sage, mas pelo olhar da minha mãe, ela já tinha concluído que ele era algum casinho meu e continuaria acreditando nisso mesmo se eu dissesse

que era apenas um amigo. E se ela achasse que eu estava interessada nele, nenhum almoço diplomático poderia impedi-la de sentar com a gente para interrogar Sage na frente de todo mundo e ver se conseguia desenterrar algum podre antes que eu acabasse descobrindo do jeito mais difícil. Ela provavelmente até incentivaria os convidados a ajudar, e eu sabia que eles não recusariam — porque já tinha visto isso acontecer com Rayna.

O único problema era que eu não poderia passar o dia inteiro enrolando com eles. Precisava revirar as coisas do meu pai e queria terminar antes que o ministro israelense e seus seguranças do serviço secreto fossem embora, deixando o caminho aberto para que algum visitante não tão bem-vindo pudesse voltar.

— Este aqui é Larry Steczynski! Mas podem chamá-lo de “Sage”. Ele é meu novo namorado! — disparou Rayna de repente, pegando Sage pelo braço e o apertando. Por sorte, Sage conseguiu disfarçar em grande parte sua surpresa.

Mais uma coisa para adicionar à lista de motivos pelos quais eu amava Rayna. Ela tinha percebido exatamente o que eu estava pensando e encontrou a única saída possível para me salvar.

— Sério? — perguntou minha mãe. — Então é melhor termos uma conversa com ele — disse ela, virando-se para o grupo. — Não é mesmo, senhores?

Sem hesitação, todos os senadores e o ministro israelense concordaram que a próxima pauta obviamente deveria ser um debate sobre os prós e contras de Sage como namorado para Rayna. Enquanto minha mãe pegava Sage e Rayna pelas mãos e os levava até o sofá, dois senadores levantaram com toda cortesia para abrir espaço. Sage olhou para mim com uma expressão tão aflita que quase caí na gargalhada.

— Ben e eu já voltamos — disse. — Temos que resolver alguns assuntos da Alissa Grande.

— Não demorem — disse minha mãe, enquanto saíamos da sala.

— Vamos voltar para Washington daqui a umas duas horas e quero ver você um pouco antes de sair. Já estava quase me esquecendo do seu rosto.

Prometi que voltaríamos logo, e então Ben e eu escapamos, bem a tempo de ouvir o senador Blaine limpando sua garganta para dizer:

— Então, Sage... você por acaso tem alguma opinião pessoal sobre mulheres que possa interferir na sua obrigação de tratar Rayna com o respeito que ela

merece?

— Ele pode até já ter enfrentado hordas daqueles malucos atrás do tal Elixir — sussurrei para Ben. — Mas aposto que é a primeira vez que ele é interrogado por senadores.

— É um castigo bem cruel e bizarro, Clea — disse Ben, sorrindo.

— Benfeito.

— Bom, imagino que qualquer coisa relacionada ao Elixir da Vida deva estar no estúdio do meu pai, certo? — perguntei.

— Sim, vamos começar por lá — disse Ben, concordando com a cabeça.

Descemos até o estúdio, abrimos a porta e então ficamos olhando para as várias montanhas de papéis, livros e arquivos.

— Vai levar uma eternidade pra revirar tudo isso — disse eu.

— Só precisamos ser inteligentes. Vamos dar uma olhada em tudo o que for ligado ao Elixir primeiro. Posso fazer uma pesquisa no computador pra encontrar esses arquivos. Depois podemos passar pro material escrito à mão.

— Tudo bem, então vamos procurar alguma referência àquela mulher de pele escura? — perguntei.

— Mulher de pele escura?

— Bom, o Sage falou de uma “negra”. Não consigo imaginar meu pai dizendo uma coisa dessas. Na verdade, não consigo imaginar ninguém falando isso, mas se o Sage nasceu...

— Se o Sage o quê? — perguntou Ben.

Estava prestes a dizer que Sage provavelmente tinha nascido no século XVI e, às vezes, podia dizer coisas não muito adequadas para os dias de hoje, mas eu ainda não tinha contado essa minha teoria para Ben e, claramente, não tínhamos tempo para isso agora.

— Ele poderia estar apenas repetindo o que alguém disse — disfarcei. — Só pode ser.

— É, faz sentido. Bom, então essa mulher não é branca. Puxamos todos os arquivos relacionados ao Elixir da Vida no computador, em que dei uma olhada enquanto Ben folheava os cadernos de anotações do meu pai.

Duas horas depois, já tínhamos encontrado várias informações sobre o Elixir, sobre sua história e seus poderes. Até achei um texto sobre os dois grupos que Sage

disse que o estavam perseguindo: A Vingança Maldita e os Redentores da Vida Eterna.

Vingança Maldita tinha esse nome porque seus membros acreditavam que suas famílias tinham sido amaldiçoadas de alguma maneira pelo Elixir muitas gerações atrás. Queriam encontrar o Elixir para destruí-lo e se salvarem. Já os Redentores da Vida Eterna queriam o Elixir pelo motivo oposto: acreditavam ter o dever de protegê-lo e decidir qual seria a melhor forma de usar seus poderes.

O arquivo do meu pai comprovava o que Sage tinha dito — que os dois grupos tinham surgido na época da Renascença, mas ficaram muito mais fortes quando meu pai encontrou os frascos. Mesmo dispersos pelo mundo todo, esses grupos se mantinham unidos por meio de vários sites secretos na internet. Meu pai tinha uma lista com vários desses endereços, e eu descobri a senha para um deles. Decidi dar uma olhada. O site era dos Redentores da Vida Eterna. Era basicamente um fórum de discussão, em que os membros compartilhavam informações entre si. Os textos postados eram bem esporádicos — fiquei com a impressão de que esse não era o principal site de referência desse grupo. Ainda assim, imprimi algumas páginas e a senha de acesso. Era melhor ter o máximo possível de informações sobre nossos inimigos.

Infelizmente, nem eu nem Ben tínhamos encontrado nada sobre nenhuma mulher de pele escura, e nosso tempo estava acabando — os convidados que estavam com minha mãe e seus guarda-costas poderiam ir embora a qualquer minuto.

— Isso é uma loucura. Não vamos conseguir nada assim — disse eu.

— Eu sei — Ben parecia cansado e abatido e passou as mãos pelo cabelo. — Precisamos de alguma outra ideia.

Nós tentamos., mas não pensamos em nada.

— Tudo bem — finalmente eu disse. — Talvez essa “negra” na verdade não seja uma pessoa. Talvez seja uma senha.

— Uma senha?

— Pode ser. Talvez essas letras representem outras letras. Ou talvez seja tipo um acróstico, onde cada letra é a inicial de outra palavra. Enfim, sei lá... estou só chutando., estou meio grogue... talvez seja melhor eu tomar um café.

— Não, não, faz sentido. Pode ser mesmo. Ou talvez seja uma referência

literária. A literatura é cheia de códigos assim. Como os sonetos de Shakespeare — Ben de repente se endireitou na cadeira como se tivesse tomado um choque. — Meu Deus!

— O que foi?

— Os sonetos de Shakespeare! A Dama Negra! Ele escreveu vinte e sete sonetos sobre uma mulher chamada “Dama Negra”! Não acredito que não pensei nisso antes!

Também me endireitei na minha cadeira.

— E meu pai estava obcecado por Shakespeare antes de desaparecer!

Ben e eu nos entreolhamos por um instante e então começamos a revirar as pilhas de livros do meu pai em busca de qualquer coisa ligada a Shakespeare. Todos os volumes estavam cheios de anotações e grifos relacionados, em maior parte, à Dama Negra, mas nada que pudesse nos ajudar, apenas um monte de asteriscos, flechas e sublinhados.

— Ele escreveu “ver arquivo” em vários lugares aqui — comentei com Ben.

— Aqui também — ele ergueu a cabeça e virou para mim. Seria um arquivo digital?

Corri de volta para o computador e nós dois ficamos procurando pasta por pasta até acharmos uma chamada “Shakespeare”. Essa pasta tinha outra dentro, nomeada como “Dama Negra”, e, dentro dessa, havia um arquivo do Word chamado “LXRDN.doc”

— L-X-R3 Dama Negra. Elixir da Dama Negra!

— Sim! — vibrou Ben, e aproveitamos para saborear aquela vitória nerd por um instante antes de abrimos o arquivo...

— Este arquivo é protegido por senha — disse eu, lendo a mensagem na tela.

— Ah, droga — grunhiu Ben.

— Senhas.., que senhas meu pai usava? Ele anotava todas as senhas porque nunca conseguia lembrar de nada. Dê uma olhada por aí enquanto tento algumas coisas.

Ben sabia como o meu pai guardava senhas: impressas em etiquetas coladas dentro de gavetas e armários. Ben abriu todas as portas e gavetas da sala e anotou o que encontrou, enquanto eu tentava várias senhas que poderiam ter algum significado para o meu pai. Testei várias combinações do meu nome, da minha

mãe, dele, de Rayna e até de Ben, os nossos aniversários, a palavra GloboReach, a data de fundação da GloboReach, o aniversário de casamento dele com a minha mãe...

— Nada. Não consegui nada — resmunguei, frustrada. — E agora?

— Calma, calma, achei algumas aqui — disse Ben. Ele começou a ler em voz alta uma lista com mais de vinte senhas. Nenhuma delas funcionou.

— Mas que droga! — berrei. — E esse é o único arquivo aqui que pede senha!

— Exatamente! — disse Ben. — Vamos pensar um pouco. Por que ele protegeria só esse arquivo com senha?

— Pra frustrar a própria filha e seu melhor amigo sem motivo nenhum?

— Pode até ser, mas acho que não.

— Porque esse arquivo é importante.

— Certo — disse Ben. — Seu pai acredita no Elixir. Isso é muito importante pra ele., o Grant acha que pode mudar o mundo se encontrar esse Elixir. Mas se as pessoas erradas o encontrarem antes, o pior pode acontecer. Então, se esse arquivo é a chave pra chegar ao Elixir, é claro que ele pôs uma senha.

— Tudo bem, mas já testamos todas as senhas dele.

— Só procuramos nos lugares mais manjados — disse Ben. — Para uma coisa tão importante assim, acho que ele pensaria em algum lugar mais seguro... algum lugar ao qual só ele teria acesso e que estivesse à mão o tempo todo.

— Tipo onde? — perguntei. — A única coisa com a qual ele andava o tempo todo era...

Ben e eu chegamos à resposta ao mesmo tempo.

— O relógio dele!!!

Enfiei a mão imediatamente na bolsa da minha câmera, peguei o relógio e o analisei por todos os lados, procurando algo que pudesse ser uma senha. A inscrição da minha mãe, talvez? Depois de algum tempo olhando, reparei nos minúsculos arranhões embaixo das letras.

— O que você acha disto aqui? — perguntei, mostrando-os para Ben. — Será que são só arranhões?

— Não sei... são tão pequenos...

— A lupa! — lembrei. — Meu pai tem uma lupa aqui pra analisar fotos!

Ben começou a revirar as gavetas.

— Achei! — gritou ele.

Ele me jogou a lupa e eu pude ver os arranhões mais de perto. Na verdade, eram as palavras “fecoragemsabedoria”. Fé, coragem e sabedoria — as três pétalas da íris. Abri um sorriso enquanto digitava isso no computador.

— Conseguimos! — exclamei.

Ben veio e começou a ler por cima do meu ombro enquanto analisávamos o arquivo. Havia muita coisa nele, mas o principal era que, durante a pesquisa sobre o Elixir, meu pai encontrou uma referência obscura em um livro que ligava o Elixir a Shakespeare. O livro citava uma peça perdida de sua obra: *Trabalhos de amores felizes*. Tudo o que se sabia sobre essa peça era o título e, embora muitos achassem que pudesse se tratar de uma continuação para *Trabalhos de amores perdidos*, devido ao nome, o livro do meu pai dizia que aquela, na verdade, era uma história sobre dois amantes que se encontravam e depois eram separados pelo Elixir da Vida. Além disso, o livro dizia que essa história era inspirada em uma amante de Shakespeare — a Dama Negra.

Com base nisso, meu pai fez novas pesquisas. Ele queria descobrir quem era essa Dama Negra, para ver se ela poderia ter alguma ligação com o Elixir. Meu pai devorou vários livros com análises sobre o assunto, assim como os próprios sonetos também. Após um exaustivo estudo, ele acabou rejeitando todas as principais teorias sobre a identidade da Dama Negra. Chegou à conclusão de que a Dama Negra era uma mulher chamada Magda Alessandri, que muitos acreditavam ser uma feiticeira. Meu pai pensou que talvez essa fama pudesse vir de alguma conexão com o Elixir da Vida e então tentou descobrir mais informações sobre ela. Ele até conseguiu encontrar alguns parentes vivos dessa mulher e os procurava para entrevistar durante suas visitas aos vários postos da GloboReach no mundo todo.

Bem no final do documento, meu pai tinha escrito: “EUREKA! A MAGDA ALESSANDRI DOS DIAS DE HOJE QUARTO DA CLEA 121.”

— Será que ele encontrou a descendente da Dama Negra que estava procurando? — perguntei a Ben.

— Sim, e parece que o nome dela também é Magda Alessandri — respondeu Ben, acenando a cabeça. — Mas o que quer dizer “quarto da Clea cento e vinte e um”?

— Outra senha? Uma segunda proteção pro paradeiro dessa mulher? Será que

ele escondeu alguma coisa no meu quarto?

Entreolhamo-nos, então saímos correndo do estúdio e subimos dois lances de escada até o meu quarto. Assim que chegamos, liguei meu computador.

— Talvez ele tenha escondido o arquivo aqui.

Ben acenou com a cabeça.

— Tente encontrar qualquer arquivo que você não tenha criado. Talvez ele esteja protegido também e a senha seja “cento e vinte e um”.

Concordei com a ideia, mas depois de meia hora fuçando no computador, não tinha encontrado nada de estranho no meu HD.

— Argh! — gritei, frustrada. — Mas que droga... estávamos tão perto!

— Calma. Estamos perto, sim. Então deve ser alguma outra coisa. Cento e vinte e um... talvez uma data? Dia doze de janeiro? Ou talvez seja o contrário... dia primeiro de dezembro?

— Nada — balancei a cabeça. — E agora?

— Sei lá. Talvez não seja nesse computador então — os olhos de Ben começaram a dardejear desesperadamente pelo quarto atrás de alguma inspiração.

— Clea! — era a voz da minha mãe lá embaixo. — Desçam, por favor! Já estamos terminando aqui e quero ver você antes de ir embora!

Droga, estávamos ferrados. O serviço secreto estava prestes a ir embora e ainda não tínhamos a mínima ideia de...

— Cribbage! — gritou Ben, correndo para pegar o tabuleiro de cribbage. — Qual é a pontuação final no cribbage?

— Cento e vinte e um — disse eu, e então meus olhos se arregalaram. — Cento e vinte e um! Cento e vinte e um... é isso!!!

Ben analisou o tabuleiro todo, então o virou de ponta-cabeça e abriu o painel de metal que fechava a gaveta com os pinos. Ele despejou os pininhos em sua mão para ver se conseguia encontrar alguma coisa ali dentro e então fechou os olhos... por frustração?

— Ben? — perguntei, nervosa.

Ele sorriu e virou o tabuleiro para mim. Dentro da gaveta dos pininhos havia dois números minúsculos, um sobre o outro. O de baixo começava com um sinal negativo e os dois tinham casas decimais. Embaixo deles, estava escrito “Portinha”

— O que são esses números? Uma equação? — perguntei.

O sorriso de Ben ficou ainda mais largo.

— São coordenadas. De latitude e longitude.

— A localização da “Magda Alessandri dos dias de hoje”!

Ben acenou a cabeça. Soltei um gritinho e me joguei em seus braços.

— Clea? — era a minha mãe chamando.

— Já estou indo!

Sabendo que muito provavelmente agora iríamos passar um bom tempo fora de casa, corri para o meu armário e joguei algumas roupas em uma mochila. Pus também algumas maquiagens; eu não tinha nenhum motivo para andar por aí como uma fugitiva só porque realmente estava agindo como uma. Revirei minhas bolsas e peguei todo o dinheiro que encontrei. É claro que o cartão Amex preto ilimitado de Larry Steczynski poderia cobrir todas as nossas despesas, mas eu queria ter o meu próprio dinheiro, mesmo que fosse só um pouco. A última coisa que joguei na mochila foi o tabuleiro de cribbage com as coordenadas secretas dentro.

Missão cumprida. Descemos correndo até a entrada, bem a tempo de ver todo mundo indo embora. Rayna estava sorrindo de orelha a orelha enquanto abraçava todo mundo e se despedia, aceitando os desejos de boa sorte com seu novo romance. Sage parecia atordoado.

— Como foi? — perguntei.

— Acho que a sua mãe acabou de negociar a paz no Oriente Médio e acabou com o bipartidarismo... e tudo isso enquanto planejava meu casamento com a Rayna.

— Ah, não foi nada de mais então. Quantos filhos vocês vão ter?

— Quatro. Mas só depois que ela fizer vinte e seis, três anos depois do casamento. E, ah! Vamos passar a lua de mel na casa de praia do ministro, em Tel Aviv.

— Que legal. Prometo visitar vocês.

Sage só balançou a cabeça, ainda atordoado.

— A Piri já perdoou você? — disse Ben, sorrindo.

— Acho que não. Ela pôs alho em tudo o que me serviu.

— Não leve pro lado pessoal. Vai muito alho na culinária húngara — expliquei.

— Até nas tortas de chocolate, pelo visto — rebateu Sage.

— Tudo bem, isso você pode levar pro lado pessoal admiti.

Depois de se despedir de todas as figuras políticas, minha mãe virou para mim com uma carinha triste.

— Não acredito que mal conversei com você e já estou indo embora!

— Pois é! Mas tudo bem, podemos sair com você. Já estamos indo também — eu não queria ficar perto de casa nem por um segundo, agora que o serviço secreto já tinha ido embora.

— Você nem provou as sobremesas da Piri — lamentou minha mãe enquanto nós cinco saíamos pela porta. — Ela fez folhados húngaros. Com damasco, seus favoritos.

— Será que sobrou algum?

— Acho que sim. Talvez você tenha dado sorte — disse ela.

— Vou lá buscar — Ben tentou voltar, mas Piri não o deixou.

— Não! — gritou ela. — Você não pode voltar assim depois de sair de casa! Isso dá muito, muito azar.

— Calma, Piri — pediu Ben. — Só quero pegar uns folhados.

— Vou lá pegar pra você. Agora, venha aqui até o espelho. Olhe feio pra você mesmo e vai ficar tudo bem.

— Eu olharia, juro, você sabe que eu olharia, Piri, mas estamos meio com pressa. Vou só pegar os folhados.

Enquanto Ben abria caminho e entrava, minha mãe abraçou Rayna e Sage, que ela pelo visto iria tratar como um genro. Ben saiu com os folhados e todos entraram no carro de Rayna. Aproveitei para dar um último abraço na minha mãe.

— Vou tirar férias em abril — disse ela, segurando meus braços e me olhando nos olhos. — Vamos pegar uma semana inteira e ir para algum lugar, só nós duas.

— Claro, seria ótimo — disse eu, me esforçando para não chorar. Minha mãe não conseguiu. Cada uma entrou em seu respectivo carro e fomos embora.

— Vai um folhado? — perguntou Ben, me oferecendo um saquinho cheio deles.

— Bom, já que você desafiou o azar pra trazê-los pra mim... claro! — disse eu.

— Pois é! — concordou Ben. — É bom que valha a pena.

— Nhammm, nossa, valeu muito a pena — disse eu, com a boca cheia. — Vocês precisam experimentar isto aqui.

— Hmm... — murmurou Sage, examinando seu folhado. — Está sem alho.

Não sei bem como as minhas papilas gustativas vão lidar com isso.

— Gente... — disse Rayna. — Pra onde estou indo?

— Ótima pergunta... vamos descobrir! tirei o tabuleiro de *cribbage* da mochila e o entreguei para Sage, apontando para as coordenadas de longitude e latitude na parte de trás. — Onde fica isso?

Sage pegou seu celular e digitou os números.

— Interessante.

— O quê? — perguntei. — Não é na Antártica, é? Não trouxe nenhuma blusa.

— As coordenadas são de um prédio chamado “Shibuya 109”, em Tóquio.

— Shibuya 109? É um shopping! — virei-me para Ben, empolgada.

— Ben, tem uma loja lá chamada “The Little Door”? Talvez “Portinha” seja um código pra isso. Será que a Magda trabalha lá?

— Magda? — perguntou Sage.

— É a descendente da Dama Negra! A tal “negra” de quem você tinha falado. Era com ela que meu pai queria que você falasse!

— Sério...? — disse Sage. — Magda...

— Então vamos pro Shibuya 109?! — vibrou Rayna. — Será que é muita mancada eu gastar todo o dinheiro que meus pais vão me dar de presente de formatura quatro meses antes de eu me formar?

— Nós não vamos pro Shibuya 109 coisa nenhuma — eu a corriji.

— Você vai é voltar pra escola. A Wanda te mataria por perder aula. E me mataria por ter te ajudado.

— Mas vai ser uma experiência educativa. Posso até escrever um trabalho sobre a viagem quando a gente voltar.

— Pode ser perigoso, Rayna...

— Perigoso? Por favor! Estamos indo pra um shopping.

As coisas não eram bem assim, mas ela não estava totalmente errada. O Shibuya 109 era o santuário da moda para os jovens e descolados de Tóquio: dez andares com as lojas e butiques mais badaladas, e tudo isso dentro de um gigantesco prédio cilíndrico despontando no meio da cidade. Rayna e eu tínhamos causado um estrago e tanto por lá na nossa última visita, mas isso foi há três anos e outro massacre consumista com certeza estava nos nossos planos.

Ainda assim, por mais que eu estivesse louca para revirar todas aquelas lojas

com Rayna ao meu lado, esta não era a hora para isso. Por mais que procurar alguém em um shopping lotado não parecesse algo lá muito perigoso, nada nesta história toda estava sendo bem o que parecia. Acho que, pela primeira vez na minha vida, eu realmente quis que Rayna não estivesse comigo.

— Por favor, não vamos discutir, Rayna. Se você for com a gente e alguma coisa acontecer...

Ela percebeu que eu estava falando sério e sua voz perdeu o tom de brincadeira.

— Tudo bem — disse ela. — Podem ir então. Eu fico aqui... com saudade do meu noivo.

Essas últimas palavras saíram com um ar todo dramático, e eu ri, aliviada por ela ter me entendido e também por saber que ficaria sã e salva em casa. Enquanto Rayna entrava na via expressa, voltando para o aeroporto, liguei o rádio do carro, encostei no banco, dei uma bela mordida em um folhado e deixei aquele sabor adocicar minha língua. Por um breve momento, a vida pareceu ser simples e cheia de alegria. Eu queria saborear cada segundo, mas sabia que aquilo não iria durar.



NO FINAL DAS CONTAS, ACABEI TENDO, SIM, UM POUCO MAIS DE TEMPO para saborear as coisas antes de partimos. O jeito mais rápido de chegar a Tóquio era um voo direto, saindo de Nova York, mas que só iria decolar quase no começo da tarde do dia seguinte. Dormir em casa não era uma opção e, por mais que Rayna estivesse louca para aproveitar ao máximo o Amex preto ilimitado de Larry Steczynski e para que a gente passasse a noite como sultões no melhor hotel de Manhattan, fazia muito mais sentido ficar apenas em um hotel decente perto do aeroporto.

—Tudo bem — concordou Rayna. — Mas a gente não vai só dormir, né? A gente tem que curtir a noite juntos. Mas, claro, depois que eu passar um tempo com a Clea. Já estou tendo crise de abstinência por falta da minha amiga!

— Você vai passar a noite com a gente? — perguntei, empolgada.

— Como assim? E você estava achando que não? É claro que eu preferia fazer a festa com esse Amex preto do Sage. Mas um hotelzinho bacana também não é má ideia. Vamos ficar no Holiday Inn Express. Eles servem uns rolinhos de canela deliciosos.

— Sério? — perguntei.

— Coisa de primeira. Café da manhã livre pra comer até explodir.

Além dos rolinhos de canela, Rayna também quis dar entrada no hotel e

escolher nossos quartos: dois, cada um com duas camas queen size, no mesmo andar, mas em pontas opostas do corredor. Fiz uma careta, imaginando Sage e Ben presos em um quarto juntos a noite inteira. Isso obviamente não daria muito certo.

Rayna esperou até entrarmos no nosso quarto e então se jogou em uma das camas.

— Até que enfim! Achei que nunca mais ia ficar sozinha com você! — deitada de bruços, ela se apoiou sobre os cotovelos e ficou sacudindo os pés para o alto. — Vamos, desembuche! O que está rolando com o senhor Gatão dos Sonhos?

— Com o Sage? — disse eu, dando risada.

— Não, com o ministro Sanders! — rebateu ela, jogando um travesseiro em mim. — É claro que estou falando do Sage! É ele, não é? O cara dos seus sonhos. Meu Deus... ele existe mesmo e é um gato! Ele beija tão bem na vida real quanto nos seus sonhos?

— Não tenho como saber — admiti. — A gente ainda não se beijou.

— E o que você está esperando?!

— Você não acha estranho o lance de ele viver aparecendo nas minhas fotos?

— Não.

— E a história dos grupos fanáticos que estão atrás dele? Não acha isso estranho?

— Ninguém é perfeito, Clea.

— E se eu te dissesse que ele pode ser um assassino em série? Você não acharia isso estranho?

— Bom, isso pode até ser. Explique melhor.

Contei a ela então sobre meus pesadelos e sobre o que tinha encontrado na casa de Sage. Enquanto eu contava a história, a postura alegre e brincalhona de Rayna se transformou em uma cara de espanto e fascinação.

— Meu Deus, Clea...

— Que loucura, né? E ainda não entendi por que ele aparece nas minhas fotos.

— Essa parte é fácil.

— Sério?

— Claro — disse ela. — Vocês são almas gêmeas.

— Rayna..

— Tudo bem, eu sei, você não gosta desse termo. Mas não pode negar que vocês dois têm uma conexão espiritual muito forte e profunda. É isso o que vocês têm por definição. Você mesma disse que ele te encontrou em quatro países diferentes, em quatro épocas diferentes. De todas as pessoas no mundo, em qualquer uma dessas épocas, ele sempre acabou encontrando você. A única explicação para isso seria algum tipo de ligação entre suas almas. Ele é como um míssil espiritual teleguiado vindo até você.

— Mas ele não tinha como estar comigo naquelas fotos.

— Tinha, sim! Você não entendeu ainda, Clea? As suas almas estão ligadas.., ele sempre está com você, ainda que não fisicamente. E foi você quem me disse que as fotos capturam a alma das pessoas, não foi? Então é isso o que está acontecendo... as suas fotos estão capturando essa alma que está sempre ao seu lado, porque vocês estão interligados. É muito romântico!

Fiquei pensando no que ela disse, mas ignorei a última frase, justamente por saber que tudo era muito romântico para Rayna.

— Tudo bem — admiti. — Concordo com a parte da conexão. Mas e o lance das mortes? E se essa conexão só existir porque ele persegue essas mulheres, finge que está apaixonado e depois mata todas elas?

— Mata você. Você é todas elas.

— Pois é, valeu. É muito melhor pensar assim — disse eu, revirando os olhos.

Rayna pensou por um instante e então balançou a cabeça.

— Não. Sei lá, não consigo acreditar nisso, Clea.

— Por quê? Só porque não é muito romântico?

— Não é muito romântico mesmo, mas não é por isso. Se ele fosse um assassino, poderia simplesmente matar qualquer outra menina por aí.

— Mas talvez seja essa a obsessão dele. Caçar uma só alma, várias e várias vezes.

— Então por que você ainda está viva?

— As outras mulheres também viveram com ele um bom tempo. Talvez ele esteja esperando que eu abaixe a guarda para atacar...

— Nossa, Clea, como você é amarga! Você encontrou sua alma gêmea! As pessoas passam a vida inteira esperando por isso. É a coisa mais fantástica do mundo e acabou de acontecer com você. Por que você não pode só aceitar isso e

ser feliz?

O que ela disse fazia sentido, mas...

Joguei-me na cama e fiquei olhando para o teto. Sem olhar para Rayna, eu disse:

— Bom, ele não está agindo como se fosse minha alma gêmea. Às vezes, parece que gostava mais das outras mulheres. Acho que ele queria que eu fosse alguma delas.

Rayna ficou em silêncio. Era uma coisa inédita para mim.

— Que viagem — disse ela por fim. — Você está com ciúme... de você mesma.

— Eu não disse que estava com ciúme...

— Você prefere pensar que ele é um maníaco a correr o risco de ficar com ele e se dar conta de que ele gostava mais... de você mesma! — ela parou para pensar, franzindo a testa, e então tentou de novo. — De vocês mesmas? Enfim, você entendeu... das outras de você.

— Esquece essa história de ciúme, tá? Tenho outros motivos para duvidar dele, O Ben não confia nem um pouco nele. Ele acha que o Sage é um tipo de demônio. Ele me disse que tem um espírito chamado “íncubo” que ataca as mulheres enquanto dormem e...

— É claro que o Ben disse isso — rebateu Rayna. — Ele está com ciúme.

— Por quê?

— O Ben é completamente apaixonado por você, Clea. Vivo dizendo isso!

— E eu vivo ignorando você, porque não é verdade. Você só quer acreditar nisso porque seria romântico.

— Você não viu as fotos de vocês dois no Rio?

— Do que você está falando? — disse eu, estreitando os olhos.

Rayna pegou seu celular.

— Sinceramente, não sei como você consegue viver sem os alertas do Google. Os paparazzi estavam caindo matando em cima de vocês no carnaval.

Ela mexeu no celular por alguns instantes e então passou para mim. Vi uma foto em dose de Ben e eu no sambódromo, coisa que só poderia ter sido feita por uma câmera com zoom profissional. Eu me senti invadida.

— Que ódio.

— Por quê? Vocês saíram tão fofos!

— Odeio saber que tem gente escondida por aí tirando fotos de mim!

— Eu sei, mas ignore isso por enquanto. Passe pra baixo.

Havia mais cinco fotos de Ben e eu. Quatro eram de momentos dos quais eu lembrava claramente, com nós dois virados um para o outro, rindo enquanto tentávamos imitar os passistas que reboavam e sapateavam pela avenida.

Só não lembrava da quinta. E nunca lembraria mesmo, porque estava com minha câmera em frente ao rosto, me concentrando para tirar uma foto perfeita. Ben aparecia atrás de mim, mas sem seu sorriso brincalhão no rosto como nas outras imagens. Olhava direto para mim, com uma carinha de cachorro perdido, sem sorrir...

— Pois é — disse Rayna, triunfante. Ela veio para a minha cama e ficou olhando para a foto por cima do meu ombro. — Sabia que essa aí ia chamar a sua atenção. Só tem uma palavra pra definir a cara desse menino, Clea: apaixonado. Talvez seja por isso que tantos sites estejam dizendo por aí que ele está pra pedir você em casamento...

— Quê?!

— Calma! Não mate a mensageira.

Voltei a olhar para a foto. Ben parecia mesmo apaixonado. Muito apaixonado.

— Talvez seja só pela foto — disse eu. — É só um momento meio estranho.

— Pois é, um momento meio estranho em que ele achou não ter ninguém olhando e deixou transparecer o que realmente sente por você.

Devolvi o celular para Rayna e balancei a cabeça.

— O Ben é tipo um irmão pra mim. Isso é nojento.

— Sei lá, já vi coisas assim em livros. Achei até meio legal.

— Cale a boca! — gritei eu, dando risada.

— Só estou falando pra você pensar no assunto. Mas pensar de verdade. Será que é tão difícil assim acreditar que o Ben está apaixonado por você?

Respondi a pergunta com uma careta — aquilo parecia tão estranho. Ben e eu nunca tivemos esse tipo de relação. Ele me zoava por tudo e eu também não deixava barato. Era esse o nosso jeito. Aquela foto era estranha, mas Ben nunca tinha olhado para mim daquele jeito na vida real.

Ou será que tinha?

Lembrei-me daquela hora na praia de Copacabana, depois do sambódromo. De como ele tinha me segurado. De como ele tinha olhado para mim depois de ajeitar meu cabelo. Ele disse que queria contar uma coisa... o que seria? Será que ele ia dizer que estava apaixonado por mim?

E para ser sincera., eu também não estava sentindo alguma coisa? Não era como se eu estivesse apaixonada, mas lembrei de como foi sentir seus braços em minha volta e de ter gostado daquela sensação... e de até querer mais...

— Meu Deus, Rayna... acho que quase rolou alguma coisa entre a gente no Rio.

— Quê?! Calma, espere aí! Quando?! Você diz, “quase rolou” tipo quê? O que exatamente quase rolou?

— Não sei — disse eu. — Foi tudo muito rápido. Comecei a sentir umas coisas estranhas e ele ficou olhando pra mim como... como naquela foto, e aí...

— E aí???

— E aí eu vi o Sage.

— Aaaaah... — soltou Rayna, comovida. — E o que o Ben fez?

— Nada. Quer dizer, saí correndo atrás do Sage e... enfim, já contei pra você tudo o que aconteceu depois. A gente nem conversou sobre isso — olhei para ela com um ar perdido. — O que eu faço?

— O que você quer fazer?

Pensei por alguns instantes e então respondi:

—Sei lá.

— Bom... o que você acha disso tudo? — perguntou ela.

— Não sei também. Realmente nunca tinha pensado no Ben desse jeito, a não ser por esse microssegundo no Rio e, mesmo assim, não foi nada sério. E o Sage... bom, com ele é completamente diferente, mas fico confusa com todas essas coisas malucas, os sonhos, as outras vidas, as memórias das outras mulheres e... e aí nem sei mais o que é real ou não.

Rayna levou um tempo digerindo tudo.

— Adoro o Ben — disse ela. — Quer saber? Acho que vocês se dariam muito bem juntos. Também acredito em almas gêmeas. Não só como um casinho romântico, tipo aqueles caras na Europa, mas almas gêmeas de verdade, destinadas a ficarem juntas pra sempre porque são perfeitas uma pra outra. Se o Sage e você

são almas gêmeas de verdade, isso eu não sei. Mas sei que você ainda vai se arrepender muito se pelo menos não tentar descobrir.

— E como vou descobrir isso, Rayna?

— Quero que me faça um favor. Promete pela nossa amizade que vai fazer?

— O que você quer que eu faça?

— Não pode perguntar antes. Prometa pela nossa amizade.

Mas que plano do mal. Rayna sabia que eu não teria como dizer não e sabia que não voltaria atrás depois de prometer pela nossa amizade. Nem eu nem ela — essa era uma regra que tínhamos desde os cinco anos.

— Tudo bem, prometo pela nossa amizade — concordei, revirando os olhos. — E o que foi que acabei de prometer?

— Pelo resto da noite de hoje, não pense em nada. Só escute seu coração e faça o que ele mandar. Mesmo que pareça não fazer sentido.

— Vou tentar — disse eu, concordando com a cabeça.

— Não é só pra tentar, Você prometeu pela nossa amizade.

— Tudo bem, prometo que vou fazer isso — disse eu, abrindo um sorriso.

— Perfeito — ela pegou o telefone do quarto e discou. — Oi! Venham pro nosso quarto daqui a uma hora pra jantar. Pergunte para o Sage de que tipo de pizza ele gosta... Tá, tudo bem, valeu — ela desligou e pegou sua bolsa. — Vamos indo.

— Pra onde?

— Buscar o jantar. Estamos pertinho de Manhattan, tem um monte de pizzarias fantásticas por aqui. Vamos logo.

Eu a segui, mas acabamos decidindo não ir até a cidade. Por coincidência, a moça da recepção era fanática por pizza e conhecia uma ótima perto do hotel, que ela disse ser tão boa quanto as de Manhattan. Voltamos depois para o quarto quarenta e cinco com três pizzas grandes, refrigerantes, pratinhos de plástico, copos, guardanapos e um cheirinho que estava me levando à loucura. Troquei minhas roupas por uma calça de moletom bem confortável e uma camiseta, fiz um rabo de cavalo., e então fui ao banheiro passar um pouquinho de rímel.

— OBA! — gritei quando os meninos bateram na porta. — Até que enfim! Estou morrendo de fome!

Rayna me parou antes que eu os deixasse entrar.

— Lembre-se, hein... — sussurrou ela. — Você prometeu pela nossa amizade. Concordei com a cabeça. Para ser sincera, naquela hora, eu teria prometido qualquer coisa pela nossa amizade, só para poder atacar logo aquelas pizzas.

Abri a porta com tudo.

— Vamos, entrem e digam que pizza vocês querem antes que eu coma tudo!

O quarto era meio pequeno, então sentamos nas camas: Rayna e eu em uma e Sage e Ben na outra.

— Nossa, esta pizza está uma delícia — disse eu, engolindo um pedaço.

— Está mesmo — concordou Ben. — Mas acho que talvez esteja meio sem alho pro gosto do Sage. A Piri disse que ele adora!

— Engraçadinho — disse eu, rindo.

—E aí? O que vocês ficaram fazendo aqui enquanto a gente saiu? — perguntou Rayna.

— Ficamos jogando *cribbage* — disse Ben. — Pergunte pro Sage quem ganhou.

— Você fala como se não tivesse perdido nenhuma partida — rebateu Sage.

— Nada a ver. Só estou pedindo pra você dizer para as nossas amigas quem ganhou a maioria das partidas.

— Você — admitiu Sage.

— Quatro de sete — vibrou Ben. — Isso é tipo ganhar a Stanley Cup do *cribbage*.

Não tinha a mínima ideia do que ele estava falando, então Ben precisou me explicar que a Stanley Cup é um torneio de hóquei no gelo de melhor de sete.

— Prefiro futebol — disse Sage. — Na Copa do Mundo, os primeiros jogos só servem como preparação para a final. E sabe quem ganhou a nossa última partida...?

— Aí é que você se engana — rebateu Ben. — Você ganhou a última partida que jogamos antes do jantar, sim, mas a nossa partida final será a última antes de cada um aqui seguir seu próprio caminho. Então é só me avisar quando estiver pensando em voltar pra América do Sul que eu trago as cartas pro jogo. Só estou esperando.

Ele disse isso com um ar tranquilo, mas seus olhos estavam muito sérios e todos entendemos o que ele realmente estava querendo dizer.

Como Rayna era do tipo que nunca deixava um clima ruim assim no ar, ela entrou em cena e tomou as rédeas da conversa. Ela parecia um maestro e sabia exatamente como conduzir todos nós — inclusive eu — para tirar o que havia de melhor em cada um: começou a contar histórias fantásticas que mostravam nossas melhores qualidades e logo todos já davam risada e se divertiam. Sempre que algum assunto ameaçava ficar sério demais, sem problemas, ela desviava a conversa para um caminho mais tranquilo com a maior naturalidade do mundo. Eu tinha prometido pela nossa amizade que passaria a noite apenas ouvindo o meu coração, sem pensar em nada, e se realmente fosse me concentrar nos meus sentimentos, Rayna estava me conquistando mais do que qualquer um naquele quarto.

Oops, já estava estragando tudo. A promessa era não me concentrar. Eu só não estava acostumada a agir assim. Precisava pensar como Rayna. Precisava deixar a lógica de lado.

Ben começou a contar uma história e me esforcei para não me concentrar nela. Não é que eu o estivesse ignorando — fiquei olhando enquanto ele falava, sorri e dei risada em todos os momentos certos. Apenas deixei que aquelas palavras passassem por mim sem me ater ao significado, enquanto devorava minha pizza e sentia o que ele estava dizendo.

Ben tinha o rosto mais expressivo do mundo. Quando contava uma história, mergulhava na narrativa, encenando cada personagem usando novos trejeitos com a boca e as sobrancelhas. Seus olhos brilhavam, e toda vez que ele ria seu corpo inteiro mostrava sua alegria. Ao lado dele, me sentia aconchegada, feliz e confortável. Era como estar com um pijama de flanela, chocolate quente, um ursinho e a minha comédia favorita em DVD. Era como estar em casa.

Eu amava Ben, era isso que eu sentia. Essa ideia passou pela minha cabeça e não duvidei dela nem por um segundo. Eu amava Ben.

Bom, essa era a resposta então, não era?

Mas então olhei para Sage e percebi que ele também não estava concentrado na história de Ben, mas apenas prestando atenção em mim. Para ser mais exata, estava me olhando enquanto eu olhava Ben, inclinado para trás sobre seus cotovelos e me encarando com um olhar tão fixo que eu praticamente podia senti-lo revirando o meu cérebro para descobrir o que eu estava pensando.

Assim que senti isso, fiquei desesperada para retirar esse meu último

pensamento e explicar tudo a ele. Especialmente por estar com a sensação de que ele desapareceria se achasse que eu estava apaixonada por Ben. Talvez não agora, mas assim que pudesse. E isso seria o fim do mundo para mim.

— Tudo bem, Sage. Agora é a sua vez — disse Rayna. — Qual foi o maior mico que você já pagou em público?

O olhar intenso de Sage se dissipou na mesma hora, sendo substituído por uma postura tranquila e um sorriso charmoso.

— Hmm, acho que foi ter engasgado e cuspidado a minha bebida na frente da mãe da Clea, de um punhado de senadores e do ministro do exterior israelense.

— Jura que você fez isso? — perguntei.

— Fez, sim — disse Rayna, acenando com a cabeça.

— E mesmo assim o ministro ainda ofereceu a casa dele em Tel Aviv pra sua lua de mel? Como assim?

— Bom, a Rayna é uma jovem muito encantadora — comentou Sage.

— Obrigada, querido — disse ela, piscando como uma princesa da Disney.

— O que aconteceu? — perguntou Ben. — A Piri colocou alho na sua bebida?

— Você diz isso como se fosse piada — disse Sage. — Mas acho que ela pôs, sim.

— Ela deve ter encanado mesmo com você — disse Ben. — Palinka é tipo a água benta húngara. Isso não é brincadeira.

— Falando em água benta, essa foi uma coisa que não saquei na nossa viagem. Eu estava com a Clea numa daquelas catedrais na Itália e falei na frente de todo mundo, tipo, “Nossa, que fofo! Eles têm banheirinhas para os passarinhos aqui!”

E então, simples assim, ela mudou o foco da conversa entre Ben e Sage e deixou o clima mais leve e tranquilo de novo. Ela era incrível. Peguei mais um pedaço de pizza e sentei para curtir a noite e ouvir o que mais o meu coração tinha para me dizer.

— Hora do filme! — exclamou Rayna, quando todos já estavam de barriga cheia. — Dei uma olhada no pay-per-view e temos ótimas opções. Agora só precisamos de uns salgadinhos — ela enfiou a mão na bolsa e me jogou suas chaves. — Pode ir comprar com o Sage. Você já sabe do que Ben e eu gostamos.

— Também vou — ofereceu-se Ben.

— Certeza? — perguntou Rayna. — Porque eu preciso muito que você me dê

uma força com o meu dever de casa de história. Está um pesadelo!

Nossa, era uma profissional. Rayna ficou olhando com uma carinha de pidona para Ben e ele ficou sem escolha; o único jeito de não dar

— Tudo bem, eu te ajudo — disse ele.

— Valeu! — vibrou ela. Rayna piscou para mim enquanto Sage e eu íamos até a porta. Não dissemos nada até sairmos com o carro de Rayna pelas ruas em meio à escuridão da noite.

— Será que o Ben desconfiou? — perguntou Sage.

Estava no meio de um monólogo interno muito intenso, tentando imaginar qual seria o melhor jeito de puxar uma conversa, e a voz de Sage me pegou de surpresa.

—Quê?

Sage sorriu.

— Você não acha que a Rayna só estava querendo deixar nós dois sozinhos?

Virei para ele. Seu rosto estava iluminado pela luz do painel do carro, com um olhar que fez meu coração disparar.

Rayna me mandou ouvir meu coração.

E meu coração me mandava pular em cima de Sage.

Mas eu não podia. Ainda não. Precisava saber antes o que ele estava pensando, o que sentia por mim e quem ele era. Pedindo desculpas para Rayna dentro da minha cabeça, parei o carro no acostamento. A rua estava bastante vazia, iluminada apenas por alguns poucos postes de luz e pelos ainda mais escassos faróis dos outros carros.

Sage olhou para mim, esperando.

Fiquei olhando para o volante.

— Então, como isso funciona? — perguntei, virando-me para ele. — Como você sabe onde me encontrar... onde nos encontrar?

Os olhos de Sage brilharam com um quê de surpresa, mas só por um instante.

— Você sabe — disse ele.

Balancei a cabeça.

— Como? — eu sabia que tudo entre nós mudaria assim que eu falasse aquilo em voz alta. Será que eu deveria mesmo dizer? — Eu tenho uns sonhos — admiti. — Eles começaram quando vi você nas minhas fotos. Sonhos de nós dois juntos... só que na verdade não é a gente.

— Não? — perguntou ele. Sua voz era calma, mas ele estava com a mão firme no descanso de braço do banco.

Meu coração disparou contra o que eu queria dizer.

— Nos sonhos, eu sou elas. Todas elas. Olivia, Catherine, Anneline, Delia... — meu tom foi gentil, mas foi como se eu o estivesse atacando com cada um desses nomes. Seus olhos ficaram tristes. Pensei que poderia ter feito uma besteira. Seria melhor parar? Mas eu não podia. — No começo, achei que era só uma coisa da minha imaginação, mas agora sei que não. Eram memórias. Memórias delas. Memórias minhas.

Sage pareceu ficar tenso. Fechou os olhos e pôs a mão na têmpora.

— Quando tenho esses sonhos — continuei —, sinto o que elas sentiam... o que elas sentiam por você. E aí eu olho pra você, bem aqui na minha frente, e tudo parece perfeito, e eu quero confiar em você, mas... não sei mais o que é real — respirei fundo e olhei para o brasão no meio do volante, só para não precisar ver a reação em seu rosto. — O que você sente por mim?

Aquilo soou ridículo, mas foi monumental. Eu me senti totalmente exposta.

— Clea... olhe para mim... — disse ele.

— Não consigo.

— Olhe para mim — insistiu Sage, então me virei para ele. — Por que você está olhando para o meu nariz? Olhe para os meus olhos, Clea — pediu Sage, e ergui meus olhos até os dele. — Você realmente precisa perguntar o que sinto por você?

É claro que não. Tudo o que eu sentia, ele sentia também... mas ainda estava insegura. Não queria afastá-lo de mim com todas as minhas perguntas, mas eu tinha que fazer pelo menos mais uma.

— Sou eu ou são elas? Quem você vê quando olha pra mim?

— Vejo você, oras — respondeu ele, como se fosse óbvio. — Não é como se visse um lugar, ou uma época, ou um nome... só vejo você. A sua essência. A sua alma. É assim que te encontro sempre que você volta. Sei que é difícil entender, mas a sua alma me chama... e sou levado até você. Não conseguiria escapar mesmo que eu quisesse.

Sage colocou a mão na minha bochecha, fazendo um carinho. Fechei meus olhos, sentindo o calor de sua pele. Quando abri os olhos, ele estava mais perto.

Diminuí a distância entre nós e o beijei.

Fiquei zonha e senti um calorão, como se estivesse nas nuvens e todos os clichês do tipo... mas era verdade. Nem sentia mais meus pés no chão. Finalmente me senti no meu lugar.

Só tinha um problema. O câmbio do carro estava espetando a minha barriga.

— Ai — disse eu, fazendo uma careta.

— Está tudo bem?

— Sim... é só... — apontei para baixo, me sentindo uma idiota por ter estragado o momento.

Sage pareceu não se importar. Esticou o braço e empurrou seu banco para trás até o fim e então me estendeu a mão. Eu a peguei e passei por cima do painel entre os bancos, abaixando a cabeça e me contorcendo sem muito jeito, até por fim conseguir me acomodar em seu colo, montada por cima de suas pernas. Foi o momento sensual mais descoordenado da história.

— Melhorou? — perguntou ele.

— Melhorou — respondi, sorrindo.

Ele me beijou, enquanto subia a mão por baixo da minha camiseta nas costas. Foi maravilhoso. Sem descolar de seus lábios, enfiei minhas mãos por baixo de sua camiseta e senti seu peito malhado. Minha respiração ficou mais forte, tomada por aquele êxtase de finalmente estar me soltando e fazendo o que eu estava louca para fazer desde que tinha visto Sage na praia.

— Espere — disse Sage.

Ele esticou o braço e puxou uma alavanca. Soltei um gritinho enquanto o banco descia com tudo pra trás e eu caía em cima dele. Adorei sentir seu corpo sob o meu. Eu queria que todos os centímetros dos nossos corpos estivessem se tocando.

— Melhorou agora? — murmurou Sage no meu ouvido. Não era justo que ele me fizesse qualquer pergunta agora. Eu mal respirava, muito menos pensaria em alguma resposta coerente.

— Muito melhor — disse eu. — Isso aqui virou praticamente uma cama.

— Ah, é? — perguntou Sage e pude ver em seus olhos exatamente o que ele quis dizer com isso.

— Ah... — hesitei, ficando nervosa de repente. — Mas... não dá. Digo, não

temos nenhuma...

—Tenho, sim — disse ele, inclinando-se para me beijar entre o pescoço e o ombro.

— Sério?

Fiquei tensa. Por que ele tinha uma? Para usar com quem?

O canto da boca de Sage se curvou para cima.

— Para nós, Clea. Lembra da loja no Rio? Pressenti que alguma coisa poderia rolar...

Ele voltou a beijar meu pescoço, depois começou a morder minha orelha e eu gemi baixinho.

— Ah... — consegui dizer. — Bom... então...

— Eu te amo, Clea — disse ele.

Tudo se apagou ao meu redor e eu ouvi essas palavras ecoando dentro da minha cabeça. Sage me amava. Eu, Clea. Nem percebi que estava sem respirar até ele dizer meu nome, preocupado.

— Clea?

Olhei para ele e relaxei imediatamente.

— Também te amo.

Nós nos beijamos e eu pude sentir meu corpo derretendo contra o dele enquanto meus últimos pensamentos coerentes eram levados pela pura emoção daquele momento.



---

NÃO CONSEGUIA TIRAR AQUELE SORRISO DO MEU ROSTO.

Fiquei elétrica o caminho todo de volta até o hotel.

Não parava de dar risada sozinha.

Eu estava feliz.

Sage encostou para trás em seu banco e ficou me olhando, com um sorriso feliz no rosto.

— Que foi? — perguntei. Ele apenas balançou a cabeça. — Você está me zoando!

— Não estou, não — garantiu-me Sage.

Sabia que ele estava sendo sincero. Seus olhos estavam cheios de carinho. Eu era dele, não só no passado, mas agora e sempre, e nunca tinha me sentido mais segura na vida.

Já estava quase entrando no hotel quando Sage se lembrou dos salgadinhos — o verdadeiro motivo pelo qual nós tínhamos saído. Fiz uma meia-volta insana que jogou Sage com tudo contra a porta do passageiro.

— Você acha que está em algum filme de perseguição, é? — perguntou ele.

— Imagina se a gente volta sem os salgadinhos? A Rayna ficaria ma maluca.

— Não acha que ela já vai ficar? Faz um bom tempo que saímos.

— Não faz tanto tempo assim — disse eu. — Faz?

— O que você está tentando dizer? — rebateu ele, franzindo a testa.

Dei mais uma risadinha e paramos em uma loja de conveniência de um posto. Sage pôs o braço em volta dos meus ombros e me encostei contra o seu peito enquanto entrávamos; andamos de mãos dadas pelos corredores estreitos do lugar, e ele ficou atrás de mim e apertou meus ombros enquanto eu pagava.

Eu me senti normal. Fiquei imaginando como seriam as coisas depois que tudo isso acabasse: depois de falar com a Dama Negra, depois de chegar ao Elixir, depois de encontrar o meu pai. Sage e eu poderíamos viajar pelo mundo juntos: eu tirando fotos, ele pintando, sempre nos encontrando no final do dia para conversar sobre o que cada um tinha feito e deitar um nos braços do outro.

Claro, ainda teríamos algumas coisas para resolver. Como o fato de ele ser imortal e estar sendo perseguido por bandos de psicopatas loucos para acabar com ele, mas, bom, todo casal tem seus problemas.

Fora isso, também havia uma grande chance de que eu estivesse fadada a ter uma morte horrível, como aquelas outras mulheres.

Mas não queria pensar nisso. Não agora. Não enquanto eu voltava para o hotel, fingindo prestar atenção no caminho enquanto, na verdade, tudo o que eu conseguia fazer era me concentrar nos dedos de Sage entre os meus cabelos, me fazendo carinho.

Estacionei o mais longe que pude dos nossos quartos; não queria que Ben ou Rayna nos vissem da janela. Desliguei o carro e Sage me beijou. Foi realmente doloroso descolar meus lábios dos dele, sem saber quando voltaria a beijá-lo.

Voltamos de mãos dadas até o hotel, mas assim que chegamos à entrada, soltamos um do outro. Não tínhamos ainda conversado sobre isso; foi só uma reação instintiva para os dois. Seria melhor que Rayna e Ben não soubessem de nada. Especialmente Ben.

Mesmo sem estar tocando em Sage, eu podia sentir suas mãos em mim. Pressenti que iria ser sempre assim.

— Voltamos! — gritei enquanto entrávamos no quarto.

Ben se virou, alerta. Pela postura, ele parecia estar andando de um lado para o outro antes de a gente chegar. Rayna estava deitada na cama, totalmente relaxada. Vários cadernos habilmente preenchidos com sua lição de casa estavam empilhados no chão.

Joguei as duas sacolas de compras na cama.

— Aqui estão os salgadinhos! — vibrei.

— Onde vocês foram buscar? Na sua casa? — perguntou Ben, olhando feio para a parede atrás de mim, onde Sage estava casualmente encostado.

— Praticamente — disse eu. — Foi culpa minha, eu estava querendo comprar uns amendoins apimentados, mas foi quase impossível encontrar. Bom, que filme a gente vai ver?

Dias atrás, na caverna, Sage tinha dito que eu não era uma atriz muito boa e, pelo visto, ele estava certo. Achei que tinha feito uma encenação perfeita, mas os olhos de Ben se encheram de desconfiança, Rayna estava com uma cara como se estivesse prestes a pular em cima de mim e Sage parecia estar se esforçando muito para segurar uma risada.

Rayna bocejou.

— Não vou aguentar. Estou cansada demais. Desculpa, gente, mas vou ter que botar vocês para fora porque eu quero é dormir.

Ela também não era muito boa atriz. Sabia que ela queria conversar comigo, mas ficar longe de Sage agora não fazia parte dos meus planos.

— Tudo bem — disse eu. — Posso levar os salgadinhos pro quarto dos meninos. A gente pode ver o filme lá enquanto você dorme aqui.

— Boa! — disse Ben.

Rayna ficou boquiaberta e tivemos uma conversa inteira só com os olhos que durou uns dez segundos. Foi mais ou menos assim:

Rayna: Como assim?!

Eu: Tá, eu sei! Mas eu quero ficar com o Sage.

Rayna: Você ficou maluca?! Você já vai passar o resto da vida com ele. Só vou ficar aqui até amanhã cedo!

Contra isso, eu não tinha como argumentar. Ela tinha razão.

— Quer saber? Estou bem cansada também — disse eu, forçando até um bocejo, mas a julgar pelo sorriso no rosto de Sage, não foi nada muito convincente.

— Tem certeza? — perguntou Ben, me olhando de um jeito que fez eu me sentir em uma máquina de raios X.

— Tenho sim. Mas podem levar os salgadinhos. Vou ficar só com os M&Ms e os Doritos.

— Oba, já vai render uma festa do pijama! — disse Rayna.

— Ah, claro — disse Sage, inexpressivo. — Cuidado, Ben... sei fazer uma trança francesa que fica um arraso.

Ben não deu atenção à brincadeira. Ele tinha chegado mais perto e estava olhando para mim com um ar desconfiado, como um cachorro vendo seu dono chegar em casa depois de brincar com o cão de outra pessoa. Quase achei que ele ia me cheirar.

— Boa noite — disse Ben. Ele teve que passar por Sage para chegar à porta, mas não disse nada. Sage olhou para mim como se estivesse achando graça em tudo aquilo.

— Boa noite, meninas — disse ele, e então virou e foi atrás de Ben. Foi muito doloroso vê-lo indo embora, como se alguém tivesse arrancado minha própria alma, mas eu sabia que estava sendo dramática. Eu o veria pela manhã. E nós teríamos a vida inteira para ficarmos juntos. Ele poderia passar só esta noite com Ben.

Ri alto só de imaginar os dois no outro quarto, conversando, comendo salgadinhos e fazendo tranças um no outro, sentados de pernas cruzadas na cama.

E então senti um travesseiro acertando a minha cabeça.

— “A gente pode ver o filme lá enquanto você dorme aqui”?! — gritou Rayna. — Você ficou doida?!

— Eu sei! Desculpa. Mas eu voltei atrás, não voltei?

— Você tem dois segundos pra começar a falar ou vai tomar outra na cara.

Até hoje, se alguma pessoa me dissesse que eu poderia ter uma noite como essa e preferir não contar tudo para Rayna, acharia isso pura maluquice. Mas ficar com Sage foi diferente. Eu me senti perfeitamente segura e completa. Comentar qualquer coisa seria expor demais uma parte enorme de tudo aquilo de um jeito que eu não queria.

— Foi muito legal — disse eu. — Obrigada.

Rayna pegou outro travesseiro, mas o soltou. Ela não estava contente, mas captou a mensagem. Ela também sabia que eu não agradeci só por perguntar, mas por tudo.

— Pronta pra dormir? — perguntou ela. — Temos que chegar pro café antes dos meninos amanhã, se não eles vão roubar todos os rolinhos de canela.

Como eu amava aquela menina.

Só precisávamos sair para o aeroporto lá pelas dez da manhã, mas eu acordei às seis. Pela primeira vez em muito tempo estava completamente descansada, mas não era esse o motivo de toda a minha energia. Eu tinha sonhado com Sage — não com alguma fantasia exagerada, mas com o que realmente havia acontecido. Tinha sido tudo tão perfeito.

Acordei louca para ficar com ele e estava tão impaciente que mal consegui ficar deitada. Fiquei pensando se teria algum jeito de bater em sua porta para chamá-lo sem acordar Ben. E se eu usasse o celular de Rayna para mandar uma mensagem? Mas Ben provavelmente ouviria também.

Era tão frustrante! Sage poderia estar acordado e sentindo a mesma coisa, mas não tínhamos como dizer isso um para o outro.

Eu precisava levantar e fazer alguma coisa. Dar uma corrida seria a ideia perfeita. Troquei de roupa e fui para a minúscula sala de ginástica do hotel. Corri oito quilômetros, suando a pior parte de toda a minha ansiedade.

Rayna ainda estava dormindo quando voltei para o quarto. Tomei um banho e desci para o bufê do café da manhã. Torci para que Sage estivesse lá me esperando, mas quando vi que não estava, peguei uma bandeja enorme, cheia de rolinhos de canela, um café e um chá e levei tudo para o quarto. Rayna nem tinha saído do lugar. Peguei um rolinho de canela e passei em frente ao seu nariz.

— Hmmm — ronronou ela, ainda de olhos fechados. Continuei fazendo aquilo, me divertindo por saber que estava mexendo com seus sonhos.

— AAAAH! — gritei, enquanto Rayna avançou com tudo e mordeu o rolinho.

— Que delícia! — disse ela, sentando-se na cama. — Valeu!

— Rayna! Você quase engoliu meu dedo!

— A culpa foi sua — ela deu mais uma mordida. — Hmmm, meu Deus, isto aqui é muito melhor do que sexo — disse ela, me encarando.

— Você não acha?

— Nossa, que sutileza, hein?

— Não precisa me falar nada se não quiser — ela sabia que essa era a coisa certa a dizer, mas estava tão óbvio em seus olhos quanto ela estava louca para saber de tudo o que tinha acontecido que caí na gargalhada. Na verdade, eu até queria conversar sobre aquilo agora, só para reavivar as memórias na minha cabeça.

Contei tudo a ela. Ver suas reações foi como assistir a um filme mudo: seu

rosto registrava cada detalhe com emoções dignas de uma telona IMAX.

— Posso só ficar com nojinho por vocês terem deflorado o pobre banco do carona do meu carro? — perguntou ela, assim que terminei.

Fiz uma careta e cobri o rosto com as mãos de vergonha.

— Hmm... tá, tudo bem.

— Obrigada — ela fez uma pausa e então sorriu e gritou: — Clea, meu Deus!!!!

— Eu sei! Eu sei!

— Mas e aí? E agora?

— Agora vamos para Tóquio, conforme o plano.

— Mas e o Ben? — perguntou ela. — Você vai contar isso pro Ben? — olhei para Rayna como se ela estivesse louca. — Não, sua besta! Não estou falando pra contar tudo o que você acabou de me falar, só... enfim, você vai dizer que está ficando com o Sage?

— Não sei — admiti. — Acho que não...

— Você acha mesmo que vai conseguir esconder?

Ela tinha razão. Já não estava conseguindo esconder muito bem meus sentimentos por Sage mesmo antes da noite de ontem. Imagine agora então?

— Bom, vamos ver — disse eu.

Quinze minutos depois, alguém bateu na porta e eu praticamente caí de cabeça no chão tentando me levantar, correndo da cama para abrir o mais rápido possível.

— Que pressa — disse Rayna. — Respire fundo. Fique tranquila.

Fiz uma careta para ela e então abri a porta. Era Ben.

— Prontas pro café? — perguntou ele. — Ouvi dizer que servem uns rolinhos de canela ótimos aqui.

Rayna jogou o edredom em cima da nossa bandeja, agora cheia só de migalhas.

— Ótimo! Estou doida pra comer uns rolinhos de canela.

— Cadê o Sage? — perguntei. Eu não queria dar bandeira, mas fiquei olhando por cima do ombro de Ben para ver se ele estava no corredor.

— Ele já desceu — disse Ben.

— Ah, é? — Senti uma pontada no estômago. Ele não quis vir até meu quarto? Então ele não estava tão louco para me ver quanto eu?

—Está tudo bem, Clea? — perguntou Ben.

— Sim, claro — disse eu. — Vamos lá comer.

Sage não estava no bufê do café da manhã.

Até Ben achou isso estranho — afinal, ele disse que estaria ali. Mas Ben não ficou preocupado. Na verdade, ficou até um pouco contente.

— Talvez ele tenha desistido de ir pra Tóquio — disse ele, empolgado. — Enfim, vai ser mais legal se formos só você e eu mesmo.

Eu adorava Ben, mas ele era muito transparente.

— Mas nós precisamos do Sage pra encontrar o Elixir.

Não que eu estivesse me importando muito com aquilo no momento. Na verdade, eu estava começando a ficar preocupada. Onde Sage estava? Será que ele estava bem?

— Isso é o que ele diz — zombou Ben. — Aposto que a Dama Negra vai dizer tudo o que a gente precisa saber.

— Tente ligar pro celular dele — disse eu para Rayna.

Ela pegou seu celular e discou.

— Não atende.

— Mande uma mensagem.

— Talvez ele tenha pulado fora — disse Ben.

Ele estava feliz demais com aquilo. Eu até entendia, mas era irritante.

— Pronto, ele respondeu. Disse que vai nos encontrar lá na frente quando for hora de ir embora — disse Rayna, lendo a mensagem que tinha recebido.

— Então ele não fugiu? — disse Ben. — Talvez ele só não seja muito sociável.

Já estava quase me irritando com ele, mas percebi que estava sendo idiota. Sage queria me ver a sós. Sua mensagem para Rayna era uma mensagem para mim.

— Licença, gente — disse eu, enquanto me levantava. — Já volto.

— Já era hora — murmurou Rayna. Pelo visto, ela tinha entendido a mensagem antes mesmo do que eu.

Fui andando até os banheiros, então corri para o saguão e saí pela porta da frente, torcendo loucamente para que Sage me pegasse em seus braços e me desse um beijo.

Mas isso não aconteceu. Ele não estava lá.

— Sage?

Ninguém respondeu. Andei em volta do hotel, mas não o encontrei. Procurei por toda parte. Olhei atrás de cada árvore, cada pilastra, cada carro. Eu sabia que não adiantava — se ele quisesse falar comigo, não ficaria brincando de esconde-esconde e estaria em algum lugar onde eu pudesse encontrá-lo. Mas eu não queria pensar nisso. Afinal, se ele não estava me esperando... devia estar me evitando.

Senti o ar ficando mais denso e pesado.

Voltei para a sala do café. Avistei Rayna antes de entrar e ela olhou com um sorriso cheio de malícia, mas que se esvaiu assim que ela viu minha cara. Pude ver todos os meus medos refletidos em seu rosto e não consegui aguentar. Desviei meu caminho e corri para o banheiro.

Graças a Deus, estava vazio. Agarrei a pia com as duas mãos e me segurei enquanto sentia uma pontada no coração.

Fechei os olhos e me forcei a respirar fundo. Depois de novo. Eu tremia enquanto tentava segurar um ataque de choro, porque não queria voltar para a mesa e encarar Ben com o rosto vermelho e inchado. Fiquei me olhando no espelho, juntando forças para me controlar.

Respirei fundo mais três vezes.

Abri a torneira, molhei minhas mãos com água gelada e então lavei o rosto.

Eu estava bem.

Eu não estava nada bem... mas podia me controlar.

Voltei para a mesa com Ben e Rayna.

— Tudo bem, Clea? — perguntou Ben. — Você está meio pálida.

Forcei um sorriso

— Tudo. Só comi rolinhos de canela demais, eu acho.

— Não existe isso de comer rolinhos de canela demais — rebateu Rayna, mas só para distrair Ben. Ela puxou uma conversa qualquer com ele para que eu pudesse me acalmar e pensar.

Por que Sage estava me evitando?

Será que ele tinha se arrependido do que aconteceu entre nós?

Mas ele também queria. Ele até estava preparado.

“É claro que ele queria”, imaginei Rayna dizendo. “Ele é homem.”

Tudo bem... mas ele disse que me amava. E Sage não era um cara qualquer. Era a minha alma gêmea.

Aquilo soou tão bobo na minha cabeça — “mas ele disse que me amava”. A típica reação de uma menininha ingênua ao tomar um fora de um cara que, na verdade, não estava nem aí. Mas não era bem assim. Eu não estava sendo sonhadora, nem romântica — eu tinha provas concretas.

Nós três ficamos na sala do café até chegar a hora de pegar nossas malas e sair para o aeroporto. Assim que saímos do hotel, vimos Sage, encostado em uma parede e com as mãos afundadas nos bolsos.

Ele nem olhou para mim.

Eu quis gritar. Foi como se cada célula do meu corpo estivesse se jogando contra ele, desesperada para chamar sua atenção, mas ele nem ergueu os olhos.

— Oi — disse ele, começando a andar junto com a gente, mas não para mim. Era como se eu nem existisse para ele.

— Onde você estava? — perguntou Rayna, sem sutilezas.

— Saí para andar um pouco — respondeu ele.

Entrei de propósito no banco de trás do carro, esperando que Sage sentasse ao meu lado para que eu pelo menos pudesse tentar chamar sua atenção de algum jeito... mas ele sentou no banco do carona na frente.

— Hmm, sabe, eu queria que o Ben sentasse aí — disse Rayna. — Sempre erro o caminho pro aeroporto. Ele é o melhor copiloto.

Ela era realmente muito boa.

— Minhas pernas são mais longas — disse Sage. — Fico mais confortável aqui.

Nossa. Ele não estava nem tentando esconder. Ele realmente estava se esforçando para me evitar. Sage se acomodou no banco — onde tínhamos ficado na noite passada — e virou-se para a janela. Era incrível. Não se arriscou nem a me olhar pelo retrovisor.

Eu me senti como se estivesse sufocando.

Ben olhou para mim, depois para Sage, então para mim de novo e ficou com uma expressão vazia. Eu não queria nem imaginar o que ele estava pensando. Aquele carro era pequeno demais para toda a tensão ali dentro — fiquei com vontade de revelar todos os meus segredos aos berros. Eu precisava sair e respirar.

Finalmente, Rayna estacionou em frente ao aeroporto e nós descemos. Passei o caminho todo me concentrando tanto em Sage que fiquei chocada quando percebi

que Rayna estava com lágrimas nos olhos. Eu a abracei com força e então nos afastamos uma da outra, mas não nos soltamos.

— Me liga, tá? — disse ela. — Só pra eu saber se está tudo bem... com tudo. Vou ficar preocupada e não sou muito boa nisso. Não é o tipo de coisa que eu faço.

Eu me inclinei para a frente, encostando minha testa na dela e olhando bem em seus olhos.

— Vou ficar bem — disse eu. — Você nunca vai me perder.

Nem sei se acreditava nisso, mas era o que ela sempre dizia e eu sabia que ela gostaria de ouvir essas palavras da minha boca. Nós nos abraçamos de novo e então ela pegou Ben pelo braço e sussurrou em seu ouvido:

— Cuide dela, tá?

Ben prometeu que sim. Rayna disparou um olhar gelado para Sage, voltou para o seu carro e foi embora.

Dentro do aeroporto, nenhum de nós disse nada enquanto Sage comprava nossas passagens, nem enquanto passávamos pela segurança e íamos para o portão de embarque. Sage sentou-se primeiro. Fiquei pensando se teria coragem para levantar e mudar de lugar se eu me sentasse ao seu lado.

Ben chegou mais perto de mim e murmurou:

— Quer conversar comigo?

Balancei a cabeça.

— Quer dar uma volta?

— Claro.

Fiquei pensando se Sage se daria ao trabalho de olhar para mim enquanto eu saía junto com Ben, mas não virei para ver; seria horrível demais perceber que ele não estava nem aí para mim. Como tudo poderia ter mudado tanto em uma só noite?

Ben esperou até estarmos a uma boa distância antes de falar qualquer coisa.

— Respeito que você não queira falar sobre isso. Não precisa. Sério mesmo. Eu só quero saber... ele machucou você?

— Ben...

— Só me diga... ele machucou você?

Essas palavras saíram arrastadas da garganta de Ben. Percebi que seu corpo todo estava tenso e suas mãos fechadas.

Sim, machucou sim. Muito. Nesta vida e provavelmente em todas as outras.

— Não — disse eu. — Não me machucou, não. Estou bem. Prometo. Era a maior mentira do mundo, mas me esforcei para ser convincente. Até abri um sorriso e apertei a mão de Ben para provar que era verdade.

Ben respirou fundo e liberou toda a sua tensão enquanto soltava o ar.

— Tá, tudo bem.

Como eu pude duvidar de que ele me amava? Parecia tudo tão óbvio agora. Fiquei pensando se as coisas teriam sido diferentes se eu soubesse disso um ano atrás, antes de ver Sage nas fotos. Se eu estivesse namorando Ben há um ano, será que elas teriam tido o mesmo impacto em mim? Eu teria reparado nele? Ele sequer chegaria a aparecer nas fotos ou teria sumido, vendo que nossa conexão havia se perdido por eu ter encontrado outra pessoa?

Percebi que podia fazer essa escolha agora. Eu poderia apagar todas as memórias do furacão que Sage tinha causado em mim e me concentrar em todas as coisas meigas, tranquilas e maravilhosas que eu sentia por Ben. Ainda que eu não sentisse o mesmo que ele por mim, eu amava Ben. Isso não era o bastante? Ben nunca me ignoraria como Sage. Ele me trataria bem para sempre. Tudo o que eu precisava era beijá-lo agora

Eu me imaginei fazendo isso, me erguendo na ponta dos pés e enlaçando meus braços em volta de seu pescoço, enquanto nossos lábios se encontravam, prometendo com esse beijo ser tão fiel a ele como ele sempre tinha sido a mim, fosse o que fosse.

Mas, em vez disso, só olhei para o meu relógio.

— Ainda temos bastante tempo. Quer comprar umas revistas?

— Posso te pagar um café? Vi um lugar aqui que vende café com gengibre. Você curte gengibre. Aposto que vai adorar.

Desencana, Ben, não vai rolar. Nunca — brinquei, enquanto me virava, saindo oficialmente daquelas corredeiras e voltando às tranquilas águas da nossa amizade.

Sage ainda não tinha saído do lugar quando voltamos para o portão de embarque. Ele nem se deu ao trabalho de olhar para mim também.

Senti uma faísca de raiva no meu peito.

Sim. Assim era melhor. Isso fazia eu me sentir mais forte.

Como ele tinha coragem de me ignorar assim? Depois de tudo o que tínhamos

feito na noite passada, como ele tinha essa cara de pau?

Se ele era a minha alma gêmea, a minha alma precisava ser mais exigente.

Marchei até ele e sentei-me ao seu lado. Não se levantou para ir embora. Mas também não olhou pata mim.

Eu não ia mais aturar essa situação.

— Olhe pra mim, Sage — disse eu. Vi os músculos em sua mandíbula ficando tensos, mas ele não se mexeu. — Nos meus olhos. Olhe pra mim.

Ele ergueu a cabeça. Como sempre, vi a verdade em seus olhos. O que ele sentia por mim não tinha mudado, mas alguma outra coisa, sim.

— Não me venha com joguinhos. Não mereço isso. Se você quer ir embora, só vá embora de uma vez. Não preciso de você pra encontrar o Elixir, nem meu pai.

— Vou embora assim que puder.

Então era isso. Ele nem iria tentar explicar. Fiquei devastada por dentro, como a destruição silenciosa deixada para trás depois de um violento furacão.

Tudo bem. Não ia me rebaixar. Ele poderia ir embora quando bem quisesse. Não me importava mais.

Uma hora depois, já estávamos no avião, com Ben e eu sentados juntos e Sage do outro lado do corredor. Ben propôs uma partida de cribbage, mas eu não estava no clima. Fiz de tudo para não pensar em Sage. Folheei uma revista, vi um pedaço de um filme... até que por fim caí no sono.

Dessa vez, não sonhei com Sage. Sonhei com meu pai. Foi um sonho tão simples: meu pai, minha mãe e eu estávamos em casa, fazendo coisas tranquilas; jantando juntos e zoando a minha mãe por mais uma de suas bizarras aventuras aleatórias na cozinha; meu pai fazendo as palavras-cruzadas do jornal de sábado — muito mais difíceis do que as de domingo — e pedindo ajuda para mim e para a minha mãe; todos nós aninhados no sofá, vendo TV: eles abraçados e eu enrolada em um cobertor, deitada com a cabeça na perna do meu pai. Ele parecia um pouco mais velho, um pouco mais magro, mas estava bem. Ele estava lá. O ano todo que ele tinha passado desaparecido era só uma memória distante agora, uma coisa na qual nem pensávamos mais, porque já tínhamos superado há muito tempo.

Aquilo não parecia um sonho, mas sim uma premonição. Acordei cheia de esperança, bem a tempo para o nosso pouso em Tóquio. Uma onda de otimismo e determinação encheu meu corpo como uma forte dose de cafeína. De repente, tive

certeza de que tudo daria certo, mas também de que as coisas seriam mais fáceis trabalhando em conjunto. Isso significava que precisávamos da ajuda de Sage, e isso não teria como dar certo se não estivéssemos nos falando.

Decidi não me deixar levar por qualquer mágoa, tristeza ou paixão pelo resto da viagem e me esforçar de verdade para ser eu mesma. Sage poderia se comportar como bem quisesse, mas eu agiria como se nada tivesse acontecido.

Pegamos um ônibus do aeroporto até a estação de Shibuya, onde fomos recebidos pela paisagem noturna de Tóquio. Era como a Times Square, repleta de prédios imensos, todos cheios de luzes brilhantes, placas reluzentes de neon e telões de vídeo ameaçando sobrecarregar nossos sentidos. Os carros passavam em um fluxo contínuo, com as luzes de seus faróis aumentando ainda mais aquela confusão visual.

Do outro lado da rua, estava o nosso destino: o imenso prédio cilíndrico abrigando as melhores lojas de moda de Shibuya e seu letreiro rosa com o número “109” brilhando contra o céu escuro. Era o lugar mais improvável para encontrar aquilo que estávamos procurando, e até cheguei a me perguntar por um instante se não tínhamos entendido mal as anotações do meu pai. Mas não. Eram muito claras. Por mais estranho que pudesse parecer, este era o lugar certo.

Virei para Sage.

— Você já esteve em Tóquio antes? — arrisquei dizer.

Ele ficou surpreso. Depois de tudo, aposto que não esperava que eu estivesse tão alegre e animada. Essa seria a minha nova postura — fazer de tudo para que o nosso grupo funcionasse bem.

— Algumas vezes.

— Adoro isto aqui.

Eu estava falando de quando o sinal fechava e todos os carros paravam por todos os lados. As pessoas inundavam o cruzamento, tomando conta das faixas de pedestres que se estendiam em cinco direções diferentes. Entramos no meio daquela confusão, andando no meio de uma multidão de turistas de todo o mundo, misturados com os jovens mais descolados do Japão, todos enchendo as ruas e iluminados pelos faróis dos carros, táxis e ônibus parados.

Por mais vezes que eu tivesse vindo ao Japão, ver esse cruzamento era sempre espetacular. Eu adorava tudo aquilo.

Mas, desta vez, alguma coisa me parecia estranha. Um dos motivos pelos quais eu gostava tanto de Shibuya era que, em meio a todo aquele onde movimento, todo mundo estava sempre ocupado demais para reparar em mim. Mas hoje as pessoas estavam reparando. Muitas pessoas, aliás. Enquanto abríamos caminho no meio da multidão, grupinhos de jovens japonesas ficavam olhando para mim, arregalando seus olhos enquanto puxavam uma o braço da outra e agitavam a mão em frente à boca, trocando sussurros e dando risadinhas. Algumas até tiravam fotos com seus celulares ultradecorados.

Era um povo muito estranho. Jovens descoladas do mundo da moda nunca tinham se interessado muito por mim, mas hoje elas não paravam de me encarar, boquiabertas e com os olhos arregalados.

— Meu Deus — disse Ben, e seguiu seu olhar boquiaberto até a tela gigante na lateral do Edifício QFront, onde estava passando um programa de fofocas... mostrando as fotos de Ben e eu no carnaval. Naquele exato momento, estava na tela aquela que mostrava Ben olhando para mim enquanto tirava fotos do desfile. Eu não sabia ler japonês, mas não era difícil imaginar o que aqueles símbolos cor-de-rosa com coraçõezinhos e flores na legenda queriam dizer.

Não que a expressão no rosto de Ben já não dissesse tudo também.

Uma onda ensurdecadora de buzinas nos forçou a apressar o passo e chegamos à calçada pouco antes de todo o cruzamento de Shibuya voltar a ser inundado pelo trânsito.

— Nossa, hmm, isso é... hmm... — Ben nem conseguiu terminar a frase.

— É um problema — Sage parecia irritado. Ele apontou com a cabeça para outra menina que tirava uma foto de mim. — Acha que isso não vai acabar indo para a internet?

Fiz uma careta. Ele tinha razão — aquele era um problema muito maior do que qualquer vergonha que Ben e eu poderíamos estar passando. Tínhamos nos esforçado tanto para não chamar a atenção de ninguém, e agora aquele monte de japonesinhas estariam espalhando fotos minhas no Twitter e no Facebook pelo mundo todo. Se a Vingança Maldita ou os Redentores da Vida Eterna estivessem caçando informações sobre mim na internet, logo achariam o que tanto procuravam.

Lembrei do fórum online dos Redentores da Vida Eterna que eu tinha visto no

estúdio do meu pai. Seria melhor dar uma olhada nessa página para ver se tínhamos sido descobertos? Não, nem era muito frequentado, e não nos daria certeza de nada. Seria perda de tempo.

O que podíamos, sim, fazer era dar um pouco menos de bandeira, afinal, estávamos em um shopping.

Entramos. Nossos ouvidos foram invadidos por música pop japonesa e fomos bombardeados pelas últimas novidades da moda que despontavam em todas as vitrines. Cada centímetro dos dez andares do lugar estava tomado por clientes. Rayna teria ficado maluca aqui. E acho que ela pelo menos ficaria contente em saber que aproveitei nossa visita para fazer umas comprinhas.

Pedi o cartão de crédito para Sage e entrei na primeira loja que me pareceu ser do tipo certo. Peguei uma peruca morena curta, óculos escuros grandes, um jeans desfiado e um top, só para evitar que alguém me reconhecesse pelas minhas roupas.

Eu me troquei no provador, saí e encontrei Ben na entrada de outra loja, confuso e perplexo, vendo uma capa rosa da Hello Kitty para celular totalmente coberta de cristais Swarovski. Enquanto eu olhava, ele a virou com um ar curioso e apertou um botão na lateral da capa. A cabeça de cristal da gatinha se abriu, revelando um pequeno espelho escondido.

— Achei a sua cara — brinquei.

Ben virou para mim e abriu um sorriso de aprovação.

— Gostei do modelito. Você ficou tão japonesa.

— Obrigada — disse eu. — Comprei uma coisinha pra você também.

— Não vou usar peruca nenhuma.

— Como você é chato — entreguei um boné pra ele e então pendurei a bolsa da minha câmera em seu pescoço. — Pronto. Um típico turista americano. Ninguém vai nem olhar pra você.

— Vou tentar não entender isso como um insulto.

— Você está ótimo — disse Sage, todo sério. — Vamos encontrar a Little Door. Era a loja citada nas anotações do meu pai. Dei uma olhada no mapa do shopping.

— É no sexto andar.

Subimos as escadas correndo até a loja e perguntamos por Magda Alessandri.

Sabíamos que talvez ela nem estivesse trabalhando agora, mas alguém poderia nos dizer a que horas ela chegava pelo menos.

Ninguém com esse nome trabalhava naquela loja. Em qualquer turno.

— Acho que entendemos alguma coisa errado... só pode ser — disse Ben.

— Tudo bem... posso estar sendo literal demais. Talvez não seja essa loja aqui. E se a gente tiver que procurar literalmente uma *little door*?

Eu mesma teria achado isso muito estranho, mas não sabia mais no que pensar.

— Como assim? Então a gente vai sair pelo shopping procurando uma portinha? — perguntou Sage com um tom seco.

— Bom, estou aberta a outras ideias, se você tiver alguma — esbravejei. Nenhum dos dois tinha outra ideia. Decidimos então ser metódicos: o shopping de Shibuya tinha dez andares, sendo dois deles no subsolo. Portanto, a nossa estratégia mais inteligente seria descer até o último e ir subindo pouco a pouco, procurando em cada loja qualquer coisa que pudesse lembrar uma “portinha”, perguntando nesses lugares por Magda. Era um desafio e tanto, e poderia levar mais tempo do que tínhamos, mas não havia outra opção.

Encontramos muito poucas referências a portas pequenas e nenhuma Magda por perto de qualquer uma delas. Quando chegamos ao oitavo e último andar, começamos até a andar mais devagar, não querendo acreditar naquela situação.

Mas era verdade, não tínhamos encontrado absolutamente nada.

Ficamos parados no alto da escada rolante.

— Talvez o Grant tenha anotado as coordenadas errado — disse Ben por fim.

— Ele não faria isso — rebati. — Se ele tivesse que se dar ao trabalho de entalhar aqueles numerinhos dentro de um tabuleiro de *cribbage*, com certeza tomaria cuidado pra não errar.

— Já reviramos tudo por aqui — disse Sage. — Seu pai deve ter cometido algum engano.

— Parem de dizer isso! É impossível! — insisti. — Não acredito que vocês dois já estão querendo desistir!

— Não estou desistindo — disse Ben. — É só que... — ele não terminou a frase, o que já disse tudo. Tinha perdido as esperanças. E Sage parecia concordar.

— Vocês estão errados — disse eu. — Só acho que deixamos alguma coisa

passar. Vamos voltar amanhã pra procurar melhor. E depois de novo se precisar. Talvez a gente só tenha perguntado para as pessoas erradas... pessoas que não conhecem a Magda.

Nem Ben nem Sage disseram nada e nenhum deles me olhou nos olhos. Ambos sabiam que tínhamos muito pouco tempo em Shibuya e não poderíamos escapar das pessoas que estavam nos perseguindo para sempre.

Em seguida, Ben inclinou a cabeça, reparando em alguma coisa.

— Clea... se você fosse colocar uma porta bem pequena num shopping, seria em algum lugar assim bem à vista ou...?

— . ..ou numa escadaria! Ben, você é um gênio! — pulei em cima dele e o abracei.

— Bom, ainda não. Precisamos ver se a gente consegue encontrar alguma coisa.

Sim, era verdade, mas já era um começo. Era uma esperança.

Passamos de novo por cada um dos andares e mais uma vez não encontramos nada de estranho. Descemos e descemos andar, por andar, por andar até chegarmos ao S1, o primeiro andar do subsolo.

Nada.

— Clea... — tentou dizer Sage, mas eu o cortei.

— Calma. Ainda não terminamos.

— É mesmo — disse Ben, com um tom de espanto em sua voz. — Olhem só.

Estávamos no lance de escada entre os dois andares do subsolo... e havia uma portinha perfeita instalada à meia altura na parede.

— É incrível — balbuciei. Estendi a mão, girei a maçaneta e abri a porta... revelando um corredor longo e mal iluminado por lâmpadas expostas de baixa voltagem. Em seguida, me ergui do chão para entrar naquela pequena abertura.

Depois de passar pela porta, o corredor ficava alto o bastante para se andar em pé sem problemas, mas a iluminação era terrível. Era possível ver as camadas de isolamento térmico e as vigas de metal, mas quase nada fora isso. Por mais devagar que andássemos, o som dos nossos passos ecoava pelas paredes.

A luz foi ficando mais forte à nossa frente e nós três seguimos em sua direção, chegando mais perto um do outro enquanto nos afastávamos mais e mais da pequena porta e do mundo lá fora. Por fim, chegamos à fonte daquela luz: uma sala

minúscula e entulhada, cheia de vasos, tapeçarias e estranhas antiguidades. Uma gaiola alta de ouro estava caída sobre um banco comprido de madeira, que estava sob um enorme espelho com uma moldura de rosas murchas em ferro forjado escuro. Havia prateleiras cheias de ovos Fabergé, bonecas russas pintadas como animais selvagens, cálices antigos e terrinas manchadas e gastas... tudo aquilo era muito escuro, antigo e misterioso de um jeito que estava fazendo meu estômago revirar. O fedor que dominava a sala não ajudava: um cheiro de mofo e umidade.

Entramos com cuidado, olhando para os lados, mas não encontramos ninguém.

Ouvi um rangido e me virei, mas acabei dando de cara com um lince empalhado, de sua bocarra aberta e dentes arreganhados. Perdi o fôlego. Sage pôs a mão no meu braço. Foi como se ele estivesse encostando em mim pela primeira vez depois de muitos anos.

— Está tudo bem — ele me soltou e senti sua falta imediatamente. Esticou a mão para acariciar gentilmente os dentes incisivos do lince. — Afiados — disse ele. — Mas inofensivos.

Seguimos em frente. O que estávamos procurando? Em um canto, reparei em uma espécie de rede vermelha enfeitada com contas. Era bonita e estava cobrindo uma outra parte da sala. Que curioso. Cheguei mais perto dela e a puxei de lado... e comecei a gritar histericamente.

Bem na minha frente, a poucos centímetros de distância, estava um corpo humano sentado em um sofá velho de veludo. Era a coisa mais horrível que já tinha visto na vida. Parecia uma múmia sem as ataduras. Sua pele fina estava ressecada, formando uma cobertura cinzenta e manchada que afundava nas reentrâncias entre cada um dos ossos. Os restos secos de seus lábios estavam repuxados, deixando à mostra seus dentes amarelados, e longos fios sebosos de cabelo grisalho escorriam sobre seu crânio.

Ao ouvir meus gritos, os olhos daquela coisa se abriram.

Pulei para trás, perdendo o fôlego e trombando contra Ben e Sage, enquanto aqueles olhos leitosos giravam dentro das órbitas, assimilando nossa presença, até por fim se focarem no meu rosto.

E então, apaguei.



RELUTEI CONTRA O IMPULSO DE ACORDAR. NÃO QUERIA VER O QUE PODERIA estar lá ao abrir meus olhos. Aquela coisa era real?

— Sua noiva é muito mal-educada, Sage — disse uma voz grave com um tom sério. — Ajude-a a levantar e nos apresente direito.

Ela era real, sim. E estava falando. Eu não queria mesmo abrir os olhos.

— Clea?

Era Sage e ele estava perto. Abri os olhos e o vi sobre mim, com seu rosto cheio de preocupação. Quase abri um sorriso; apesar de tudo, aquele show de horrores parecia tê-lo trazido de volta para mim, pelo menos por enquanto.

— Você está bem? — perguntou ele.

Bem?! Eu queria gritar, mas estava com a terrível sensação de que se comesse, acabaria soltando uma gargalhada estridente e insana que nunca mais conseguiria parar.

Era melhor não confiar na minha voz por enquanto. Fiz um sinal com a cabeça e deixei que Sage me ajudasse a levantar, sem tirar meus olhos de seu rosto.

Uma risada seca de reprovação veio daquela criatura decrépita.

— E agora não quer nem olhar para a própria anfitriã. Nunca vou entender o que Sage viu em você, Olivia.

Fiquei tão chocada ao ouvir esse nome que não resisti e virei para a criatura.

Um arrulho arquejante irrompeu de seu peito e levei um bom tempo até me dar conta de que ela estava rindo.

— Está surpresa por eu saber seu nome verdadeiro? — disse ela. — Não deveria. Você e eu temos uma longa história. Só não tanto quanto a entre seu noivo e eu, claro — os olhos da criatura se voltaram para Sage. Ele estremeceu. — Também conheço seu amigo, Giovanni — continuou ela, virando-se para Ben, que estava pálido e trêmulo. Gotas de suor escorriam pelo seu rosto. Ele estava ficando completamente apavorado.

— Giovanni? — perguntou Sage. — Não...

— Ah, é ele, sim — disse a criatura. — Você só não está percebendo, não como ela. Mas é ele, sim.

Ela ficou provocando Ben, mexendo um de seus dedos macilentos em sua direção, soltando uma risada gorgolejante enquanto ele se afastava.

— Deixe o garoto em paz, Magda — disse Sage.

Magda? *Essa* era Magda?

— Mas Sage, foi você quem veio até mim! — disse ela.

— Você é a Magda... Alessandri? — perguntei, concluindo o impossível. — Você é a Dama Negra de Shakespeare?

Ela estreitou os olhos para mim.

— Por quê? Não consegue me imaginar como uma donzela de cabelos negros? Eu era muito bonita, quinhentos anos atrás. Era o que seu noivo achava, pelo menos. Ele não conseguia tirar as mãos de mim.

Senti um embrulho no estômago. Não fiquei com ciúme, por mais que fosse isso o que Magda claramente quisesse. Só não conseguia parar de pensar em Sage passando a mão nessa mulher como ela era agora. Aquela imagem estava me deixando nauseada.

— Quinhentos anos atrás? — murmurou Ben. — Mas achei que o Elixir... — ele se calou de repente ao perceber que Magda o encarava fixamente.

— ...preservasse a juventude? — completou ela, seca. — Sim, mas é claro, eu não tomei o Elixir da Vida. Minha longevidade vem de um feitiço preparado pela minha mãe, uma poderosa feiticeira, no dia em que nasci. Ela morreu durante o parto, pouco depois de lacrar minha força vital neste pingente de vidro que uso no

pescoço. Enquanto ele estiver intacto, continuarei viva.

Olhei para o peito ressecado de Magda. Lá estava o pingente, uma delicada esfera de vidro, presa a uma corrente fina.

Magda soltou um grunhido catarrento.

— Se minha mãe ainda estivesse viva, eu pediria para ela desfazer o feitiço. A vida eterna é inútil sem a juventude eterna. Nem posso mais mostrar meu rosto em público. Fico apenas escondida aqui, com todos os meus pertences.

— Mas em um... shopping? — perguntei.

— Por que não? Tenho tudo de que preciso aqui. E um empregado traz o que mais eu quiser. Pelo menos posso ouvir o movimento da vida lá fora através das paredes. Quando fecho os olhos, quase consigo imaginar que ainda faço parte de tudo aquilo...

— Mas depois do ataque... eu vi... você estava morta — retrucou Sage.

— Você me viu fingindo de morta — esclareceu Magda. — Fui esfaqueada sete vezes, sabe. Uma adaga atravessou meu estômago e saiu pelas costas, fiquei cravada no chão. Tive que ficar lá, estatelada, me debatendo como um inseto preso num alfinete...

— Tudo bem, não precisa descrever tudo — disse Sage, ríspido.

— Preciso, sim — disse Magda, com um olhar forte e fulminante.

— Porque foi tudo culpa sua. Você sabia das regras, mas as ignorou. E todos nós pagamos por isso.

Essas palavras pareceram acertar Sage em cheio, e ele levou alguns instantes até conseguir falar.

— Eu sei — disse ele. — Seus rostos me assombram toda noite. Mas você não foi a única a pagar por aquilo. Se tivesse ficado viva para ver quanto eu sofri, saberia que não foi pouco.

— Mas eu fiquei viva para ver você sofrer, sim — disse Magda. — Tive esse privilégio. Como líder da Sociedade, eu era a pessoa mais próxima do Elixir. Isso nos uniu. E eu pude ver tudo.

— Então você sabe — disse Sage, rangendo os dentes. — Sabe que passei séculos em um inferno muito pior do que todas as outras pessoas que morreram naquele dia. Ficaria feliz em trocar de lugar com qualquer uma delas.

— Isso não basta. Enquanto todos os outros da Sociedade perderam a vida e eu

fui reduzida a esta carapaça grotesca, você foi mais feliz do que qualquer um de nós sequer poderia sonhar — ela me lançou um olhar furioso e seus lábios ressecados se curvaram com uma expressão de desprezo. — Aliás, você ainda é. Eu queria arrancar mais de você, mas tive que esperar até que você mesmo viesse até mim.

Sage estremeceu, olhando para Ben e para mim antes de se virar para Magda.

— Tudo bem, estou pronto. Vamos conversar a sós.

— O quê?! — exclamei. — Do que vocês estão falando?

— Acho melhor você e o Ben irem embora — disse Sage.

— Não! Não vou a lugar nenhum. Ficou maluco?! Não posso apenas ir embora depois de ter vindo até aqui. Ainda não sabemos de nada!

— A menina tem razão — concordou Magda. — Ela ainda não sabe de nada. E acho que já é hora de contar tudo a ela — os olhos de Magda se viraram para Ben. — E a você também, aliás.

— Magda... — rosnou Sage, mas ela o ignorou.

— Puxem uma cadeira. É melhor vocês sentarem para ouvir essa história.

— Não — afirmou Sage e então olhou fixamente para Ben e eu. — Vocês não precisam escutar nada do que ela tem a dizer.

— Precisam, sim, se quiserem saber o que houve com o pai da menina — rebateu Magda. — E você não vai conseguir o que quer a menos que faça o que eu mandar.

Sage retesou as narinas e juntou os lábios, e então pegou três bancos acolchoados e os colocou na frente de Magda, que abriu um sorriso. Nós sentamos e ela nos estendeu as mãos.

— Vamos dar as mãos — disse ela.

Eu estava sentada entre Ben e Magda. A última coisa que eu queria no mundo era encostar naquela mulher, mas também não queria dar a ela a satisfação de ver quanto aquilo me incomodava. Sua mão parecia um amontoado de palitos de dente embrulhados em papel crepom. Fiquei com a sensação de que poderia esmagá-la a qualquer momento.

Minha outra mão estava segurando a de Ben; ele e Sage completavam o círculo de volta até Magda. Ela inclinou para trás, fechando os olhos. De repente, seu corpo estremeceu com uma convulsão. Minhas próprias pálpebras fecharam como cortinas. Tentei abri-las, mas era impossível; eu estava presa ali dentro, com seja lá

o que fosse que Magda estivesse querendo nos mostrar.

Eu vi Sage. Ele estava vestido como nos meus sonhos sobre Olivia. Enquanto andava, ele sacudia moedas de ouro dentro de uma bolsinha de dinheiro. Eu podia sentir o orgulho que ele tinha de suas roupas impecáveis e da imensa fortuna de sua família. Estava com vinte e um anos e parecia achar que tinha o mundo todo a seus pés.

Enquanto subia uma escada para bater em uma porta toda ornamentada, Sage soltou um suspiro e entendi que aquele era o lugar onde ele visitava a Sociedade, o grupo do qual ele tinha reclamado para mim em meu sonho, O grupo do qual ele só participava para agradar a seu pai.

De repente, aquela imagem desapareceu e foi substituída por Sage de mãos dadas com nove outros homens e mulheres, todos de pé. Eles estavam em círculo, e suas roupas, os móveis da sala e tudo à sua volta ostentava um nível espetacular de luxo e riqueza. No meio do círculo, havia um pequeno armário com portas de vidro e todo enfeitado com joias.

Reconheci Magda entre os membros do grupo — ou melhor percebi que era ela de algum jeito, porque não se parecia em nada com aquele esqueleto macilento de agora. Era uma mulher linda e jovem. Magda lançou uma piscadela cheia de malícia para Sage e, dessa vez, até senti uma pontada de ciúme. A voz de Magda irrompeu alta e clara, dando início à cerimônia com o juramento de segredo da Sociedade, e então continuou:

— Estamos aqui reunidos para glorificar e proteger o Elixir da Vida... Mas enquanto ela falava, a cena começou a se dissipar e foi substituída por outra com Sage e um amigo em uma taverna, rindo juntos e bebendo. Quase perdi o fôlego.

O amigo de Sage era Ben.

Não era Ben, é claro. Era Giovanni, que eu já conhecia dos meus sonhos, mas ao vê-lo assim, agora, não tive nenhuma dúvida de que era ele.

E pelo jeito como a mão de Ben de repente ficou suada enquanto apertava a minha com toda a força, tive certeza de que ele estava pensando o mesmo. Giovanni era filho de um pequeno comerciante, muito mais humilde do que Sage, mas os dois se conheciam desde a infância e as condições financeiras de Giovanni não importavam nada para Sage. Giovanni era seu melhor amigo e ponto final. Ele também adorava Sage, mas tinha plena consciência do abismo social que havia

entre eles. Isso o consumia por dentro. Em seus piores dias, ele acreditava que a amizade entre eles não passava de um ato de caridade de Sage — uma coisa da qual Sage se gabava para os seus amigos ricos “de verdade”, só para se sentir superior.

Sage nunca suspeitou dos pensamentos sombrios e das inseguranças de Giovanni, então não sabia o que estava fazendo quando ria e desdenhava da Sociedade.

— Sinceramente, Gi, é absurdo. Nunca vi um lugar mais opulento do que aquele, mas nada se compara ao armário do grande “Elixir da Vida”! Feito de ouro puro, cheio de rubis, diamantes, esmeraldas... enfim, aquele negócio é coberto de todas as joias que você puder imaginar.

Mas dentro do armário... ah, é lá onde fica o verdadeiro tesouro.

— O que é? — perguntou Giovanni, salivando por dentro só de pensar no armário incrustado de joias. Ele se imaginou pegando apenas uma ou duas delas. Isso já seria o bastante para comprar comida e roupas para sua três irmãzinhas durante semanas. Ou melhor, ele poderia comprar alguma coisa cheia de pompa para si mesmo — belas roupas, como as que Sage usava. Algo para ficar parecendo com um verdadeiro nobre.

— Dentro desse armário — continuou Sage — ficam três frascos, cada um do tamanho do meu antebraço, e ainda mais fabulosos do que o armário. Mais joias, mais ouro, tampas de cristal.., e tudo isso para quê?

— Para o Elixir da Vida — disse Giovanni, maravilhado. — Ele realmente traz a vida eterna?

— Por favor, Gi, mas claro que não! Isso é impossível! Essas coisas não existem! É só uma fantasia para essas pessoas se sentirem especiais... como os tais “Protetores do Elixir”. Odeio ter que passar tempo com aqueles deslumbrados de nariz empinado.

Sage encostou para trás em sua cadeira e chamou o taverneiro, pedindo mais uma rodada. Ele já tinha dito tudo o que queria sobre a Sociedade, mas eu podia ver que a mente de Giovanni ainda estava remoendo tudo o que tinha acabado de ouvir.

A cena mudou mais uma vez. Agora, Giovanni estava em uma rua de terra em uma parte mais pobre da cidade. Junto com ele, havia uma gangue de três garotos,

nenhum com mais de dezenove anos. Eu sabia — mesmo não tendo a mínima ideia de como — que esses meninos tinham crescido na mesma vizinhança de Giovanni. Também sabia que eles eram maus. Ao vê-los dentro da minha mente, pude sentir uma aura de maldade muito forte. Quis abrir os olhos e sair correndo. Eu tentei, mas fiquei arrepiada ao perceber que não conseguia. Enquanto estivéssemos de mãos dadas com Magda, era ela quem estava no comando, não eu.

Giovanni não via maldade em seus amigos. Eles eram os caras mais “populares” do lugar e tudo o que ele queria era provar ser tão valente quanto eles. Ele contou a história de Sage sobre a Sociedade e todas as suas riquezas a eles, e então encheu o peito, dizendo:

— Acho que vou entrar lá um dia desses e pegar algumas coisas para mim — isso não era verdade, ele só queria impressioná-los. — Talvez até roube os frascos do Elixir da Vida. Aposto que ficaria rico para o resto da vida só com um daqueles.

— O Elixir da Vida? — perguntou o mais durão dos três. — O que é isso?

Giovanni explicou com tanto desdém quanto Sage tinha mostrado, mas sem saber o que estava fazendo. Incontáveis riquezas e vida eterna. Com sua história, Giovanni acabou inspirando aqueles garotos a tentarem seu maior assalto de todos os tempos. Eles tiraram o máximo de detalhes que puderam de Giovanni, que se abriu com toda aquela atenção, sem nem desconfiar de seus motivos. Giovanni foi embora, todo orgulhoso por achar que eles agora o viam como alguém importante, enquanto eles, na verdade, estavam determinados a atacar a Sociedade no dia seguinte.

A cena mudou imediatamente de novo e então vi a mim mesma.

Olivia e Sage estavam andando de braços dados pela rua sob o luar. Ben engoliu em seco e percebi que ele tinha entendido que Olivia na verdade era eu. Ela não se parecia exatamente comigo. Essa visão não era como a dos meus sonhos, em que me via como uma daquelas outras mulheres. Ela tinha sua própria aparência — como Sage desenhou no chão da caverna; como ele pintou em seus quadros.

— Então essa história de apresentar sua futura noiva aos membros da Sociedade é uma coisa importante? — provocou Olivia.

— Estar com você é uma coisa importante — disse Sage, sorrindo.

— Você sabe o que penso sobre a Sociedade. A aprovação deles é só um mal

necessário para receber a devida parte da fortuna da minha família.

— Por que você acha que vão me aprovar? Sua ex-namorada me odeia e ela é a líder do grupo.

— Magda não odeia você.

— Está brincando? Já viu como ela olha para mim?

— Talvez ela só tenha um pouco de ciúme — admitiu Sage.

— É claro! Ela é linda! Uma mulher como ela não deve estar acostumada a perder muitos. Aposto que ela está só esperando você perceber o erro que cometeu e voltar correndo para ela.

— Por favor, diga que você não acredita nisso de verdade.

— Não sei... — disse Olivia, sem olha-lo nos olhos. — Ela é rica, bonita e está na Sociedade... seu pai com certeza adoraria que você se casasse com ela...

— Você está com ciúme? — provocou Sage.

— Não é ciúme. Só estou dizendo...

Sage riu alto e pegou Olivia em seus braços.

— Olivia, assim que conheci você, as outras mulheres deixaram de existir. Você é minha alma gêmea. Nunca vou me interessar por mais ninguém. Você está condenada a ficar comigo para sempre. Aceite esse fato.

Olivia abriu um sorriso.

— Tudo bem... se eu não tiver escolha...

Sage a beijou e então seguiu em frente abraçado a ela enquanto andavam.

— Você não tem por que se preocupar com a Magda — garantiu ele. — Ela não pode fazer nada contra nós e tenho certeza de que, apesar de tudo, ela nunca deixaria isso interferir nos assuntos da Sociedade. Eles vão aprovar nosso noivado.

— Tudo bem. Admito que estou curiosa para ver como tudo isso funciona.

— Ah, acho que você vai gostar muito...

O casal não poderia parecer mais tranquilo enquanto se afastava, mas, de repente, senti um calafrio de horror. A verdade me atingiu como uma pedrada.

Sage estava levando Olivia para a Sociedade naquela noite.

A mesma noite em que os amigos de Giovanni iriam invadir o lugar.

Apenas Sage e Magda sobreviveriam ao ataque.

Eu estava prestes a presenciar o massacre com o qual tinha sonhado que já tinha visto nas telas de Sage.

Meu coração começou a bater tão forte que doía.

Estava prestes a testemunhar minha própria morte.

Voltei a ver os membros da Sociedade em círculo, em volta do armário incrustado de joias, dessa vez com Olivia entre eles. Magda estava entoando o cântico de abertura, olhando para Olivia com uma expressão de desprezo.

De repente, a porta foi arrombada e o bando de “amigos” de Giovanni invadiu o lugar... mas não estavam sozinhos. Estavam em oito, todos armados com porretes e facas. Pude ver o luxo daquela sala refletindo nos olhos deles, fazendo-os salivar com uma ganância sanguinolenta.

— Ninguém grita! — berrou o líder, agarrando Magda e colocando uma faca de serra contra sua garganta. — Todo mundo quieto ou ela morre!

Os membros da Sociedade ficaram paralisados, soltando apenas alguns grunhidos amedrontados. Até Sage ficou parado, mas não pretendia se render. Ele olhou de lado para Olivia e acenou levemente com a cabeça, mostrando a ela que estava no controle da situação, apenas esperando o momento certo.

O líder sorriu ao ver o armário adornado.

— Ali está, rapazes — disse ele. — O Elixir da Vida está ali dentro, bem como Gi disse.

— Gi? — indagou Sage, olhando com uma expressão de espanto para Olivia. Ela balançou a cabeça, sem conseguir acreditar. Giovanni não poderia estar por trás disso.

— Sim, Gi, o amiguinho com quem você conversa por caridade — disparou o líder para Sage. — Você achava que ele era pobre e burro demais para ser uma ameaça, não é? Mas ele ri de você pelas costas e nos conta tudo! E agora, o que é seu será nosso. Tudo o que é seu.

O líder abriu um sorriso cheio de malícia e acariciou a bochecha de Olivia com seus dedos imundos. Com um rugido bestial, Sage pulou... mas o líder convocou dois de seus homens, que foram para cima dele, cravando suas facas sem piedade nenhuma no peito, nos braços e nas pernas dele.

Olivia perdeu a cabeça e começou a berrar, soltando gritos altos e agudos. O líder mandou ela parar, calar a boca, ou então... mas ela não o ouviu. Ela só conseguia gritar e gritar, e gritar...

Um dos bandidos acertou ela na nuca com um porrete, fazendo-a calar. Sage

foi a última coisa que ela viu antes de perder a consciência.

Ela tombou de lado no chão, mal conseguindo ficar de olhos abertos. Era de partir o coração, mas ela precisava ver aquela cena.

Foi um massacre.

Por toda parte, estavam os corpos dos membros da Sociedade retalhados, perfurados e cobertos de sangue. Magda estava entre eles. Entendi por que Sage não acreditava que ela havia sobrevivido. Estava exatamente como havia descrito, lutando com suas últimas forças contra seus talhos abertos e a adaga ensanguentada que a prendia contra o chão.

Sage desviou os olhos. Agonizando, ele se esforçou para analisar o resto da sala. Onde estava Olivia?

Finalmente, ele a encontrou. Estava estatelada no chão, com seus olhos baços ainda mostrando todo o espanto e pavor de seus últimos instantes de vida.

Eu não conseguia mais respirar. Era horrível demais, pior até do que a pintura de Sage. Era real. E era eu. Eu tinha vivido tudo aquilo e sofrido aquela morte horrenda. Estava assistindo ao meu próprio fim. Comecei a perder o fôlego. As imagens por trás dos meus olhos fechados viraram um borrão e eu tive a certeza de que iria desmaiar.

A mão ressecada e esquelética de Magda apertou firme a minha, forçando-me a recobrar meus sentidos.

A visão continuou.

Sage gritou de angústia ao ver Olivia, mas seus pulmões haviam sido perfurados, e nenhum som saiu de sua boca. Ele estava completamente destruído por dentro e sabia que estava prestes a morrer. Isso serviu como um pequeno consolo.

A culpa era dele... isso só tinha acontecido porque ele tinha revelado segredos da Sociedade... era tudo culpa dele...

Seriam seus últimos pensamentos, imaginou ele. Ótimo. Ele estava decidido a levar essa mensagem consigo até o inferno e entregá-la ao diabo em pessoa apenas para ser devidamente castigado por toda a eternidade.

Mas ele não encontraria Olivia no inferno. Ele precisava dar seu último adeus a ela agora mesmo. Em um esforço hercúleo, ele se arrastou pelo chão até chegar a poucos centímetros do rosto dela. Suas forças estavam se esvaindo, não havia mais

muito tempo. Ele tomou um derradeiro impulso, mas foi em vão. Mãos brutas o agarraram e uma voz cheia de desdém gritou:

— Olha só, pessoal! Ele ainda está vivo! Acabo com ele ou não?

— Não! — disse o líder. — Tenho uma ideia melhor.

Essa ideia era testar o Elixir em Sage, para saber se era real e não algum tipo de veneno. Forçaram o líquido de um frasco inteiro garganta abaixo de Sage e então o jogaram dentro de uma carruagem e fugiram da cidade.

Eles quase não conseguiram.

Os poderes curativos do Elixir eram incríveis. Não conseguiram poupar Sage das terríveis dores de seus ferimentos de imediato, mas dentro de uma hora, a dor passou e suas forças começaram a voltar.

As coisas poderiam ter sido diferentes caso ele tivesse sido mais paciente. Mas os homens ali naquela carruagem tinham matado Olivia. Não havia lugar para paciência em seu coração, apenas vingança. Assim que pôde, Sage avançou contra o homem mais próximo, agarrando-o pela garganta e esmagando sua traqueia.

Chocados com a recuperação milagrosa de Sage, os outros sujeitos na carruagem nem souberam como reagir direito. Por fim, eles tomaram uma atitude e agarraram Sage, tirando-o de cima de seu amigo e o esfaqueando até que ele desmaiasse de novo.

Ele acordou mais rápido dessa vez, mas agora seus pulsos e tornozelos já estavam amarrados para trás. Os bandidos não queriam correr mais nenhum risco — quando Sage começava a se mexer, eles o atacavam brutalmente com suas armas.

Mais tarde, escondida em uma fazenda abandonada, a gangue criminosa começou a planejar seus próximos passos. O assassinato de tantos romanos tão ricos não passaria despercebido. O plano era dividir a fortuna roubada e então cada um seguir seu próprio rumo Europa afora, assim que o fervor das buscas por eles arrefecesse.

A única questão em aberto era decidir o que fazer com o Elixir... e com Sage. A essa altura, estava claro que o Elixir não era uma farsa. Eles realmente tinham dado vida eterna a Sage e todos queriam esse mesmo privilégio. Mas como isso era possível? Sage tinha tomado um frasco inteiro. Esse vidro estava perdido, deixado para trás em meio à correria na hora da fuga.

Ainda restavam dois deles... mas se fosse preciso um frasco inteiro para dar a vida eterna, apenas duas pessoas teriam essa chance. Talvez não fosse preciso tanto... mas e se eles dividissem o resto do Elixir em oito e isso não bastasse para garantir a imortalidade a nenhum deles?

A gangue concordou que ninguém deveria tocar no Elixir até que chegassem a um consenso, mas o problema era que a confiança entre eles era nula. Brigavam o tempo todo, sempre de olho um no outro, e mal dormiam. Aqueles que arriscavam tirar um cochilo deitavam perto do Elixir de maneira estratégica, só para serem acordados caso alguém tentasse mexer nos frascos.

Essa situação deixou os membros da gangue exaustos, tensos e frustrados e eles descarregavam todas as suas emoções em Sage. Afinal, se eles iam tomar aquele Elixir, era bom testar se realmente funcionava direito. Depois de beber um frasco todo, Sage poderia mesmo sobreviver a qualquer coisa ou haveria alguma condição irreversível até mesmo para o Elixir?

Pensar em formas novas e criativas de matar Sage passou a funcionar como uma grande válvula de escape para eles. Isso também o eliminava como ameaça, já que cada tortura o deixava fraco demais para tentar atacá-los de novo. Eles jogaram Sage do alto de penhascos, amarraram-no em pedras para ser atacado por animais selvagens e até o encharcaram de gasolina e depois atearam fogo. Sage sempre se recuperava, mas a dor era tão brutal e inimaginável que o fazia implorar pela misericórdia da morte.

Mas então ele ouviu a gangue planejando seu novo teste: desmembramento.

Sage não sabia ao certo, mas tinha uma ideia do que poderia acontecer. Ele não morreria, mas seus pedaços não voltariam aos devidos lugares também. Ele ficaria vivo, com sua consciência dividida em sabe-se lá quantas partes aqueles homens o retalhassem.

Ele precisava escapar. Imediatamente. Mesmo amarrado, ele tinha que pensar em alguma coisa.

Sage encontrou sua chance certa noite. Era muito tarde. Cinco dos bandidos ainda estavam acordados, com seus olhos turvos de sono, todos armados e alertas, de olho para garantir que ninguém tentasse roubar o Elixir. Três estavam longe de Sage e outros dois mais perto, tramando planos mirabolantes para pegar o Elixir e dividir apenas entre eles.

Sim. Seria perfeito.

Sage chamou a atenção dos dois homens mais próximos. Falando baixinho para que os outros não ouvissem, ele ofereceu um acordo. Sage prometeu ser fiel a eles se o soltassem. Ele os ajudaria a eliminar os outros para que apenas eles dois ficassem com o Elixir.

— Por que deveríamos acreditar em você? — perguntou um deles.

— Pois é... quem nos garante que você não vai se virar contra nós?

— Por que eu faria isso? — redarguiu Sage. — Se vocês gritarem, todos os outros vão vir para cima de mim. Não teria a mínima chance. Não quero mais ser torturado. Preciso da ajuda de vocês. E se eu tiver que ajudá-los para isso, por mim, tudo bem.

Os dois homens se entreolharam, claramente tentados. Se Sage matasse os outros, além de ficarem com o Elixir, também poderiam dividir toda a pilhagem apenas entre os dois.

— Tudo bem — disse um dos homens. — Aceitamos.

Rápida e silenciosamente, um deles cortou as cordas que prendiam Sage e o outro ficou de vigia para garantir que os demais não estavam desconfiando de nada.

— Pronto — disse o homem depois de libertar Sage. — Agora acabe com os outros. Nós vamos pegar o Elixir.

Sage não respondeu. Em vez disso, com um movimento ágil, ele pegou a faca do cinto do homem e cortou as gargantas de seus dois supostos aliados. Eles morreram antes mesmo de perceberem o que tinha acontecido.

O som dos corpos tombando no chão chamou a atenção dos homens que estavam mais longe. Quando perceberam o que tinha acontecido, seus gritos acordaram os outros. Eles estavam mais perto e partiram para cima de Sage, prontos para atacar.

Sage não recusou o desafio, deixando a raiva borbulhar por todo seu corpo. Poderia derrubar um exército inteiro agora; três homens não seriam nada. Empunhou as facas de suas duas vítimas e avançou gritando contra seus inimigos. Sage nem se deu conta dos poucos golpes que recebeu, mas suas adagas acertaram os alvos várias e várias vezes, banhando-o com o sangue deles.

Os outros três bandidos — os amigos a quem Giovanni tinha falado sobre o Elixir — não eram idiotas. Viram o que estava acontecendo e perceberam que não

teriam a mínima chance. Enquanto Sage ainda estava ocupado com os outros, eles pegaram tudo o que conseguiram carregar e fugiram às pressas com a carruagem.

Sage ainda estava lutando, incendiado pela adrenalina e rindo como um maluco, enquanto extravasava toda a sua fúria. Nem percebeu que os três estavam fugindo.

— Aqueles homens sobreviveram — disse a voz de Magda. — Mas tiveram suas vidas amaldiçoadas, assim como todos os seus descendentes ao longo dos séculos. Esses descendentes agora estão espalhados pelo mundo e se tornaram a Vingança Maldita. Os Redentores da Vida Eterna são os descendentes dos membros da Sociedade, mulheres e filhos de seus integrantes que tiveram a sorte de ter ficado em casa naquela noite e passaram as histórias sobre o Elixir de geração em geração.

Eu estava ouvindo a voz de Magda, mas minha atenção ainda estava focada na imagem à minha frente. Era Sage parecendo um animal selvagem, em meio aos cadáveres dos cinco homens que ele havia matado. Seu peito banhado de sangue pulsava enquanto ele tentava recuperar o fôlego. Seu trabalho estava feito, e agora, sozinho, perdido no meio do nada e com toda a eternidade pela frente, a alma de Sage sucumbiu. Ele tombou de joelhos e começou a gritar.

A imagem mudou para uma cena naquele mesmo dia, só que mais tarde. Vi Sage jogando fora o resto do Elixir, livrando-se daquele líquido. Ele enterrou os dois frascos... no lugar onde a equipe do meu pai acabaria os encontrando séculos depois.

Em seguida, vi Sage de volta a Roma, com a cabeça abaixada em frente ao túmulo de Olivia. Um senhor de idade pôs a mão em seu ombro. Era o pai de Olivia. Olhei com mais atenção para a imagem, tentando ver se esse homem era o meu pai, mas ele não me pareceu ser ninguém familiar. Sage pareceu surpreso ao ver aquele senhor ali, mas ele olhou para Sage com carinho e colocou alguma coisa em sua mão: o pingente em forma de íris do colar de Olivia.

Quando a imagem mudou de novo, Sage estava sorrindo. Ele estava no meio do que eu entendi imediatamente ser uma estrada rural inglesa do final do século XVII. Seus olhos ainda traziam as sombras da angústia, mas ele parecia feliz e logo percebi por quê. Ele estava com Catherine, com seus cabelos ruivos soltos ao vento enquanto galopavam juntos.

Catherine e Sage acomodaram-se às margens de um riacho, enquanto seus cavalos bebiam água e recuperavam o fôlego. Sage esticou a mão para acariciar o pingente de íris no pescoço de Catherine.

— Fico impressionado — disse ele. — Mal acredito que realmente estou aqui com você — Catherine sorriu e o beijou, mas Sage a afastou com delicadeza. — Cuidado — disse ele. — Seu pai já prometeu você para outro homem.

Ela revirou os olhos.

— Ele vai mudar de ideia.

Catherine se aninhou nos braços de Sage e ele a abraçou com todo carinho.

Eles não sabiam que estavam sendo vigiados. Havia um homem entre as árvores. Era forte como um touro, de pescoço grosso, olhos pequenos, nariz achatado e estava com as narinas repuxadas de raiva.

Eu soube de duas coisas imediatamente: o nome desse homem era Jamie, o noivo de Catherine... e ele era Ben. A visão de Magda era como uma janela para o seu coração e pude ver um plano terrível brotando em meio a toda aquela raiva e angústia. Ele a acusaria de ser uma bruxa. Ela seria humilhada, exatamente como ela o havia humilhado ficando com outro homem, mesmo estando prometida a ele. Isso ensinaria a ela uma lição.

Quis gritar para pedir que ele não fizesse isso, para dizer que as coisas não seriam como ele esperava, mas só consegui ficar observando enquanto a cena mudava de novo.

Catherine agora estava amarrada a um poste, com labaredas ardendo a seus pés. Enquanto a fumaça subia à sua volta, ela podia ver Jamie em meio à multidão. Ele estava pálido e magro, como se estivesse há semanas sem comer ou dormir. Ele não parava de balançar para a frente e para trás, murmurando orações, mas já era tarde demais para voltar atrás. Catherine sacudiu a cabeça com um ar triste e então procurou Sage na multidão. Ele estava segurando seu colar com firmeza em uma das mãos. Cinco guardas o puxavam para trás, enquanto ele lutava contra eles, com lágrimas escorrendo pelo rosto ao ver as labaredas ficando mais fortes.

Nem percebi que estava prendendo o fôlego até a imagem mudar de novo. Desta vez, vi Anneline, a famosa atriz francesa. Ela e Sage iriam se casar naquele dia, e Sage finalmente estava mais relaxado, certo de que daquela vez conseguiria evitar uma tragédia.

Vi os dois em casa, felizes como nunca. Em seguida, um pacote chegou. Rosas de um fã anônimo, como no meu sonho. Entendi que era apenas o mais recente de uma longa série de buquês. Os cartões que os acompanhavam tinham começado com mensagens carinhosas, mas foram subindo de tom até se tornarem ameaçadores. Esse último dizia:

“Se não posso ter você, ninguém mais poderá”

Sage teve um ataque de raiva. Ele já tinha pedido ajuda à polícia, mas ninguém tinha feito nada. Ele tinha certeza de que esse homem poderia matar Anneline.

Ela achou aquilo um exagero, mas Sage estava ficando tão estressado que acabou cedendo. Anneline concordou em deixar sua carreira de lado por um tempo para sair da cidade. Sage avisou para ela não contar a ninguém aonde eles iriam e ela o obedeceu, ou pelo menos quase. Ela só contou sobre a casinha nas ilhas gregas para algumas de suas amigas mais próximas e antigas.

Julien era uma dessas amigas. Depois de alguns meses, ele acabou revelando a localização de Anneline e Sage a um jornal em troca de uma grande quantia em dinheiro. Reconheci Julien assim que o vi... não só por já tê-lo visto em meus sonhos, mas porque era Ben, é claro.

Com a informação de Julien, o admirador fanático encontrou Anneline e a matou com uma série de facadas: uma para cada uma das rosas que ele mandou.

Em seguida, vi Delia. Ela se envolveu com um famoso gângster chamado Eddie, achando que ele poderia transformá-la em uma estrela. E então Sage apareceu — o pianista do bar. Pude sentir toda a turbulência em seu coração. Ele não queria nada com Delia. Ele não queria outra tragédia.

Mas ele não tinha como evitar.

Sage tentou se convencer de que, desta vez, conseguiria encontrar alguma forma de mudar a história. Desta vez, Delia e ele teriam uma vida longa e feliz juntos.

Embora o amor entre eles fosse um segredo, Delia contou sobre Sage para Richie, seu melhor amigo. Richie trabalhava para Eddie e tentava ajudar Delia, arrumando várias outras mulheres para o chefe, mas Eddie acabou descobrindo. Ele começou a vigiar Delia como um gavião até o dia em que finalmente a pegou com Sage e expressou todo o seu descontentamento com uma bala no meio dos olhos de cada um.

Sage poderia se recuperar disso. Delia, não.

Richie, mais uma vez, era Ben.

— Esse homem e sua filha estão presos um ao outro, em um ciclo trágico que se repete por toda a eternidade.

A voz era de Magda, mas a imagem havia mudado, agora para uma cena escura demais para que eu pudesse ver qualquer coisa.

Quando a imagem ficou mais clara, percebi que era a própria sala onde eu estava, no Shibuya 109.

Magda estava segurando as mãos de alguém... as mãos de um homem...

Meu Deus, eram as mãos do meu pai. Eu o via agora e ele parecia tão real como se eu pudesse esticar meus braços e abraçá-lo. Fiquei tão feliz, mas tão triste ao mesmo tempo, que meu corpo todo começou a doer.

Magda o soltou e meu pai abriu os olhos. Ele parecia pálido e abalado, e eu soube que ele tinha acabado de testemunhar as mesmas visões que eu.

— Ele vai encontrá-la nesta vida — disse Magda. — E o fim será o mesmo.

— Como posso impedir isso? — perguntou meu pai, desesperado.

Magda abriu um sorriso.

— Achei que você tivesse vindo até aqui para encontrar o Elixir da Vida.

— Isso foi antes de eu saber dessa história. Não me importo mais com o Elixir. Só quero salvar a minha filha. Faço o que for preciso.

— Apenas a destruição completa e irreversível de Sage encerraria esse ciclo. Mas ele mesmo precisa aceitar esse destino. Tudo o que você pode fazer é tentar convencê-lo.

— É o que vou fazer então — disse meu pai.

— Mas sem falar para ele sobre mim — disse Magda. — Gostaria que essa parte fosse uma surpresinha para ele.

— Tudo bem. Onde posso encontrá-lo?

O sorriso de Magda ficou ainda maior, e a cena na minha mente mudou de novo, agora mostrando um lugar que eu já conhecia: a casa de Sage. Meu pai e Sage estavam conversando, mas Sage não tinha nos contado sobre essa parte da conversa.

— Você tem as seguintes opções — disse meu pai. — Os membros da Vingança Maldita acham que precisam destruir você, mas não sabem como. Se o

encontrarem, sua vida será uma tortura sem fim até eles descobrirem. Já os Redentores da Vida Eterna veem você apenas como receptáculo do Elixir. Nas mãos deles, você viverá como uma peça de museu, sendo exibido e trancado a sete chaves. Cedo ou tarde, algum desses grupos acabará encontrando você. É só uma questão de tempo.

— Então você está me oferecendo a morte como alternativa? — disse Sage, seco. — Não sei se consigo ver o lado positivo disso para mim.

— Tem mais uma coisa que talvez possa convencer você — disse meu pai. Ele pegou uma foto minha e a entregou para Sage. Era só um retrato simples, sem nenhum sinal de qualquer presença misteriosa no fundo. — Essa é a minha filha, a Clea.

Sage olhou para a foto, meio confuso, e então acenou com a cabeça e a devolveu.

— Ela é linda.

— Você não a reconheceu? — perguntou meu pai. — Interessante. Acho que você a reconheceria pessoalmente. Vocês já se viram antes.

“Olivia” foi o primeiro nome dela.

Aquele nome acertou Sage como um soco no estômago. Graças à visão de Magda, eu poderia saber como ele se sentia. Ficou trêmulo e assustado... mas também cheio de alegria. Sua alma gêmea estava viva e neste mundo de novo. Era só uma questão de tempo até que ela o chamasse e ele iria encontrá-la. Poderia ser diferente desta vez? Sage não sabia. Uma parte sua na verdade não se importava, só pela perspectiva de ficar com ela e ser feliz, ainda que só por algum tempo, ainda que tudo estivesse fadado a um fim terrível...

Não, isso não seria justo com ela. Ele iria encontrá-la, mas não teriam um fim terrível. Ele não deixaria. Ficaria atento agora, mais atento do que nas outras vezes...

Meu pai entendeu o que Sage estava pensando pelos seus olhos e balançou a cabeça com um ar melancólico.

— Não, Sage. Não vai dar certo. Você vai sobreviver, como sempre. Mas ela não. Ela vai morrer. Com uma morte terrível e dolorosa.

O rosto de Sage foi tomado pela angústia.

— Você não tem como saber... não com certeza...

—Quantas vezes você vai deixar isso se repetir? — perguntou meu pai. — Quantas vezes você vai tirar essa mulher das pessoas que a amam? Claro, você pode esperar para encontrá-la de novo cem anos depois, mas nós a perdemos para sempre.

Sage juntou os lábios, com seu rosto tenso.

—Então eu prometo ficar longe dela.

— Você não vai conseguir. Será que não entende? O único jeito de garantir a vida da Clea é quebrando esse ciclo. Venha comigo falar com a Dama Negra. Ela pode libertar você. E esse ciclo será encerrado. Por favor... se você realmente a ama, precisa fazer isso.

Sage ficou pensando. Ele queria tanto manter suas esperanças e tentar mais uma vez encontrar a felicidade com a mulher que ele amava mais do que tudo... mas ver sua amada — ver a mim — sendo morta de novo... nada valia isso. Nem a sua própria vida.

— Tudo bem, eu aceito — disse ele ao meu pai. — Eu vou com você.

Finalmente, a mão de Magda soltou da minha e eu fui jogada de volta à realidade tão rápido que tomei um choque. Arquejei até me recompor e então me virei para Sage.

— Não foi pra achar o Elixir que você veio até aqui! — gritei. — Você veio até aqui pra se matar — balancei a cabeça, enquanto digeriria a imensidão de tudo aquilo que eu tinha acabado de ver. — Ele pediu pra você se matar.

— Sim, mas ele tinha razão — disse Sage. — É o único jeito de salvar você.

— É verdade — concordou Magda. — O ciclo continuará se repetindo até que o Elixir seja devolvido aos poderes universais que o criaram. E isso só pode ser feito por meio de uma transferência espiritual. Sage... você poderia me fazer a gentileza de abrir aquela tela na parede?

Ela olhou para uma pintura a óleo. Sage fez um corte no canto da tela e a puxou, revelando uma bainha de ouro, da qual ele sacou uma adaga reluzente.

— Cuidado — avisou Magda. — É muito afiada. Foi feita para cortar não só carne e ossos, mas também a alma...

— Então é só isso — disse Sage, olhando para a adaga. — E tão simples...

— Não é tão simples — redarguiu Magda. — Existem algumas condições para que o universo liberte a sua alma. Você precisa acender uma fogueira que irá

representar um entendimento do seu tempo neste mundo e todos os prazeres terrenos que você está disposto a sacrificar para corrigir seu destino. E então, exatamente à meia-noite, e essa é a parte difícil, você deverá cravar essa adaga no seu coração. Mas é você mesmo quem deve fazer isso... sem a ajuda de ninguém.

—Já chega — disse eu. — Isso não vai acontecer.

— Essa escolha não é sua — esbravejou Magda virando-se para Sage. — Faça o que estou dizendo e sua alma será libertada. Seu corpo morrerá e o Elixir dentro dele será neutralizado.

—Já entendi — disse Sage.

— Na verdade, não — disse Magda. — Ainda faltam alguns pequenos detalhes — ela parecia contente. Quis dar um soco nela. — Quando uma alma é arrancada assim de seu corpo, não pode ir para o além. Ela tentará encontrar outro hospedeiro, um corpo vazio. Mas, é claro, não é tão fácil assim encontrar algum corpo ocioso por aí, então você simplesmente ficará vagando pelo mundo, atormentado por uma dor indescritível até por fim deixar de existir — Magda sorriu e então completou. — Enfim, o que estou dizendo é que isso não vai ser nada agradável para você.

— Isso não está certo — disse eu.

— Mas é claro que está. Basta ver todas as vidas que Sage já destruiu, incluindo quatro suas. Não acha que ele deveria pagar por isso? Mas não precisa responder... sua opinião não importa. Sage entende a situação e fico muito feliz em saber que ele fará a escolha certa — Magda virou seus olhos para Sage e, por um breve instante, pude ver um lampejo de juventude dentro deles. — Adeus, meu amor... é chegada a hora do meu descanso... — sua boca se abriu em um sorriso diabólico, apagando qualquer traço de inocência de seus olhos. — . . .um descanso que você nunca irá experimentar.

Com uma incrível explosão de força, ela ergueu o braço, arrancou a correntinha de seu pescoço e a arremessou contra o chão, onde o pingente de vidro se estilhaçou.



O CORPO RESSECADO DE MAGDA VIROU PÓ E ENTÃO DESAPARECEU.

— Clea, Sage... — arriscou Ben, tentando encontrar as palavras certas.—Eu...  
Antes que ele pudesse terminar, ouvimos um alvoroço sobre nossas cabeças.

— O que foi isso? — perguntei.

O barulho foi ficando mais alto, como um estouro de manada. Sage estava sério.

— Alguém sabe que estamos neste prédio.

— Então vamos ficar aqui — disse eu. — Ninguém vai nos encontrar nesta sala.

— Eles vão passar pelas escadas também — disse Sage. — E se acharem a porta, vão entrar. Ficaríamos acuados aqui.

— Mas se sairmos daqui podemos dar de cara com eles — rebati.

— Este prédio é enorme. Saindo daqui, temos chance de escapar — disse Sage.

— Ben? — perguntei, mas ele estava em outro mundo. — Ben!

— Clea...

Ele parecia angustiado. Tudo bem, eu entendia, nós dois vimos as mesmas coisas, mas não tínhamos tempo para ficar remoendo isso agora.

— Acorda, Ben! Precisamos de você aqui.

O barulho estava bem em cima de nós e comecei a ouvir vozes. Não consegui entender uma palavra, mas parecia que eles estavam na escada e descendo.

Virei para Sage.

— Você tem razão. Temos que sair daqui.

Atravessamos o corredor às pressas e saímos pela portinha na escada. O barulho da correria e das vozes estava ficando mais próximo. Voltamos para o shopping, tentando nos misturar aos outros clientes. Eram dez da noite, então não eram tantos, mas já seria o suficiente. Começamos a andar rápido, mas tentando agir com naturalidade até chegarmos à saída.

— EI!

Levantei a cabeça e vi um homem me olhando feio do alto de uma escada-rolante, dois andares acima de nós. Ele começou a descer correndo, enquanto sacava seu walkie-talkie e gritava:

— Avistei os alvos! Avistei os alvos! Eles estão indo pra saída!

Saímos correndo enquanto vários outros homens começavam a sair das lojas e das escadas para nos perseguir. Pareciam estar por toda parte. Não usavam nenhum uniforme e eram de nacionalidades diferentes, mas não era difícil reconhecê-los. Todos eles eram enormes — com músculos e espíritos embrutecidos, como se tivessem passado décadas presos sem fazer nada além de levantar peso e tramar planos de vingança.

— Meu Deus, eles estão armados! — alertou Ben.

— Corram em ziguezague! — gritou Sage. — É menos provável que atirem se não conseguirem mirar direito!

Continuamos correndo lado a lado em direção à saída. Soltei um grito ao ouvir o primeiro tiro e a vitrine de uma loja sendo estilhaçada.

As poucas pessoas que ainda restavam no shopping agora estavam em pânico, todas aos berros enquanto tentavam se proteger.

Ouvi mais dois tiros antes de chegarmos ao lado de fora. Sage saiu correndo pela calçada, tentando abrir carro após carro até finalmente encontrar um com a porta aberta.

— Vamos, entrem! — berrou ele. — E abaixem a cabeça!

Ben se jogou no banco de trás, Sage e eu entramos pela frente. Nós três nos

abaixamos momentos antes de ouvirmos um alarido, que só podia significar que nossos perseguidores também tinham chegado à rua.

— O que vamos fazer? Só ficar escondidos aqui? — sussurrei para Sage. — Seria melhor ter ficado naquela sala então!

Sage não respondeu. Ele estava mexendo em alguma coisa embaixo do painel. Um segundo depois, o motor do carro rugiu. Ele se acomodou no banco e arrancou a toda velocidade.

— Você sabe fazer ligação direta? — perguntei.

— Dá pra aprender bastante coisa em quinhentos anos de vida — respondeu ele.

Saí do chão para me sentar no banco, tentando achar o cinto de segurança. Atrás de mim, Ben fez o mesmo. Achei que estávamos a salvo... mas então ouvi um tiro. Soltei um grito e voltei a me abaixar.

— Droga! — esbravejou Sage. — Estão tentando atirar nos pneus. Ele pisou ainda mais fundo no acelerador. O trânsito estava travado demais e não havia muito espaço para escapar. Sage entrou na contramão, desviando dos outros carros.

Buzinas ressoaram por toda parte.

— O que você está fazendo?! — gritei.

— Segure firme! — gritou Sage, voltando para a pista certa e evitando uma batida de frente no último microssegundo.

Pisquei os olhos, mas só por um instante. Se eu ia morrer, pelo menos queria ver tudo o que estava acontecendo nos meus últimos momentos.

Sage disparou por uma rede de ruas grandes e pequenas, desviando o tempo todo dos outros carros. Ele fincava a mão na buzina enquanto zunia pelas faixas de pedestres e subia nas calçadas, espantando as pessoas antes de passar rasgando por elas.

— Tudo bem por aí, Ben? — perguntei, olhando para trás. Ele estava pálido. Ben não aguentava nem andar de carrossel. Tudo o que eu podia fazer era torcer para que ele não perdesse o controle agora.

Ele balançou a cabeça, encolhido no banco de trás.

Estiquei o pescoço para ver a rua atrás de nós, mas Sage me empurrou para baixo.

— Não faça isso.

— Só quero saber quantos caras estão atrás da gente.

— Mais do que eu gostaria — Sage chegou a uma velocidade alucinante, fez uma curva fechada e então começou a zanzar por becos, raspando nas paredes.

Ouvi pneus derrapando e uma violenta batida.

— Boooooaaa! — exclamou Sage, gargalhando em triunfo. — Olha só! Virei para trás e pude ver de relance os destroços de dois carros batidos soltando fumaça e ficando cada vez mais para trás. Os outros carros desviaram, continuando na perseguição. Voltei a me abaixar no meu banco.

— Nada mau, não é? — perguntou Sage.

Ele estava rindo, eletrizado pela fuga. Seus olhos ardiam com a adrenalina e seus músculos estavam tensos enquanto ele forçava o carro ao limite.

Nunca tinha visto Sage tão bonito. Uma parte perversa de mim queria que aquela perseguição nunca mais acabasse.

— Segura firme! — gritou Sage, saindo dos becos. Ele acelerou ao máximo e deu um cavalo de pau, jogando mais três carros um contra o outro. Sage olhou para mim no chão. — Já está com o coração acelerado?

Estava sim... e tive a sensação de que ele sabia exatamente por quê. Sage sorriu, mas sua atenção logo foi desviada de volta pelo som de tiros. Fiquei observando-o quase sem respirar por vários minutos de pilotagem alucinante até despistarmos todos os carros que estavam nos perseguindo.

Agora estávamos disparando por uma via expressa quase vazia, sem ninguém suspeito no retrovisor.

— Hã... Sage? — disse Ben, por fim. Ele ainda parecia enjoado, mas cor estava começando a voltar seu rosto. Pra onde estamos indo?

— Para a praia de Kujukuri — disse Sage. — Fica a uns quarenta e cinco minutos daqui. Vamos parar para comprar um pouco de lenha e um isqueiro... devemos chegar lá mais ou menos às onze e meia.

Sage disse isso com um ar tranquilo, mas eu sabia que não era bem verdade. Não fiquei surpresa, mas senti um arrepio ainda assim.

— Sério? — perguntou Ben. — Não seria melhor a gente ir pra um hotel e pensar melhor no que fazer agora?

— Sage sabe o que fazer agora — disse eu.

— Tudo bem... e o que é?

— O ritual de libertação — dissemos Sage e eu ao mesmo tempo. Sage olhou de lado para mim, impressionado ao perceber que eu o conhecia o bastante para saber no que ele estava pensando. Ainda assim, seus olhos brilhavam cheios de determinação. Ele não iria voltar atrás.

— Ritual de libertação, você diz... com a adaga? — perguntou Ben.

— Foi por isso que viemos até aqui — disse Sage.

Ben abriu a boca, mas não disse nada. Em vez disso, ele apenas olhou para mim e ergueu uma sobrancelha, esperando alguma reação minha.

— Esse era o plano dele desde o começo — disse eu.

E se tudo corresse de acordo com o plano de Sage, ele estaria morto dentro de exatamente uma hora e meia. Achei que isso seria dramático o suficiente para dar início a uma longa conversa, cheia de despedidas românticas e histórias tristes sobre tudo o que poderia ter sido entre nós. Mas, em vez disso, apenas ficamos em silêncio.

— Sabe... — disse Ben por fim — não consigo parar de pensar naquilo que nós vimos... no que eu fiz...

— Não era você — disse eu.

— Mas era sim — rebateu ele. — Era eu — e era mesmo. De fato, ele tinha feito coisas horríveis para mim em todas as minhas vidas. — Sempre acabei traindo você — continuou Ben. — Sempre fiz você...

Ele engasgou e tentei me agarrar à única coisa na visão de Magda que tornava tudo aquilo um pouco melhor.

— Você nunca quis que aquelas coisas acontecessem — disse eu. — Lembra? Você não sabia que tudo aquilo ia acontecer.

— Pior ainda! Isso significa que nunca vou poder confiar em mim. Mesmo quando acho que estou fazendo a coisa certa, acabo estragando tudo!

Ben tinha razão. Mesmo quando ele tentava me ajudar, suas ações sempre acabavam me levando à morte.

Isso iria acontecer de novo?

Não. Este era Ben. O meu amigo. Independentemente de tudo o que ele já tivesse feito nesta vida, ele morreria antes de me fazer qualquer mal. Eu tinha certeza disso.

Na verdade, estava começando a ter algumas dúvidas, mas deixei isso de lado.

— O que já aconteceu antes não precisa acontecer agora de novo — prometi a ele. — Aquelas pessoas não eram você. Elas podem fazer parte de você, mas não são você.

— Como você tem certeza? — perguntou ele, e pude sentir em sua voz quanto ele queria acreditar em mim.

— Tudo faz parte do ciclo — disse Sage. — Um ciclo que vai acabar esta noite.

Ele parou em um mercado.

— Vou levar só um minuto — disse Sage.

— Pode me emprestar seu celular? — pedi. — Preciso mandar uma mensagem pra Rayna, só pra avisar que estamos vivos.

Sage me olhou, pensando nas palavras que eu tinha escolhido, mas me entregou seu celular antes de entrar no mercado.

— Já volto — disse eu para Ben e então desci do carro. Eu tinha um plano.

Não mandei nenhuma mensagem para Rayna. Em vez disso, abri a bolsa da minha câmera, peguei o endereço daquele site e a senha que eu tinha encontrado no escritório do meu pai: o fórum virtual dos Redentores da Vida Eterna. Postei uma mensagem rápida e simples, dizendo quem era eu, que eu estava com Sage e que nós estávamos indo para a praia de Kujukuri. Escrevi que, se eles quisessem o Elixir, teriam que nos encontrar até a meia-noite, ou seria tarde demais.

Sage já estava voltando para o carro. Eu não tinha tempo para ler os outros posts do fórum e ver se o site tinha sido acessado recentemente. Tudo o que eu poderia fazer era jogar aquela informação lá e esperar que alguém viesse atrás de nós antes que fosse tarde.

Eu estava esperando a ajuda de um dos nossos maiores inimigos, mas era a minha única opção e achei que poderia dar certo. Tudo o que me restava agora era esperar.

— A Rayna mandou um oi — disse eu, devolvendo o celular pra Sage.

Entramos no carro e continuamos indo até o local que ele tinha escolhido para pôr fim à própria vida.

Chegamos à praia de Kujukuri meia hora antes da meia-noite.

Nós três descemos do carro, mas Sage pôs a mão no ombro de Ben.

— Se você não se importar... gostaria de ir sozinho com a Clea.

Ben pareceu ficar chateado por um instante, mas então ficou olhando para

Sage e eu, confuso.

— Tudo bem, claro — disse ele. Os dois ficaram parados, sem jeito, sabendo bem que esta seria a última vez que se veriam. Ben finalmente estendeu sua mão. — Não sei nem o que dizer...

Sage olhou para Ben por um instante, então pegou sua mão e o puxou para dar um abraço. Ele sussurrou algo no ouvido de Ben, que concordou com a cabeça enquanto eles se soltavam.

Sage pegou minha mão e descemos juntos até a praia. A faixa de areia era longa e larga, com grandes dunas despontando contra uma área residencial onde todos já estavam dormindo àquela hora da noite. Fomos andando até chegarmos a uns três metros da água, perto o suficiente para a areia estar dura e compacta sob nossos pés, mas longe o bastante para que as ondas não chegassem até nós e estragassem os planos de Sage.

Eu tinha aguentado firme durante o caminho todo, sem me permitir acreditar que aquilo de fato iria acontecer. Eu tinha até um plano para impedir.

Mas agora nós realmente estávamos ali, faltando poucos minutos para a meia-noite, e não havia nenhuma garantia de que meu plano daria certo. Se não desse, seria o fim. Não era como se eu pudesse arrancar a adaga da mão de Sage. Se ele quisesse fazer aquilo, eu não teria como impedi-lo.

Lágrimas começaram a inundar meus olhos e tentei manter minha voz calma.

— E agora?

— Vou fazer uma fogueira, como a Magda disse, e reconhecer todos os prazeres que estou sacrificando.

Ele pegou minha mão, me levou até uma parte seca da areia e então me puxou em seus braços para um longo beijo.

Era o fim. Comecei a chorar.

— Não faça isso — implorei. — Você não precisa.

— Preciso, sim. Até o seu pai sabia disso.

Eu nem conseguia falar, estava chorando demais para fazer qualquer outra coisa. Sage inclinou para beijar minha testa. Vi lágrimas em seus olhos também. Enquanto ele se afastava, agarrei sua mão e o puxei para os meus braços. Fiquei abraçada com ele enquanto soluçava de tanto chorar. Se eu o segurasse com força o bastante, talvez ele não tivesse como fazer nada. Ele teria que ficar comigo até

depois da meia-noite. Ganharia mais um dia e, se conseguisse, poderia continuar fazendo isso mais e mais vezes. Eu tinha que mantê-lo comigo a qualquer custo.

Com um toque gentil, mas firme, Sage se soltou de mim. Ficar sem seus braços à minha volta foi a sensação mais devastadora do mundo.

Foi como a morte. Caí na areia, completamente indefesa e perdida.

Enquanto eu chorava, Sage começou a preparar a fogueira e então a cercou com desenhos que ele fez na areia com um galho. O resultado final foi um círculo de imagens ilustrando seu tempo neste mundo... seu tempo comigo.

Ele voltou até mim e pegou minha mão. Eu a segurei como se fosse uma corda de salvamento. Ele me abraçou e eu me aconcheguei em seus braços o máximo que pude, tentando memorizar a sensação do seu corpo junto ao meu.

Sage me levou para um passeio por todas as nossas vidas juntos, uma imagem após a outra. Sage e Olivia em um barco a remo no rio Tibre. Sage e Catherine dançando em um belo campo. Sage e Anneline no altar, prestes a se casarem. Sage e Delia, sorrindo um para o outro sobre o piano. Sage e eu na praia do Rio, nos vendo pela primeira vez.

Era uma obra de arte. Nós éramos uma obra de arte. Eu não queria crer que aquilo poderia acabar.

Ouvi uma fungada e percebi que Sage estava chorando também.

Ergui a cabeça e fiz que olhasse nos meus olhos.

— Não faça isso — exigi.

— Eu preciso — soluçou ele. Sage lutou para desviar os olhos na direção de seu relógio. — Onze e cinquenta e cinco — disse ele com uma voz rouca. — Você precisa ir embora. Não quero que veja isso.

Fiquei na ponta dos pés e coleí meus lábios aos dele. Coloquei meus braços em volta de seu pescoço e nós nos beijamos. Eu queria que aquele momento durasse para sempre. Se conseguisse segurá-lo comigo por mais cinco minutos, tudo ficaria bem.

Cinco minutos. Era só o que eu precisava.

Comecei a beijá-lo com voracidade, passando as mãos pelo seu corpo, descendo pelo seu peito, passando pelo cinto de sua calça...

— Não, Clea — implorou ele, me empurrando com as mãos. — Não posso deixar.

— Pode, sim. Você quer. Por favor — mergulhei de novo em seus braços e voltei a beijá-lo, freneticamente agora, desesperada para mantê-lo ocupado.

— Não! — ele me empurrou para longe, com força, e caí na areia. Sage enxugou a última de suas lágrimas com as costas da mão e então sacou a adaga. — Me perdoe, Clea, mas preciso fazer isso. Eu te amo muito.

Tentei dizer que também o amava... mas só consegui soluçar.

Sage olhou para o relógio — será que ele não tinha mais nem um minuto?

Foi quando ouvi pneus derrapando. Faróis iluminaram a noite e uma Kombi velha entrou com tudo na areia. As portas se abriam; três homens e duas mulheres desceram, todos com armas em punho.

Meu Deus, seriam mesmo eles? Quase desmaiei de alívio, mas não havia tempo para isso. Eles não estavam longe, mas ainda não tinham nos visto.

— Aqui! Estamos aqui! — gritei, acenando os braços.

Cinco armas se viraram bem contra mim.

— O que você está fazendo? — gritou Sage.

— Aqui! — gritei eu de novo.

— Clea! — urrou Sage e então mergulhou, jogando-se em cima de mim enquanto os cinco membros dos Redentores da Vida Eterna abriam fogo e vinham correndo contra nós. Mantendo minha cabeça abaixada, ele me empurrou para trás de uma duna enquanto os tiros zuniam à nossa volta.

— O que foi que você fez?! — rosnou ele.

— Avisei pra eles onde a gente estava. Não tive outra escolha.

Os tiros estavam ficando mais próximos. Sage pegou minha mão e saiu correndo comigo, ziguezagueando pela praia e se escondendo atrás das dunas. Corremos o mais rápido que podíamos. O esforço estava rasgando meus pulmões, mas agradei por aquela sensação. Sage estava comigo. Ele estava vivo.

Uma dor violenta atravessou meu corpo e tombei no chão atrás de uma duna. Pus a mão na minha coxa. Estava escorrendo sangue. Minha cabeça começou a girar.

— Clea! — Sage caiu de joelhos e ficou apertando minha perna, tentando estancar o sangramento.

— Clea! — gritou outra voz.

Ben? Ele estava correndo pela praia, vindo até nós. Não, não! Péssima ideia!

Quis gritar para que ele voltasse, para que ficasse longe de nós, mas isso só chamaria a atenção dos Redentores.

— Clea! Clea! — gritava Ben, enquanto corria cegamente em meio às dunas.

Droga! Ele não precisava da minha ajuda para chamar a atenção daqueles loucos. Eles o avistaram agora, correndo na nossa direção.

Ninguém precisaria ser um gênio para concluir que ele estava com a gente. Reunindo todas as minhas forças e esperando distrair os atiradores, ainda que por um breve instante, gritei:

— Ben, pare! Vá embora! Saia daqui!

Tarde demais. Um homem o agarrou com força e ele foi dominado pelo grupo.

— Estamos com o seu amigo! — gritou uma das mulheres. — Entregue o que nós queremos e não vamos fazer nada de mal para ele!

Entregar o que eles queriam? Entregar Sage a eles? Nem pensar!

Eu me virei para ele. Sage me abriu um sorriso cheio de ternura e ajeitou meu cabelo atrás da orelha.

— Como está a sua perna? Tudo bem com você?

— Não, Sage, por favor...

— Foi só de raspão. Sei que dói, mas você vai ficar bem.

Senti uma explosão de pânico e agarrei sua camisa com força.

— Não vá!

— Ele não significa nada para eles, Clea. Se eu não me entregar, eles vão matar o Ben.

Não me importava. Não queria que Ben se machucasse, mas queria menos ainda que Sage fosse embora.

— Não — foi a única palavra que consegui dizer. Não, não, não, não, não.

Sage me calou com um beijo.

— Eu te amo — disse ele.

Ele soltou meus dedos de sua camisa e foi andando pela praia até Ben e os outros, com as mãos erguidas, rendido.

— Tudo bem — disse Sage, com calma. — Estou aqui. Soltem o garoto.

— Não... — grunhiu Ben, mas não havia nada que ele pudesse fazer. A mulher sorriu e então acenou com a cabeça para o homem que estava segurando Ben. Ele o empurrou com força e Ben cambaleou na direção de Sage. Sage ajudou Ben a se

equilibrar por um instante. Eles trocaram algumas palavras antes que dois homens avançassem, encostando suas armas na cabeça de Sage. Um tiro não o mataria, mas eles sabiam que isso atrapalharia bastante caso ele tentasse fugir. Eles o levaram correndo para dentro da van e fecharam a porta com tudo, enquanto disparavam em alta velocidade.

Sage tinha sido levado. Fiquei olhando enquanto a van sumia ao longe.

— Clea... — arriscou Ben. Ele estava ao meu lado agora. Balancei a cabeça.

— Você só precisava ter ficado onde estava — murmurei. — O Sage ainda estaria aqui e estaria vivo, depois da meia-noite.

— Eu sei, meu Deus — lamentou-se Ben. — Eu sei... mas vi você caindo e aí tive que correr pra te ajudar e... e fiz tudo de novo. Estraguei tudo.

Ben começou a chorar. Em geral, eu seria a primeira a tentar consolá-lo mas estava entorpecida.

Uma sirene cortou a noite e luzes iluminaram a escuridão. Várias viaturas de polícia encostaram ao nosso lado na praia. Mas já era tarde demais.

— Você está confortável assim? — perguntou minha mãe. — Posso pegar outro travesseiro para erguer sua perna.

— Estou bem, mãe.

— Tem certeza? O voo vai ser longo.

— Tenho, sim.

Fazia vinte e quatro horas desde que eles tinham levado Sage, e eu estava ao lado da minha mãe na primeira classe de um voo de volta para Nova York. Ben estava sentado do outro lado do corredor.

A polícia tinha ido até a praia porque os vizinhos ouviram os tiros. Eles nos interrogaram brevemente antes de me levarem até o hospital para que minha perna fosse examinada. Ben e eu dissemos não saber de nada, que só estávamos passeando pela praia quando o tiroteio começou e eu fui atingida.

Quando fui liberada com o diagnóstico de um simples ferimento superficial, Ben já tinha avisado minha mãe. Ela estava a caminho de Tóquio e havia pedido à segurança do hospital para nos vigiar até que ela chegasse para nos levar embora.

Achei que a imprensa com certeza deveria estar pirando com tudo o que tinha acontecido. A história de Ben e eu envolvidos em um tiroteio aleatório no Japão renderia uma manchete picante e tanto, logo depois das fofocas sobre o nosso

noivado. No entanto, minha mãe fez algum milagre e conseguiu acobertar a história.

Por mais que a imprensa não soubesse o que tinha acontecido, o fórum virtual que eu tinha acessado estava em polvorosa. Os Redentores capturaram Sage... mas quanto tempo isso iria durar? Ele ainda estava com a adaga. Ao bater de qualquer meia-noite, ele poderia se matar e eu nunca ficaria sabendo.

Sage estaria vivo? Ele estaria com o meu pai? Meu pai estaria vivo? Fiquei mais perdida do que nunca.

Eu me remexi na poltrona.

— Sua perna está incomodando? — perguntou Ben.

Fiz uma careta. Sabia que ele estava se esforçando para me agradar, eu sabia... mas não adiantava.

— Não é só a minha perna que está incomodando — disse eu, seca. Ben abriu a boca para dizer alguma coisa, mas mudou de ideia. Ajeitou seu topete com a mão e suspirou.

Até aquele suspiro me irritou. Não queria ouvir mais nada. Virei de costas e fiquei vendo minha mãe dormindo na poltrona ao lado.

Dormir. Eu queria dormir, mas estava com medo. Tinha medo dos pesadelos, mas ainda mais dos meus sonhos. De encontrá-lo em meus sonhos e então acordar... para perdê-lo de novo. Eu não conseguiria aguentar.

Mas pior ainda era a ideia de que eu poderia fechar meus olhos e não encontrá-lo nunca mais.

Levantei da poltrona e fui me trancar no banheiro. Fiquei me olhando no espelho. Aquele rosto não parecia ser meu. Tentei entender o que poderia ter acontecido. Quando foi que eu tinha mudado tanto por dentro a ponto de nem me reconhecer mais?

De repente, tive a sensação de que essa estranha poderia ter todo um oceano de segredos para me contar.

Talvez eu só precisasse ouvir.

Eu tentei.

Mas não deu.

Inclinei para frente, olhando em seus olhos.

Desviei o rosto e voltei para a minha poltrona.

Seja lá o que ela tivesse para dizer, eu não estava conseguindo ouvir.  
E eu não sabia se algum dia conseguiria.

FIM

Continua em Devoted •

